



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**ASCENSÃO DAS IDÉIAS NAZISTAS EM PERNAMBUCO: A QUINTA  
COLUNA EM AÇÃO (1937-1945)**

**PHILONILA MARIA NOGUEIRA CORDEIRO**

**Recife – PE  
2005**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**PHILONILA MARIA NOGUEIRA CORDEIRO**

**ASCENSÃO DAS IDÉIAS NAZISTAS EM PERNAMBUCO: A QUINTA  
COLUNA EM AÇÃO (1937-1945)**

**Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-graduação em  
História da UFPE, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Mestre em História.**

**Orientadora: Prof. Silvia Cortez  
Silva**

**Recife-PE  
2005**

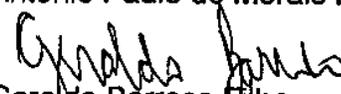
**ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA PHILONILA MARIA  
NOGUEIRA CORDEIRO**

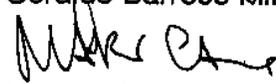
Às 14:00 h do dia 19 (dezenove) de maio de 2005 (dois mil e cinco), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna **Philonila Maria Nogueira Cordeiro**, intitulada **“Ascensão das Idéias Nazistas: A Quinta Coluna em Ação (1937-1945)”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder a mesma o conceito **“APROVADO COM DISTINÇÃO”** em resultado à atribuição dos conceitos dos professores: Silvia Cortez Silva (orientadora), Antonio Paulo de Moraes Rezende e Geraldo Barroso Filho. Assinam, também, a presente ata o Coordenador, Prof. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho, e a Assistente em Administração Marta Lopes Gomes, para os devidos efeitos legais.

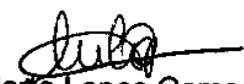
Recife, 19 de Maio de 2005.

  
Prof.ª. Dr.ª. Silvia Cortez Silva

  
Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende

  
Prof. Dr. Geraldo Barroso Filho

  
Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho

  
Marta Lopes Gomes

*À Laura e Caio.  
Espero que entendam, no  
futuro, minhas ausências.*

## AGRADECIMENTOS

Chegando ao final de mais uma etapa de um trabalho extremamente gratificante, gostaria de deixar registrado o nome de algumas pessoas que de forma muito especial marcaram essa minha trajetória: *Prof. Antonio Paulo Rezende* que acreditou em nosso trabalho, sendo o responsável pelo encaminhamento à *Prof. Silvia Cortez*, minha orientadora, de uma simpatia fora do comum que me acolheu de braços abertos e também acreditou que poderíamos desenvolver um bom trabalho, sempre me incentivando; agradeço também à torcida que me apoiou como: a ex-secretária do Departamento, *Luciane*; *Prof. Carlos Miranda e Carmem* que nunca mediu esforços para nos ajudar com material para nossa pesquisa na biblioteca setorial do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE. *Prof. Antonio Montenegro* que teve a gentileza de ler minhas primeiras anotações da dissertação e nos deu valiosas dicas; minha amiga *Giselda Brito* que muito me incentivou e orientou nessa jornada; meus colegas de curso, *Lana, Pedro, Lins, Luzinete, Priscila, Eraldo, Bruno, Jair, Ricardo, Gislaine, Tiago*, especialmente *Alessandro* que sempre teve a paciência para ouvir minhas reclamações e bobagens; meu aluno Paulo que me ajudou na transcrição das fontes no Arquivo Público; *CNPQ* pela bolsa de pesquisa; *Guga* meu companheiro pelo apoio em todos os sentidos e minha irmã *Deta* pela dedicação e o cuidado com meus filhos, sempre me compreendendo quando eu precisava de silêncio e sossego para realizar esse trabalho, não medindo esforços para me ajudar.

A todos muito obrigada. Valeu!

## RESUMO

CORDEIRO, Philonila Maria Nogueira. **Ascensão das Idéias Nazistas em Pernambuco: A Quinta Coluna em Ação (1937-1945)**. 2005. 186 f. (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

Este trabalho teve como objetivo pesquisar quais os meios e estratégias foram utilizados na divulgação das idéias nazistas em Pernambuco no período de 1937 a 1945 pelos simpatizantes, denominados de quinta coluna. Analisamos os jornais: Folha da Manhã, Jornal Pequeno, Jornal do Commercio e Diário de Pernambuco, trabalhando dois momentos nesse combate: o período anterior ao conflito da Segunda Guerra Mundial e mesmo na época da neutralidade do Brasil como uma fase positiva para os defensores da política de Hitler, diante da ambigüidade do governo Vargas, possibilitando uma grande divulgação dessas idéias através dos meios de comunicação, a exemplo do jornal, com artigos de jornalistas defensores das idéias nazistas, a publicidade e o cinema; e o período em que o Brasil vai se aliar aos Estados Unidos, sendo uma fase caracterizada pela perseguição aos simpatizantes das idéias nazistas, sendo também utilizado, da mesma forma, os meios de comunicação, mas no sentido da contra-propaganda dessas idéias e elogiando o pan-americanismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema, Propaganda, Alemanha, Nazismo, Fascismo, Quinta coluna, Segunda Guerra Mundial.

## ABSTRACT

CORDEIRO, Philonila Maria Nogueira. Ascension of the Nazis ideas in Pernambuco: the fifth column in action (1937-1945). 2005. 186 f. Mastership in History. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

This work had as objective to search which the ways and strategies had been used in the spreading of the Nazis as ideas in Pernambuco in the period of 1937 the 1945 for the symmetrical, called of fifth column. We analyze periodicals: Leaf of the Morning, Small Periodical, Periodical of the Comercio and Diário de Pernambuco, working two moments in this combat: the previous period to the conflict of the Second World War I and exactly at the time of the neutrality of Brazil as a positive phase for the defenders of the politics of Hitler, ahead of the ambiguity of the government Vargas, making possible a great spreading of these ideas through the medias, the example it periodical, with articles of defending journalists them Nazis as ideas, the advertising and the cinema; e the period where Brazil goes to enter into an alliance with the United States, being a phase characterized for the persecution to the symmetrical of the Nazis as ideas, being also used, in the same way, the medias, but in the direction of the against-propaganda of these ideas and praising the pan-Americanism.

Keywords: Cinema, Advertising, Germany, Nazism, Fascism, Fifth column, Second World War I.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig.01 - Propaganda do Galenogal com a águia representativa do nazismo.....	72
Fig.02 -Propaganda do Galenogal com Mussolini.....	72
Fig.03 - Propaganda do Galenogal com noivos.....	73
Fig.04 - Propaganda do Galenogal com criança.....	73
Fig.05 - Propaganda da Cerveja Teotônia .....	74
Fig.06 - Propaganda da bebida Aliada .....	74.
Fig.07 – Propaganda de eletricidade contra o quinta coluna.....	74
Fig.08 – Cigarros Nacionais.....	74
Fig.09 – Filme: Guerra Relâmpago.....	77
Fig. 10 - Filme: Espionagem de Guerra .....	155
Fig.11 - Filme: Espião Nazista .....	155.
Fig.12 - Filme: Espião Invisível .....	156
Fig.13 - Filme: O Sabotador .....	156
Fig.14 - Filme: O Grande Ditador .....	158
Fig.15 - Filme: Correspondente em Berlim .....	160
Fig.16 - Filme: Confirme ou Desminta! .....	160
Fig. 17- Filme: Espião Fascinadora .....	160
Fig. 18 - Filme: Gestapo .....	160
Fig.19 - Filme: Balas contra a gestapo .....	160
Fig.20 - Filme: Fuga .....	161
Fig.21- Filme: ...E as luzes brilharão outra vez.....	161
Fig.22 - Filme: Tempestade D'alma .....	161
Fig.23 - Filme: 4 filhos.....	163

Fig. 24 - Filme: Uma voz nas trevas .....	163
Fig. 25- Filme: Os Filhos de Hitler.....	164
Fig.26 - Filme: Casei-me com um nazista .....	164
Fig.27- Filme: O Homem que quis matar Hitler.....	165
Fig.28 - Peça teatral “A Quinta Coluna” .....	166

**LISTA DE SIGLAS**

AGM – Arquivo Agamenon Magalhães

APEJE – Arquivo Público do Estado Jordão Emerenciano

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

DOPS – Delegacia de Ordem e Política Social

DOPS/PE – Delegacia de Ordem e Política Social de Pernambuco

FGV – Fundação Getúlio Vargas

SSP/PE – Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco

TSN – Tribunal de Segurança Nacional

NSDAP – Partido Nacional-socialista dos Trabalhadores Alemães

SA – Tropa de Assalto

SS – Esquadrões de Proteção

ABWEHR – Alto Comando das Forças Armadas da Alemanha

DEIP – Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda

STM – Superior Tribunal Militar

FEB – Força Expedicionária Brasileira

MGM – Metro-Goldwyn-Mayer

JC – Jornal do Commercio

## SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo I – Alemanha: Imagem de esplendor e glória em jornais de Pernambuco.....	26
1.1.Somos todos alemães.....	26
1.2 O Estado Novo e o desenvolvimento das idéias nazistas.....	53
1.3 A “neutralidade disfarçada”.....	61
Capitulo II – As Atividades dos simpatizantes nazistas.....	69
2.1. A propaganda publicitária e o cinema divulgando o ideário nazi-fascista em Pernambuco.....	69
2.2 Arte, Vida & Morte.....	82
2.3 Por trás dos bastidores, as suspeitas.....	87
2.4 O que eu ganho com isso?.....	98
III Capítulo – A construção da ameaça quinta colonista.....	112
3.1 Mário Melo e a construção do perfil quinta-coluna.....	116
3.2 Mário Melo e a resposta dos leitores.....	124
3.3 O discurso religioso contra o quinta coluna.....	131
3.4 O quinta coluna nos bancos da Igreja.....	134
3.5 Stefan Zweig e a traição do seu adeus: um trabalho de quinta coluna.....	139
3.6 O front interno e o carnaval.....	141
3.7 O cinema e o teatro na luta contra o quinta coluna.....	149
4..Considerações finais.....	167
5. Fontes e Bibliografia.....	173

## INTRODUÇÃO

Nosso trabalho teve como proposta central pesquisar quais os meios e estratégias possibilitaram a divulgação, em Pernambuco, das idéias nazistas no período de 1937-1945 e qual o discurso utilizado por alguns jornalistas com relação ao desenvolvimento da política nazi-fascista e como compreendiam o papel que o Brasil deveria desempenhar nesse momento tão delicado. O sub-tema: “A Quinta Coluna em Ação” se refere à denominação que foi dada às pessoas identificadas como simpatizantes às causas nazistas ou fascistas, sendo acusadas de “traidores da pátria” por estarem, supostamente, atuando em favor dos eixistas quando o Brasil deixou o estado de neutralidade e se aliou aos Estados Unidos.

Em artigo no Jornal do Commercio de maio de 1940, o jornalista José Campelo menciona que o termo “quinta coluna” foi criado pelo general Molla, da Espanha, para denominar os nacionais que estavam ao lado do general Franco, na guerra civil espanhola, e dentro de Madrid, trabalhavam tentando desarticular os republicanos<sup>1</sup>.

Numa edição comemorativa à semana antifascista, realizada no período de 10 a 16 de maio de 1943, a União Nacional dos Estudantes elaborou um artigo sobre a quinta coluna com maiores detalhes sobre essa expressão. COHEN(1988) destaca-as

---

<sup>1</sup> “Pacifismo e Quinta columna”. Artigo de José Campello – Redator-chefe da Folha da Manhã 11/05/1940 - APEJE

“A expressão ‘Quinta Coluna’ foi empregada pela primeira vez, na Espanha, pelo General Fascista Molla. Quando Madrid estava cercada pelos franquistas, o General Molla, numa irradiação, declarava que, além das forças armadas que marchavam sobre Madrid, uma outra coluna – a quinta coluna – na retaguarda dos republicanos, contribuía poderosamente para a invasão ítalo-alemã, através de sabotagem, traição, calúnias, ‘entravando o esforço de guerra do povo mártir’. Esta ‘Quinta Coluna’ era composta de nacionais traidores, ideologicamente identificada com os nazi-fascistas. Os espanhóis fascistas que não puderam juntar-se às tropas de Franco procuraram dedicar-se à sabotagem, ao atentado pessoal, à traição, à espionagem, à resistência passiva, à calúnia, ao boato, constituindo nisto o trabalho da Quinta-Coluna. O quinta colonismo é um soldado e funcionário do fascismo.”

A “quinta coluna” foi também tema de uma peça teatral escrita por Ernest Hemingway, em 1937. No prefácio dizia:

“O título da peça tem a ver com a afirmação das forças insurretas de que havia quatro colunas militares avançando na direção de Madri, no outono de 1936, e uma quinta, integrada por simpatizantes, que já se encontrava na capital e atacaria seus defensores pela retaguarda. Se muitos membros dessa Quinta Coluna já estão mortos hoje, é oportuno recordar que morreram em refregas onde demonstraram ser tão perigosa e determinada quanto qualquer uma das baixas sofridas pelas outras quatro colunas...”<sup>2</sup>.

Portanto, na Espanha, “quinta coluna” era a denominação dada para uma parcela da população espanhola que estava apoiando o general Franco na guerra civil contra os republicanos. Com o avanço do nazismo e do fascismo em muitos países essa expressão foi adotada para denominar os nacionais acusados de simpatizarem com essas idéias. No entanto, as analogias que são feitas para enquadrarem essas pessoas como quinta coluna nos mostra a dimensão que o termo alcançou. Na Inglaterra, por exemplo, o jornal Daily Mall no seu editorial do dia 06 de maio de 1942 relacionava como estratégia da quinta coluna “a apatia perigosa dos partidos políticos”. Dizia o editor:

---

<sup>2</sup> HEMINGWAY, Ernest. A Quinta Coluna. Civilização Brasileira, São Paulo, 1986, pág. 6 e 7.

“Mas a grande arma da quinta coluna é o pacifismo. Ainda há poucos dias Lord Mosley, chefe fascista da Inglaterra discursava proclamando ‘a necessidade de uma paz imediata, enquanto o país não fosse totalmente derrotado e as suas forças estivessem intactas. A quinta coluna tirou um excelente partido desse movimento pacifista, que é uma verdadeira traição à Inglaterra. Sabendo-se que esta se defronta com um inimigo disposto a destruir-lhes o império”<sup>3</sup>

Segundo Eric Hobsbawm, o pacifismo na Grã-Bretanha era muito popular até a década de 1940. A lembrança da Primeira Guerra ainda era muito forte, principalmente o impacto que teve a perda de vidas nesse país, o que incentivava evitar-se uma outra guerra. A esperança que as pessoas alimentavam era de que o pacifismo pudesse provocar um colapso na Alemanha, mas era ilusão, pois subestimaram o poder de Hitler e as forças de resistência na Alemanha não lograram êxito<sup>4</sup>. No entanto, para muitas pessoas, não se poderia lutar contra o nazi-fascismo sem se armar, conforme percebemos nas palavras do editor do Dailly Mall, indignado com a posição de seu país, diante do avanço de Hitler. Para ele, desejar que a Inglaterra pensasse em paz, quando a Alemanha mostrava sinais de que não existia limite para ela, era trair o país, era trabalho de quinta coluna.

No Brasil, essa expressão “quinta coluna” foi usada para denominar os brasileiros que simpatizavam com o fascismo ou nazismo. Mas também, conforme mostraremos mais adiante, foi usada como uma “arma” de acusação contra qualquer pessoa que manifestasse ou indiferença ou idéias diferentes das defendidas pelo governo à época em que se aliou aos Estados Unidos.

Anterior a esse período, no entanto, à época em que o Brasil encontrava-se neutro no conflito mundial, não observamos que os simpatizantes

---

<sup>3</sup> “Pacifismo e Quinta Coluna. Artigo de José Campello. Folha da Manhã 11/05/1940 - APEJE

<sup>4</sup> HOBBSBAUM, Eric. Era dos Extremos – O breve século XX 1914-1991. Cia das Letras, 1995, p.153-155. Ver também KERSHAW, Ian. Hitler, um Perfil do Poder. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993 p. 91

das idéias nazista ou fascista tivessem problemas com o governo brasileiro. Não foram cerceados em seus direitos, e nem mesmo essa expressão “quinta coluna” era usada para denominá-los.<sup>5</sup> Alguns estudiosos consideram que isso acontecia porque era facilitado pelo próprio governo Vargas que agia como se fosse favorável a Alemanha. Enquanto esse país saía vitorioso nas diversas batalhas, ganhando territórios, Getulio Vargas entusiasmado discursava: *“Sentimos que os velhos sistemas e fórmulas antiquadas entram em declínio... Uma nova era começava. Tornava-se necessário remover o entulho das idéias mortas e dos ideais estéreis...”*. Esse famoso discurso de 11 de junho de 1940 foi recepcionado como uma tomada de posição favorável à Alemanha.<sup>6</sup> Nesse sentido, entendemos que a neutralidade do país, decretada em 20 de outubro de 1939, muito favoreceu aos simpatizantes do nazismo e do fascismo que não viam motivos para esconder suas opções políticas. Alguns estudiosos consideram que eles não tinham consciência do que faziam:

“...será interessante mostrar quantas firmas nacionais, jornais, funcionários, profissionais liberais, militares, clérigos e jovens se deixaram induzir, a maioria sem nada compreender, a não levar em consideração os interesses da sua pátria”.<sup>7</sup>

Compreendemos que essa é uma visão muito simplista e reducionista sobre o envolvimento desses simpatizantes nas atividades ligadas ao nazismo. Projeta, inclusive, uma imagem passiva e ingênua dessas pessoas. No entanto, esse argumento assemelhava-se aos depoimentos de muitos envolvidos. Antônio

---

<sup>5</sup> Apesar de Getulio Vargas desde o Golpe de 1937 desenvolver um trabalho de vigilância através da criação da DOPS, a repressão aos considerados “quinta coluna” vai acontecer após o Brasil se aliar definitivamente aos norte-americanos. Vários estudiosos abordam essa questão: ver HILTON, E. Stanley. *Suástica Sobre o Brasil. Civilização Brasileira*, 1977; BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República – 1930 a 1960*. Ed. Alfa-Ômega, S.Paulo, 1991; GAMBINI, Roberto. *O Jogo Duplo de Vargas*. São Paulo, Símbolo, 1977; entre outros.

<sup>6</sup> BASBAUM, Leôncio. *Op. Cit.* p. 118

<sup>7</sup> DEHILOTTE, Pierre. *Gestapo*, Paris, Payot, 1940, pág 167 in SILVA, Helio. *1939: Véspera de Guerra*, Civ.Brasileira, 1974, pág 110. (Grifo nosso)

Barreto, por exemplo, à época repórter do Diário de Pernambuco, acusado e indiciado por envolvimento em espionagem nazista, se considerava “bode expiatório” no caso, ou seja, sentia-se vítima<sup>8</sup>.

Defendendo a tese da neutralidade, muitos que foram representados como quinta coluna por terem se envolvido com a espionagem alemã não se reconheciam como traidores do país, a exemplo do engenheiro Dr. Luiz Eugênio Lacerda de Almeida, acusado de espionagem à base naval de Natal. Em depoimento ao Dr. Etelvino Lins alegou que concordou em fazer tal serviço porque o Brasil estava neutro no conflito mundial, tornando-se admirador das vitórias alemãs.<sup>9</sup> A polêmica desenvolvida nos jornais em torno das supostas participações de brasileiros nas atividades nazistas aqui desenvolvidas foi muito grande, sendo mais adiante objeto de maiores reflexões.

De acordo com nossas pesquisas nos jornais, no período em que a Segunda Guerra não havia ainda começado e mesmo na época em que o Brasil estava neutro nesse conflito, observamos que a Alemanha e Hitler eram retratados com admiração. O progresso desse país chamava a atenção, principalmente porque se reerguia diante das instabilidades financeiras que atravessou após o conflito da Primeira Guerra Mundial. Nesse sentido, vejamos como o Jornal do Commercio descreve a visita que Mussolini faz à Alemanha em outubro de 1937 em retribuição à visita que Hitler fizera à Itália dias antes:

---

<sup>8</sup> RIVAS, Leda. O Diário de Pernambuco e a Segunda Guerra Mundial. Dissertação de Mestrado. UFPE, 1988 pág 632.

<sup>9</sup> CORDEIRO, Philonila M.N. O Nazismo em PE. Monografia, FAITVISA, 2001, pág. 52-53

“A visita que Mussolini acaba de fazer á Alemanha forneceu-lhe oportunidade a que assistisse a um dos maiores desfiles dos últimos tempos. Aproveitando a ocasião, de certo bem propicia, o fuhrer quis dar aquela magnífica demonstração de força que vale por uma afirmativa eloqüente do poder militar que fez a Alemanha renascer das suas próprias ruínas. Foi, não há dúvida, um espetáculo surpreendente. E tanto mais forte e impressionante quanto é certo que só esses aparatos bélicos podem causar emoção e espanto ao mundo para o qual só existe, como solução das suas crises políticas e itinerário da sua vida a corrida armamentista, a civilização das armas...”<sup>10</sup>

Note como a escrita do jornalista não se restringe em informar acerca do desfile e a presença dos dois governantes máximos da Itália e Alemanha. Procura também dar uma conotação emocional e destacar o poder bélico desse país, concordando que só o armamento levaria o país a conseguir a admiração de um mundo *“para o qual só existe, como solução das suas crises políticas e itinerário da sua vida a corrida armamentista, a civilização das armas”*.

Para o jornalista armar-se era condição essencial para ganhar poder. Na sua visão a Alemanha estava no caminho certo e transmitia essa admiração nesse artigo. Ao noticiar o encontro de Mussolini com Hitler não escapa ao jornalista mostrar um dos maiores artifícios da propaganda de Hitler que eram os desfiles pomposos em que mostravam sua força bélica. Tais desfiles levavam a multidão a se sentir psicologicamente unida, como observa Jean-Marie Domenach: *“bandeiras, estandartes, formam impressionante cenário... emblemas e insígnias... produzem um efeito fisiológico de fascínio e um efeito quase religioso, pois tais símbolos impregnam-se de profundo significado, como tivessem o poder de reunir tão grandes massas em uma espécie de ritual... os uniformes militares completam a decoração... projetores e tochas aumentam a fascinação...”*<sup>11</sup>

Ao utilizar palavras como: *“aquela magnífica demonstração”* o jornalista estava na escrita mostrando sua admiração e sentimentos sobre o

<sup>10</sup> Jornal do Comercio – 01/10/1937 – Notas avulsas - L.D. – APEJE

<sup>11</sup> DOMENCH, Jean Marie. A propaganda Política. Edição Ridendo Castigat Mores, Fonte digital [www.jahr.org](http://www.jahr.org), Versão para eBook: eBooksBrasil.com, 2001, p. 32. Acesso dia 26/01/2004.

ocorrido. Para Domenach a arte dos jornais consiste em sugerir ao leitor, mediante seleção e apresentação das notícias, argumentos em apoio de seus próprios modos de ver preconcebidos. Tais sentimentos que se expressam nas adjetivações corroboram opiniões e sentimentos nos indivíduos que se identificam com tal postura.<sup>12</sup>

Percebam como o jornalista do Jornal do Commercio, em matéria do dia 26/09/1937 se expressa quanto à visita de Hitler a Mussolini, mencionando como fundamental este encontro de líderes para discutirem de forma reservada os problemas que afetavam o mundo naquele momento, pois segundo o artigo, as conferências de paz nunca surtiam efeito e *“as discussões estéreis e monótonas acabam via de regra, na mais desenfreada demagogia política. Assim, melhor será que dois homens responsáveis pelos destinos de duas nações fortes estudem a questão européia, sem o verbalismo das reuniões internacionais... e, naturalmente uma maneira de fortalecendo essa ligação, com o fundamento de uma política nacionalista renovadora, dar combate às ideologias comunistas, que ameaçam o mundo”*.<sup>13</sup>

Fazendo comparação com os encontros de políticos do Brasil, o artigo alegava a seriedade daqueles líderes políticos, enquanto que no Brasil os encontros só aconteciam para “os passa-tempos e os prazeres da mesa”. Para ele Hitler e Mussolini eram homens sérios, que estavam preocupados com a paz mundial, enquanto que os políticos brasileiros figuravam na categoria de aproveitadores.

Compreendemos, portanto, que reportagens como essas reforçavam o estado de espírito pró-germânico que existia em muitos brasileiros, servindo assim

---

<sup>12</sup> DOMENCH, Jean Marie. A propaganda Política. Edição Ridendo Castigat Mores, Fonte digital [www.jahr.org](http://www.jahr.org), Versão para eBook: eBooksBrasil.com, 2001, p. 29. Acesso dia 26/01/2004.

<sup>13</sup> Sobre a Política Ítalo-germânica - Jornal do Commercio – 26/09/1937 - APEJE

como uma “espécie de propaganda” favorável à Alemanha. Segundo Maria Helena Capelato, Assis Chateaubriand já tinha chamado a atenção para a importância dos meios de comunicação direcionado à propaganda política: “...mencionando o exemplo da Alemanha nazista, Chateaubriand comentou que nesse país ‘ a técnica de propaganda obtém resultados até a hipnose coletiva (...) o número de heréticos se torna cada vez mais reduzido porque o esforço de sugestão coletiva é desempenhado pelas três armas poderosas de combate da técnica material de propaganda: o jornalismo, o radio e o cinema’(...)”.<sup>14</sup>

Na Alemanha a propaganda nazista era vista como uma arte. Hitler, em Mein Kampf mencionava: “a arte da propaganda consiste em ser capaz de despertar a imaginação pública fazendo apelo aos sentimentos, encontrando fórmulas psicologicamente apropriadas que chamam a atenção das massas e tocam os corações”.<sup>15</sup>

Entendemos que existia propaganda nazista nos meios de comunicação, notadamente no jornal e no cinema. No entanto, pretendemos trabalhar com a perspectiva de que essa propaganda foi utilizada em dois momentos distintos: num primeiro momento, anterior à decretação da Segunda Guerra Mundial e época em que o Brasil permanece neutro após o início do conflito, percebemos que essas idéias eram propagadas em alguns jornais via manifestações de apreço à política de Hitler por alguns jornalistas; a utilização da publicidade comercial e o cinema com a exibição de filmes voltados para essa temática. Posterior a esse momento, quando o Brasil se alia aos Estados Unidos, a propaganda será feita utilizando temas ligados ao nazismo, mas no sentido da contra-propaganda dessas idéias e como estratégia para perseguir seus

---

<sup>14</sup> CAPELATO, Maria Helena. Propaganda Política e Controle dos Meios de Comunicação, in PANDOLFI, Dulce. (org) Repensando o Estado Novo. FGV, 1999, pág 170.

<sup>15</sup> Idem, p 167.

simpatizantes. Neste sentido, pretendemos direcionar nossa problemática para as seguintes questões: qual era a mensagem que se transmitia e como se transmitia?

Analisamos através dos jornais da época, depoimentos policiais e estudos que encontramos sobre o assunto, qual a propaganda que circulava e quem simpatizava com ela ou a visão que se tinha de tais pessoas. Ao analisarmos o Jornal Pequeno, o Diário de Pernambuco, o Jornal do Commercio e a Folha da Manhã, através de colunas diárias, editoriais, propaganda publicitária, percebemos que poderíamos direcionar nosso trabalho neste sentido. Entrevistas, homenagens a pessoas importantes da comunidade alemã, felicitações pela passagem do aniversário do Fuhrer ou mesmo a passagem de mais um aniversário da morte de Hindenburg, noticiado como “*grande cabo de guerra alemão... grande soldado - o glorioso vencedor de Tammemberg, o estrategista admirável e invencível dos lagos Mussurianos*”,<sup>16</sup> serviam de motivação para que as pessoas vissem com bons olhos a ascensão da Alemanha no cenário mundial. No cinema, o documentário sobre a “*blitzkrieg*” (guerra-relâmpago), o primeiro filme de longa metragem sobre a estratégia utilizada pela Alemanha na guerra, teve grande repercussão e até a utilização de propaganda publicitária como a de um remédio chamado *Galenogal* que prometia limpar as impurezas do sangue revitalizando a vida, com a figura de Mussolini, representava um apelo muito forte às pessoas que liam o jornal.

Dessa forma, entendemos que a propaganda em torno das idéias nazistas terá significativa penetração nos meios de comunicação no período que antecede a Segunda Guerra Mundial e consideramos este fator de fundamental

---

<sup>16</sup> Aniversário da Morte de Hindenburg - Jornal Pequeno, 01/08/1936 - APEJE

importância para que a Alemanha nazista seja admirada por uma parcela da população pernambucana.

Ao levarmos nossa reflexão para a situação política interna do Brasil, nos deparamos com um país, visto por muitos estudiosos, com a liberal-democracia em crise, desenvolvendo um pensamento e regime autoritário. Para Maria Luiza T. Carneiro, esse momento de confusão política corroborou para que o Brasil fosse seduzido pelo fascismo europeu, possibilitando a ascensão da direita conservadora que foi representada tanto pela Igreja Católica como pelo movimento integralista brasileiro liderado por Plínio Salgado.<sup>17</sup> Compreendemos assim, que a mensagem que era transmitida de uma Alemanha superior encontrava um ambiente político cujas idéias propiciavam uma recepção positiva. Essas mensagens conseguiam assim *um efeito de sentido*<sup>18</sup> para muitos pernambucanos que temiam, inclusive, o avanço do comunismo.

No decorrer de nossa pesquisa, observamos que os simpatizantes nazifascistas poderiam ser colocados em duas categorias: os indivíduos que simplesmente tinham admiração, principalmente pela Alemanha, diante de seu ressurgimento no cenário mundial e os que além de simpatizarem, agiam em defesa do seu ideal, sob a forma de espionagem ou propaganda. A leitura que era feita à época, sobre essa dualidade não apresentava diferença significativa, pois quando o governo optou pelos aliados, ambos eram vistos como suspeitos em potencial. Conforme menciona Maria Luiza Tucci Carneiro, esse período, que

---

<sup>17</sup> TUCCI, Maria Luiza C. “Sob a máscara do nacionalismo: autoritarismo e anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)”. Texto publicado no E.I.A.L. – Estudos Interdisciplinares de América Latina y el Caribe. Volume 1 no 1. Enero-junio 1990. Nacionalismo em América Latina. Cf. <http://www.tau.ac.il/eial/l1/#note3>. Acesso em: 21/01/2004.

<sup>18</sup> Achamos importante mencionar esse termo usado pelos teóricos da Análise do Discurso por se enquadrar no que pretendemos demonstrar, ou seja, que o discurso tinha um resultado positivo porque era produzido para explorar o sentimento de insatisfação e temor das pessoas com o avanço da esquerda no país. Ver SILVA, Giselda Brito. *A Lógica da Suspeição contra a força do Sigma*. Tese de doutorado, UFPE, 2002. p. 44 nota de rodapé n. 53

correspondia ao Estado Novo, “*simbolizava um período negro na história do Brasil. Tempos difíceis, duros, marcados pela repressão, pela censura, pelo anti-semitismo, pelo abuso do poder, pelos acordos de bastidores*”.<sup>19</sup> Daí, nesse segundo momento, o governo utilizar o discurso da ordem para legitimar seus interesses criando no imaginário coletivo o fantasma da desordem, do caos, representado por qualquer um que o ameaçasse, ou de direita ou de esquerda. Seria o que Hannah Arendt chamou de *inimigo objetivo*, ou seja, o inimigo criado politicamente na prática da repressão, apontados como suspeitos perigosos, mesmo que seu passado não justificasse, mas que era considerado de “tendências” perigosas<sup>20</sup>. Era uma criação que de qualquer forma penetrava no imaginário coletivo e neutralizava qualquer ação, antecipando o que porventura viessem surgir. E é justamente o que verificamos com a escrita jornalística à época da repressão. Segundo Roland Barthes, tal escrita é própria de regimes autoritários, onde se *conhece... o conteúdo eternamente repressivo da palavra ‘Ordem’*.<sup>21</sup>

Portanto, ao optar pelos Aliados, há também uma mudança na forma de conduzir as notícias jornalísticas. Diante disso, nesse segundo momento, pretendemos mostrar que em Pernambuco, houve uma intensa propaganda do governo, utilizando-se de sua autoridade e censura nos jornais e apoio de alguns jornalistas influentes, na construção de uma identidade quinta colunista e utilizando-a como estratégia, para inibir os indivíduos que discordassem de suas atitudes, acusando-os de pertencerem a este grupo, sendo logicamente tratados como “traidores da pátria”. Portanto, qualquer cidadão poderia se enquadrar nesse rol mesmo sem pertencer.

---

<sup>19</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O Estado Novo, o Dops e a ideologia da Segurança Nacional, in PANDOLFI, Dulce (org.). Repensando o Estado Novo.FGV 1999, pág 327.

<sup>20</sup> ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo – Anti-semitismo, Imperialismo, Totalitarismo. Cia das Letras, São Paulo, 1998, pág. 474.

<sup>21</sup> BARTHES, Roland. O Grau Zero da Escrita. Martins Fontes, S.Paulo, 2000, p. 24

É interessante observarmos que o papel de intelectuais na propaganda política sempre foi muito importante, pois o prestígio que têm corrobora para que suas idéias possam chegar a um número considerável de pessoas. No nosso caso, pretendemos utilizar com maior ênfase a coluna intitulada: Ontem, Hoje e Amanhã do jornalista Mário Melo, no Jornal Pequeno, que servia como veículo de propagação e criação de uma identidade quinta coluna para reprimir os indivíduos considerados simpatizantes da Alemanha ou Itália naquele momento.

Alguns historiadores, ao trabalharem o período entre guerras, mencionaram a ação da quinta coluna, mas não se deu muita ênfase a esse tema<sup>22</sup>. Compreendemos que o assunto requer um estudo mais aprofundado, pois em se tratando de Pernambuco, não identificamos ainda trabalhos direcionados a essa temática específica. Portanto, entendemos que nosso trabalho vai contribuir para fecharmos uma lacuna tão importante da nossa história, enriquecendo nossos conhecimentos acerca desse período tão conturbado.

Nossa idéia de trabalhar com este tema surgiu desde o Curso de Especialização que fizemos em 2000, quando desenvolvemos uma Monografia cujo tema foi o Nazismo em Pernambuco na década de 30. Sentimos necessidade de aprofundar mais o assunto no que dizia respeito aos simpatizantes pernambucanos às idéias nazistas. Para tanto, apesar de dispormos das fontes primárias já levantadas no Arquivo Público do Estado de Pernambuco – APEJE – DOPS, onde estão concentradas nos prontuários Funcionais n. 30311 – Alemanha; 29653 – Alemanha; 1044 – Alemanha; 29240 – Fábrica Paulista (Sindicâncias); 29251 – Fábrica Paulista (Rio Tinto); 29405 – Fábrica Paulista; 29094 – Clube

---

<sup>22</sup> BASBAUM, Leôncio. História Sincera da Republica - 1930 a 1960. Ed. Alfa-Ômega, São Paulo, 1991; SILVA, Hélio. 1939: Véspera de Guerra. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1972; COHEN, Éster. O Governo Federal e o Partido Nazista no Brasil. Dissertação de Mestrado, UFF, Rio de Janeiro, 1988 entre outros.

Alemão de PE pesquisamos também no Arquivo Público Estadual – APEJE os seguintes jornais: Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio, Jornal Pequeno e Folha da Manhã de propriedade do interventor pernambucano Agamenon Magalhães. Essas fontes nos dão idéia da trajetória do ideário nazista em nosso Estado.

Nosso trabalho pode se enquadrar na História Política do Estado de Pernambuco, porém, compreendemos a importância de se dar maior ênfase a propaganda nazista analisando até que ponto repercutiu em Pernambuco. Entendemos que a análise sobre a representação e prática vão nos ajudar a refletir sobre as várias formas de atuação dos indivíduos dentro de uma sociedade, haja vista a sociedade construir múltiplas representações de si mesmo de acordo com seus interesses (CHARTIER, 1990). Portanto, através das representações se pode fazer uma leitura do quadro social, sendo fundamental para isto o estudo das práticas, que de forma plural e contraditória vão dar significado ao mundo. Com este propósito, e na tentativa de entendermos essas questões, consideramos o papel das mediações como fator fundamental, sendo essas mediações desenvolvidas pela propaganda nos meios de comunicação.

O período que trabalhamos, 1937-1945, se explica por ser o período entre guerras, onde observamos uma maior atuação dos simpatizantes da Alemanha, chamados de “quinta coluna”, sendo suas atividades divulgadas nos jornais após a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Para desenvolvemos nosso trabalho distribuimos em três capítulos:

No primeiro capítulo, mostraremos como a imagem da Alemanha, antes do envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, era retratada em muitos jornais de Pernambuco; o contexto histórico alemão com a República de

Weimar, onde começou a se formar as idéias nazistas e o contexto histórico brasileiro onde essas idéias foram recepcionadas. Nossa intenção não é fazer comparações, mas mostrar a importância da circulação que existe nas relações. Pretendemos, portanto, entender o individual sem perder a dimensão do geral. Mostraremos assim o cenário nacional e internacional, onde as idéias nazistas tiveram amplo desenvolvimento; o contexto econômico, o político e o cultural como pano de fundo para esses acontecimentos.

O segundo capítulo será dedicado às atividades dos simpatizantes do nazi-fascismo; a utilização da propaganda, destacando a publicidade e o cinema como potencial meio de divulgação dessas idéias e as suspeitas de pernambucanos envolvidos no trabalho de espionagem desenvolvido pelos alemães em todo o Brasil.

O terceiro capítulo será dedicado à perseguição aos considerados nesse momento de “quinta coluna”. Destacaremos a construção do perfil “quinta coluna” e sua utilização nos jornais, cinema e teatro como potencial meio de perseguição aos opositores do regime Vargas.

## Capítulo I – Alemanha: Imagem de esplendor e glória em jornais de Pernambuco.

*“A revolução alemã continuou viva, mas, no fim, quem a venceu foi Adolf Hitler”<sup>23</sup>*

### 1.1 – Somos todos alemães...

Em uma entrevista ao Jornal Pequeno, no ano de 1936, Dr Carl Bender, técnico alemão, manifestava seu grande entusiasmo ao falar sobre o progresso que a Alemanha vinha obtendo desde a ascensão de Hitler ao poder em 1933. Radiante de felicidade, o alemão exultava de alegria. Ria muito. Para o jornalista que estava fazendo essa entrevista, Dr. Bender tinha um sorriso franco e contagioso, recebendo sempre com alegria às perguntas: *(...)Conta Hitler realmente com a solidariedade do povo alemão?...<sup>24</sup>*

Com um copo de whisky nas mãos davam gargalhadas saboreando os novos ventos. Falar sobre a ascensão da Alemanha deixava muitas pessoas felizes, satisfeitas. Não só alemães, mas também brasileiros eram contagiados por esse clima de euforia.

O ano de 1936 pode ser considerado o ano consagrado à Alemanha. A política empreendida por Adolf Hitler permitiu aos alemães voltarem a sonhar com uma Alemanha forte. O país apresentava um notável crescimento econômico, motivo pelo qual deixava muito orgulhoso o seu povo. Para se ter uma idéia, o desemprego que no período de 1932-1933, considerado a pior época da Depressão

---

<sup>23</sup> ECKARDT, Wolf Von & GILMAN, Sander L. A Berlim de Bertolt Brecht – Um álbum dos anos 20. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1996, pág 11.

<sup>24</sup> A nova Alemanha em face da inquietação contemporânea. Jornal Pequeno, 12/09/1936 - APEJE

atingindo 44% da força de trabalho daquele país, será eliminado entre os anos de 1933 a 1938.<sup>25</sup>

Os dias tristes foram deixados para trás. Dr. Bender relata:

“Antes do nazismo, a situação da Alemanha era simplesmente terrível. Em 1932 a agricultura sobre a qual repousa a estrutura econômica alemã estava completamente aniquiladas, quase todas as propriedades hipotecadas a judeus, principalmente, e sem produzirem... o Führer libertou os agricultores...”<sup>26</sup>.

Para a maioria dos alemães, Hitler era considerado o salvador da pátria e era justamente essa crença que se propagava aproveitando-se das instabilidades vivenciada pela República de Weimar. Foi nesse período que o mito de Hitler começou a ser construído. Consideramos importante deter-nos um pouco nessa fase retratando esse período da história alemã através da perspectiva de alguns autores como Peter Gay, Lionel Richard, Otto Friedrich, entre outros.

A Alemanha, após a Primeira Guerra Mundial, passou por sérios problemas na sua economia. Entre 1919 e 1923, a inflação alemã desmoralizava o país. Uma sacola cheia de dinheiro ou o salário de um dia, mal dava para pagar o pão na padaria. O trabalhador alemão que antes sentia muito orgulho foi perdendo sua confiança no governo, onde 50 milhões de marcos só davam para comprar um nabo.<sup>27</sup> A inflação corrompeu também os costumes mais tradicionais da sociedade alemã. As jovens não esperavam mais um bom partido ou um enxoval, a prostituição aumentava na mesma quantidade que o desespero por um prato de comida. Berlim à noite cheirava a droga e a sexo. Segundo o historiador Alan Bullock, *‘a inflação minou os fundamentos da sociedade alemã de tal forma que*

---

<sup>25</sup> HOBBSAWM, Eric. A Era dos Extremos. Cia. das Letras, 1995, p. 97.

<sup>26</sup> A nova Alemanha em face da inquietação contemporânea. Jornal Pequeno, 12/09/1936 - APEJE

<sup>27</sup> ECKARDT, Wolf von. & GILMAN, Sander L. A Berlim de Bertolt Brecht – Um álbum dos anos 20. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1996, pág. 13,15.

*nem a guerra, nem a revolução de novembro de 1918, nem o Tratado de Versalhes haviam feito. A verdadeira revolução foi a inflação*.<sup>28</sup>

Esse período em que a Alemanha se viu mergulhada numa crise econômica foi o período em que vigorou no país a chamada República de Weimar. O seu começo foi bastante atribulado, sendo o seu nascimento, segundo Eckardt, acontecido muito mais pelo temor da tomada de poder pelos comunistas, liderados por Liebknecht, do que propriamente pela vontade de seus governantes. Para esse autor, Ebert, socialista moderado que viria a ser o primeiro presidente da República e seu partido, estavam totalmente despreparados para assumir o comando do país. Não gostavam da histeria, desobediência e confusão que estava acontecendo, daí não terem certeza se realmente queriam a ‘república social de trabalhadores e soldados’ que Philipp Scheidemann, social-democrata e deputado do Reichstag havia proclamado, antecipando assim Karl Liebknecht. Para esse autor, não eram revolucionários, apesar de falarem em revolução.<sup>29</sup>

Na ocasião, a confusão que o país passava era total ante a perspectiva de rendição incondicional exigida na Primeira Guerra Mundial, as manifestações nas ruas exigindo a abdicação do kaiser e ainda as ameaças de greve. As negociações feitas para que o kaiser abdicasse e pusessem fim às agitações no país não foram vistas com bons olhos pelos críticos mais fervorosos. Estes, não deixaram de manifestar seu descontentamento quando souberam do acordo entre o general Gröner e Friedrich Ebert em manter o Exército imperial na luta em favor

---

<sup>28</sup> FRIEDRICH, Otto. Antes do Dilúvio – Um Retrato da Berlim nos anos 20. Editora Record, Rio de Janeiro/São Paulo, 1997, pág. 141

<sup>29</sup> ECKARDT, Wolf Von & GILMAN, Sander L. A Berlim de Bertolt Brecht – Um Álbum dos anos 20. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1996, pág 4 e 5

da república. Para eles *‘O Exército alemão foi salvo... mas o novo regime se perdeu, no próprio dia do seu nascimento’*.<sup>30</sup>

Mas a sorte estava lançada e para solucionar o caos reinante, será entregue um comando militar e carta branca a Gustav Noske, Ministro da Defesa, que será conhecido como “cão sanguinário”. Noske vai se utilizar, além das tropas do Exército, de corpos voluntários, os chamados Freikorps (soldados da frente). Eram oficiais, suboficiais, soldados profissionais que não aceitavam a derrota da Alemanha na Grande Guerra e o fim do Império. Estava formada assim a força que lutaria auxiliando a contra-revolução. Era uma força marcada pelo terror.<sup>31</sup> Os panfletos que eram distribuídos em Berlim ilustram bem:

“Trabalhadores! Cidadãos!  
 Nossa Pátria está em perigo de colapso.  
 Salvem-na!  
 Ela está ameaçada, não de fora, mas de dentro!  
 Pelo Grupo Espártaco!<sup>32</sup>  
 Matem seus líderes!  
 Matem Liebknecht!  
 Então vocês terão paz, trabalho e pão.  
 Os Soldados da Frente.<sup>33</sup>

Campanhas de difamação são feitas contra os dirigentes de esquerda. Nascem organizações nacionalistas que vão agrupar as pessoas que antes da guerra participavam de ligas patrióticas e anti-semitas, desenhava-se no horizonte o Partido Nacional-Socialista de Hitler. A perseguição aos comunistas termina

<sup>30</sup> FRIEDRICH, Otto. Antes do Dilúvio – Um Retrato da Berlim nos anos 20. Record, Rio de Janeiro, 1997, pág 43.

<sup>31</sup> RICHARD, Leonel. A Republica de Weimar – 1919-1933. Cia da Letras, São Paulo, 1983, p 41.

<sup>32</sup> Obs. Os Espartacistas formavam um grupo revolucionário marxista. Eram liderados por Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. Tinha se originado da dissidência do Partido Social-Democrata e intitulou-se Partido Social-Democrata Independente. Chamavam-se espártacos por conta do jornal que fundaram de mesmo nome.

<sup>33</sup> ECKARDT, Wolf Von. & GILMAN, Sander L. A Berlim de Bertolt Brecht – Um Álbum dos Anos 20. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1996, pág. 7.

com o assassinato de Liebknecht e Rosa Luxemburgo. A revolução não conseguiu ir adiante.<sup>34</sup>

Em janeiro de 1919, 30 milhões de alemães vão às urnas<sup>35</sup>. Ebert e seu partido, o Social Democrata saem vencedores. É hora de organizar o país. A Assembléia Constituinte vai se reunir na cidade de Weimar, confirmando Friedrich Ebert como Presidente e Philipp Scheidemann como Chanceler. Mas, o pior estava por vir: a assinatura do tratado que levaria a Alemanha à humilhação. Não faltou quem bradasse contra a assinatura desse tratado, mesmo porque não tinha sido discutido com o povo alemão. No entanto, o Tratado de Versalhes é assinado no dia 22 de junho de 1919<sup>36</sup>. O destino da Alemanha estava selado.

A Constituição será promulgada em 11 de agosto de 1919 e com ela alguns pontos que vão marcar sua fraqueza. Segundo Otto Friedrich, *“A autonomia regional permitiu que os nazistas crescessem, na Baviera, sob a proteção de complacentes autoridades estatais; a representação proporcional provocou uma tamanha proliferação de partidos – chegaram a existir quarenta diferentes agremiações, no Reichstag – que o governo representativo ficou paralisado; o famoso artigo 48, autorizando o presidente a governar por decreto, acabou por levar Adolf Hitler à Chancelaria”*.<sup>37</sup>

O período que durou a República de Weimar – 1919 a 1933, foi marcado por tentativas de golpes, como a de Kapp em março de 1920 e Hitler-Ludendorff em novembro de 1923; assassinatos dos “traidores de novembro”, como eram chamados os políticos que participaram das negociações/assinatura do

---

<sup>34</sup> RICHARD, Lionel. A República de Weimar – 1919-1933. Cia. das Letras, São Paulo, 1983, 42-43

<sup>35</sup> Idem, p. 50.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 53

<sup>37</sup> FRIEDRIC, Otto. Antes do Dilúvio – Um Retrato da Berlim nos anos 20. Editora Record, Rio de Janeiro/São Paulo, 1997, pág 64.

Tratado de Versalhes, muita propaganda de direita que conclamava vingança e crescimento dos adeptos ao nazismo. A lei só era aplicada com rigor aos indivíduos de esquerda, enquanto que a extrema-direita gozava de total impunidade, o que incentivava esses grupos a agirem com mais violência. O lema era vingar a Alemanha, acabar com os “traidores da pátria”, àqueles que “apunhalaram-na pelas costas”. E assim, as sentenças eram cumpridas, como por exemplo: o assassinato de Matthias Erzberger, negociador do armistício em 26/08/1921 e Walter Rathenau, Ministro das Relações Exteriores em 24/06/1922.<sup>38</sup> O Partido Social Democrático, em 1934, admitia que o seu maior erro foi tomar o poder e não ter feito muitas transformações, ou seja, como assinala Peter Gay, “*não satisfeitos em ter convidado o cavalo de Tróia para dentro da cidade, os homens de Weimar ajudaram sua construção e solícitamente abrigaram seus idealizadores*”.<sup>39</sup>

A partir de 1924 a Alemanha passou por um período de prosperidade por conta da ajuda estrangeira, com os empréstimos do Plano Dawes, a retirada das tropas aliadas do Ruhr e as reduções nos pagamentos de reparações, possibilitando ao país uma melhor chance de organização interna. Chegavam assim os “dourados anos vinte”. No entanto, com a crise de 1929 tudo volta a ruir. Apesar de ser uma crise mundial, o país sofreu muito mais o efeito dessa crise porque praticamente sobrevivia com a ajuda estrangeira. O desemprego aumentou, não existiam mais empréstimos para socorrer o país, as exportações caem. A confusão política e econômica era total.<sup>40</sup> Em meio ao caos, sem apoio ao seu plano de governo, o Chanceler Henrich Brüning, nomeado por Hindenburg, após a

---

<sup>38</sup> RICHARD, Leonel. A República de Weimar – 1919 – 1933. Cia das Letras, São Paulo, 1983, 55-59

<sup>39</sup> GAY, Peter. A Cultura de Weimar. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1978, pág. 36

<sup>40</sup> Idem, pp. 178-179

demissão do gabinete de Muller, em 27 de março de 1930, vai recorrer ao Artigo 48 da Constituição de Weimar, em 16 de julho de 1930. A Alemanha passava a ser governada por um decreto presidencial. Dissolvendo o Reichstag, Brüning marca eleições para 14 de setembro de 1930 e nessa eleição os maiores vitoriosos foram os nazistas que subiam de 800.000 votos para quase 6 ½ milhões e 107 cadeiras no Reichstag contra somente 12 anteriormente.<sup>41</sup> A República de Weimar começava a desmoronar.

Os nazistas persistiam com a violência: ameaçavam os chamados “criminosos de novembro” e lojas de judeus eram quebradas. A insanidade tomava conta dessas pessoas. Nada os detinha, ao contrário, recebiam apoio de industriais, financistas e militares<sup>42</sup>, denotando o crescimento do batalhão nazista, enquanto que a República de Weimar agonizava eleição após eleição.

Em 30 de janeiro de 1933, persuadido pelo ex-chanceler von Papen, homem cheio de ressentimentos por estar fora do governo, e também com o apoio do secretário Otto Meißner e do seu filho Oskar, Hindenburg, já insano, nomeará Adolf Hitler como Chanceler da Alemanha. Para Peter Gay: “*A República estava morta... vítima de falhas estruturais, defensores relutantes, aristocratas inescrupulosos, assim como de industriais, um legado histórico de autoritarismo, uma situação mundial desastrosa e um crime deliberado*”.<sup>43</sup>

No entanto, para a maioria dos contemporâneos, como Dr. Bender, aqui é que nasciam os verdadeiros “anos dourados”. Este, muito satisfeito ao relembrar as várias ocasiões em que presenciou o povo alemão aclamando o Führer, respondia ao jornalista: “*Sim. De corpo e alma o povo alemão está com o*

---

<sup>41</sup> GAY, Peter, A Cultura de Weimar. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1978, p. 180

<sup>42</sup> Idem, pp. 180-181

<sup>43</sup> Ibidem, p. 183

*Fuhrer... Sim. Hitler tem consigo todo o povo alemão*".<sup>44</sup> Assim, para Dr. Bender o nazismo foi a solução para os problemas da Alemanha.

As fraquezas da República de Weimar foram amplamente exploradas por Adolf Hitler. Compreendia que o sucesso da sua propaganda dependia da capacidade de explorar, interpretar e promover os valores sociais e políticos existentes: a decepção com o império, o trauma da guerra, a derrota, a revolução, antipatia com a experiência da democracia de Weimar em crise. Verbalizava com veemência a necessidade de um recomeço, um renascimento nacional. Esta missão seria feita por um grande líder e ele estaria ali para guiar o povo alemão. Era preciso, no entanto, obedecer e trabalhar cegamente pelo fuhrer, consistindo nisso um dever de todo cidadão. Göbbels se aproveitou desse mito e o culto a Hitler tornou-se o eixo da propaganda.<sup>45</sup>

Em um artigo para o *Jornal do Commercio* no ano de 1939, um jornalista americano que se dizia perseguido em seu país por defender o pacifismo, vai relatar suas impressões quando de sua visita à Alemanha. Segundo ele, a explicação para o que estava acontecendo naquele país se resumia na atitude do povo que seguia alegremente a filosofia do nazismo: o sacrifício pelo bem de todos, sendo a figura de Hitler vista como o líder que pensava no bem de toda a população. Esse jornalista chega a criticar os Estados Unidos por aumentar o imposto das mercadorias alemãs que entravam em seu país, e indignado com essa atitude, considerava que parecia que existia mais tendência para se prolongar o caos universal do que tentar contê-lo, ou seja, a atitude dos Estados Unidos não ajudava para o desenvolvimento da economia da Alemanha e conseqüentemente

---

<sup>44</sup> A Nova Alemanha em face da Inquietação Contemporânea – Entrevista com Dr. Carl Bender - *Jornal Pequeno*, 12/09/1936 – APEJE.

<sup>45</sup> KERSHAW, Ian. Hitler – um perfil do poder. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993, pp. 93, 94,102.

da paz no mundo. No entanto, diante do que presenciou naquele país, comentava de forma positiva: *mas, supõe-se geralmente que o tempo está agindo em favor da Alemanha*. E, impressionado com o povo alemão continuava:

“...com a sua unidade de propósitos e aquele habito arraigado de obedecer e cumprir as ordens vindas de cima como em tempo de guerra – enquanto a Grã-Bretanha e a França necessitam tatear aqui e acolá, procurando soluções que não podem ser aplicadas por interesse que exigem constantes consultas, - os alemães julgam estar numa situação perfeitamente cômoda e mais desafogada que as outras grandes potencias.”<sup>46</sup>

Observem que o jornalista, em seu comentário, enfatiza a unidade e obediência do povo alemão como pressuposto básico para se julgarem sentir em condição superior às demais nações e contrapõe o *modus operandi* utilizado pela Grã-Bretanha e França que se apegam a métodos democráticos estando à procura de soluções para seus problemas, mas que não conseguem aplicação e êxito porque dependem de consultas, ou seja, se apegam a filosofias liberais, trabalhando na contramão do que se apresentava mais politicamente viável naquele momento, o autoritarismo, considerado fator importante para um país se desenvolver.

Tal concepção não ficava longe do que era também defendido por muitas pessoas no Brasil. Conforme Mônica Pimenta Velloso, foi justamente no Estado Novo que o pensamento autoritário ganhou contornos mais nítidos conferindo ao Estado o poder máximo da organização social. O papel do intelectual, nesse momento, será visto como fundamental ao identificar o Estado com o princípio da nacionalidade brasileira e muitos vão desempenhar sua função

---

<sup>46</sup> A Alemanha vista por um turista – Constance Drexel. Jornal do Comercio – 26/08/1939 – APEJE.

a contento, difundindo assim a ideologia do regime.<sup>47</sup> Criticando o liberalismo, considerado como um desastre para a nacionalidade brasileira e visto como uma ideologia importada, o posicionamento de muitos intelectuais encontrava paralelo à revolução política do Estado Novo que propunham objetivar combater os modelos políticos considerados “alienígenas”, como o liberalismo e o comunismo.<sup>48</sup> Azevedo Amaral, por exemplo, colocava que a função do intelectual se distinguia do resto da sociedade, sendo mais indicado para trabalhar com o governo, haja vista suas idéias estarem centradas no senso de ordem, ponto fundamental para o sucesso do novo regime.<sup>49</sup> Observamos essa diretriz nesse artigo de um jornalista pernambucano:

“A missão que o intelectual é chamado a desempenhar na confusão dos dias atuais se reveste de uma importância considerável. O homem de pensamento não é só aquele que passa horas a fio no silêncio do seu gabinete é, sobretudo aquele que procura orientar a coletividade no sentido da ordem e da disciplina, cumprindo assim a sua eminente função de construir...”<sup>50</sup>

Percebam como sua escrita se coaduna com a idéia defendida pelo presidente Vargas acerca de uma maior participação do intelectual no fortalecimento do Estado Novo, pois para Vargas, o intelectual deveria ser não só homem de palavras, mas também de ação<sup>51</sup>. E, conclamando a defesa do país contra o comunismo, também ponto central do ideário autoritário no Estado Novo, esse jornalista alegava que o mundo estava em desordem cultural, sendo função do intelectual *esclarecer a coletividade... Colocando, assim, a cultura a serviço*

<sup>47</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo in FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de A Neves (Orgs). O Brasil Republicano - O Tempo do Nacional-estatismo. Civ.Brasileira, Rio de Janeiro, 2003, pp. 148-149.

<sup>48</sup> Idem, pp. 154 e 171.

<sup>49</sup> Ibidem, p. 156.

<sup>50</sup> Notas Avulsas - LD. Jornal do Comércio 14/10/1937 - APEJE

<sup>51</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. Os Intelectuais e a política do Estado Novo in FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de A. Neves (Orgs). O Brasil Republicano 2 – O Tempo do Nacional-estatismo, Civ. Brasileira, Rio de Janeiro, 2003, p. 154.

*da ordem e da civilização. Defendia, portanto, a formação de um bloco coeso entre os intelectuais de direita que possa oferecer uma resistência tenaz ao bolchevismo e a todas as doutrinas contrárias a nossa índole e formação...*<sup>52</sup>

Conforme Maria Helena Capelato, as críticas que eram feitas ao sistema liberal como incapaz de solucionar os problemas sociais, principalmente levando-se em consideração o temor de revoluções socialistas corrobora para desenvolver uma política voltada para a defesa de um Estado forte e autoritário que mantivesse o progresso sem, no entanto, descuidar da ordem no país.<sup>53</sup> Segundo a autora enfatizava-se a importância da autoridade e da ordem, sendo difundida muito cedo às crianças a partir dos ensinamentos na escola, quando o chefe era tido como aquele que tudo faria pelo bem do povo precisando, portanto, ser obedecido.<sup>54</sup> Era à busca da legitimidade, discurso que se assemelhava ao mito do chefe, divulgado na Alemanha com a propaganda nazista.

No entanto, na Alemanha, segundo Luckacs, era compreensível a fé que o povo depositava em Hitler, diante do prestígio que o país conseguiu no exterior, bem como um considerável desenvolvimento interno.<sup>55</sup> A possibilidade desse desenvolvimento muito se deu à política agressiva de Hitler quebrando os acordos do Tratado de Versalhes. Esse Tratado foi considerado humilhante para a Alemanha, pois além de pagar enorme indenização foi declarada culpada pela guerra, gerando mágoa e sentimento de revanche entre o povo alemão.<sup>56</sup> Os avanços que Hitler conseguia a cada dia eram motivados também por esses sentimentos, sendo sempre apoiado pela maioria da população alemã, a qual

---

<sup>52</sup> Notas Avulsas – LD. Jornal do Comércio 14/10/1937 – APEJE.

<sup>53</sup> CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo. O que trouxe de novo? In FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de A. Neves.(Orgs). O Brasil Republicano 2 – O Tempo do Nacional-estatismo, Civ. Brasileira, Rio de Janeiro, 2003, pp 109-110.

<sup>54</sup> Idem, p. 124.

<sup>55</sup> LUKACS, John. O Hitler da História. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1998, p. 149.

<sup>56</sup> HENING, Ruth. O Tratado de Versalhes. Ática, S.Paulo, 1991, p. 35

expressava seu contentamento por meio de plebiscito favorável a sua política externa.<sup>57</sup> Os admiradores da política do líder nazista, no entanto, ultrapassavam fronteiras. Vejam como um jornal de Pernambuco expressava sua opinião a esse respeito:

“...Uma das medidas que hoje nos surgem como fundamentalmente erradas e causa de males irremediáveis foi a política desastrosa de se acabar com o império colonial do Reich...o povo forte...o alemão apenas erguido do pó das derrotas e do fracasso, tratou de reconquistar o seu lugar ao sol, de reabilitar-se perante o mundo, restaurando um passado de grandeza que se poderia prender aos tempos das invasões bárbaras e se sublimara no glorioso império do rei-soldado...para o caso concreto da Alemanha, a única solução é a devolução das suas colônias”.<sup>58</sup>

Considerando um erro terem tirado suas colônias e enaltecendo o povo alemão, que mesmo assim conseguiu se reerguer no cenário mundial, voltando a ocupar posição de destaque conquistado desde a antiguidade, o jornalista posiciona-se favorável à Alemanha, demonstrando em seu artigo suas simpatias. Ora, não era estranho isso acontecer, pois existiam em Pernambuco muitos admiradores da Alemanha e de Hitler. Muitos artigos que eram veiculados nos jornais transmitiam a imagem de um país que renascia das cinzas, um povo guerreiro e digno de admiração, conforme a escrita nesse jornal:

“...Já tivemos ocasião de salientar o surto verdadeiramente maravilhoso que caracteriza o povo germânico, cuja civilização, no mundo ocidental, é uma das mais impressionantes demonstrações de revigoração da velha alma teutônica, que ressurgiu cada vez mais forte dos embates da grande guerra. Também não desconhecemos, antes proclamamos os resultados animadores que tem trazido, para o nosso progresso econômico e social o ramo étnico alemão, perfeitamente aclimatado ao nosso meio...”.<sup>59</sup>

Segundo Priscila Perazzo, era essa a imagem que os alemães sustentavam e propagavam, ou seja, a de um povo que apesar das humilhações

<sup>57</sup> KERSHAW, Ian. Hitler – Um Perfil do Poder. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993, p. 108

<sup>58</sup> A devolução de suas colônias é talvez a única solução para o caso concreto da Alemanha. Jornal do Comercio – 06/10/1937 – APEJE.

<sup>59</sup> O estrangeiro e a defesa nacional. Jornal do Comercio 02/09/1937 - APEJE

sofridas no pós-guerra não se deixou abater, lutando muito para se reerguer, encontrando com Hitler o auge do poder<sup>60</sup>. Essa visão é perpassada pela escrita do jornalista que também enfatiza o povo alemão como motivo de muito orgulho.

Dessa forma, esses artigos que enalteciam o povo alemão, visto como vencedor, vigoroso e muito importante para o país por sua contribuição para o progresso econômico, contribuía para propagar a imagem da Alemanha como um país “modelo”. Nesse sentido, o jornal foi um dos meios de comunicação que escolhemos para mostrar como a escrita jornalística teve um papel importante na propagação de idéias nazistas, idéias essas, centradas na visão de mundo de Hitler e que compreendia: a história como uma luta racial, o anti-semitismo radical, a certeza de que a Alemanha só teria futuro garantindo o “espaço vital” em detrimento à Rússia e a noção de que era preciso uma luta de vida ou morte contra o marxismo ou bolchevismo-judaico da União Soviética.<sup>61</sup> A visão de união do povo alemão em torno do ideal de superioridade era constante na propagação das idéias nazistas. Segundo Jean-Marie Domenach, essa unanimidade correspondia a uma demonstração de força, sendo bastante utilizado na propaganda para demonstrar a superioridade racial sobre o adversário.<sup>62</sup>

Percebam na entrevista com Dr. Bender, como o jornalista não escondia seu entusiasmo com as idéias defendidas pelo nazismo como, por exemplo, o anti-semitismo:

---

<sup>60</sup> PERAZZO, Priscila Ferreira. O Perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo. Arquivo do Estado, São Paulo, 1999. p. 34.

<sup>61</sup> KERSHAW, Ian. Hitler – Um Perfil do Poder. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993., p. 25.

<sup>62</sup> DOMENACH, Jean-Marie. A Propaganda Política. Edição Ridendo Castigat Mores, Fonte Digital [www.jahr.org](http://www.jahr.org). Versão para eBook: eBooksBrasil.com, 2001, p. 34.

“- E os judeus, Dr. Bender, e os asquerosos judeus?  
 - De fato, agora é difícil a situação do judeu na Alemanha, mas quem  
 tiver ou tenha negócio com judeu...  
 -Será esfolado vivo, Dr. Bender (acrescentou o jornalista). *Aqui  
 mesmo conheço (?) que arrancam pedaços vivos de carne. Eu mesmo  
 já quase sofro a desgraça de me contagiar com um judeu...*”<sup>63</sup>

A forma como esse jornalista conduz as questões (os asquerosos judeus) e as interrupções na entrevista é bastante revelador do seu preconceito contra os judeus. Segundo Maria Luiza T. Carneiro, a década de 1930 e 1940 é um período em que aflora o anti-semitismo no Brasil corroborado pelas idéias nazi-fascistas importadas da Europa, emergindo velhos preconceitos racistas da intelectualidade brasileira.<sup>64</sup> Preconceitos esses que se apresentavam desde o final do século XIX quando a questão étnica torna-se um tema central nos debates intelectuais ao se pensar a identidade brasileira e literatura nacional. As idéias propagadas na Europa terão no Brasil grande repercussão contribuindo para uma interpretação “da natureza tropical e das raças e culturas brasileiras”.<sup>65</sup> O racismo científico, por exemplo, foi adotado de forma quase unânime pelos intelectuais, o que contribuiu, segundo Roberto Ventura para frear os ideais liberais e suas concepções igualitárias, ao mesmo tempo em que davam suporte para políticas autoritárias, procurando integrar as idéias européias de acordo com seus interesses. Para ele o “*O racismo científico assumiu uma função interna, não coincidente com os interesses imperialistas, e se transformou em instrumento conservador e autoritário de definição da identidade social da classe senhorial e dos grupos dirigentes, perante uma população considerada étnica e culturalmente*

<sup>63</sup> A nova Alemanha em face da inquietação contemporânea. Jornal Pequeno, 12/09/1936 - APEJE

<sup>64</sup> CARNEIRO, Maria Luiza T. O anti-semitismo na era Vargas. Perspectiva, São Paulo, 2001, p. 398

<sup>65</sup> VENTURA, Roberto. Estilo Tropical – História cultural e polêmicas literárias no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 2000, p. 12.

*inferior*”<sup>66</sup>. Dessa forma, nos anos 30 e 40 quando na Europa as idéias nazi-fascistas têm sucessos, muitos intelectuais no Brasil resgatam, principalmente nas idéias de Silvio Romero (pós-1900, sinal da desilusão dos escritores de que o evolucionismo e o positivismo não conseguiam formar um país moderno<sup>67</sup>), Le Bon e Gobineau, a concepção ariana como um tema central justificando como uma alternativa para solucionar os considerados “problemas brasileiros”, como por exemplo, a desordem e o combate ao comunismo<sup>68</sup>. O que se percebia era o “aflorar” do anti-semitismo, principalmente entre grande parte dos intelectuais que comungavam do preconceito contra os judeus. Observamos essa questão principalmente na polêmica em torno do registro de estrangeiros, determinado pelo governo Vargas, dentro do seu programa de medidas nacionalistas. Vejam como esse jornalista se expressa quanto ao assunto:

“...torna-se evidente a utilidade da decisão legal, quando até agora nada se fizera no sentido de regularizar a permanência de tais elementos...quase todos judeus usurários, especializados em explorar a economia dos povos que tem a infelicidade de vê-los em sua terra. Essa gente tem mil maneiras de fugir à força da lei e a argúcia da polícia...”<sup>69</sup>

Além do mito do judeu parasita e explorador, percebam como o jornalista procura direcionar sua escrita de forma a associá-los a criminosos, cuja especialidade era o roubo e a fuga à lei e a polícia e utiliza, inclusive, palavra como “elemento” que pejorativamente é usada para caracterizar indivíduos que vivem no mundo do crime. Dessa forma, associando-os a criminosos perigosos,

---

<sup>66</sup> VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical – História cultural e polêmicas literárias no Brasil*. Cia. das Letras, São Paulo, 2000, p. 60

<sup>67</sup> *Idem*, p. 105

<sup>68</sup> Professor Oliveira Viana procurava divulgar junto aos seus alunos as idéias de racistas científicos como Le Bon, Gobineau e Chamberlain. Os debates que se travavam sobre a imigração judaica colocavam os judeus como um problema social, alegando que levariam o Brasil à ruína racial e associando-os ao comunismo. Ver: LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica – Imigração, diplomacia e preconceito*. Imago, Rio de Janeiro, 1995, p. 107 e seguintes.

<sup>69</sup> Para sanear o paiz. Folha da manhã 07/05/1938 - APEJE

que deveriam ser banidos do convívio do povo brasileiro, o jornalista clama por uma lei que pusesse fim a “esses indesejáveis”.

Por outro lado, no clima de nacionalismo exacerbado que vivenciava o país à época, não podemos deixar de mencionar que fora o “perigo judeu” existia também a idéia de associar o povo alemão como “perigo alemão”. Segundo Marionilde Brepohl Magalhães, essa idéia do “perigo alemão” foi criada muito antes da Primeira Guerra Mundial, na época em que estava em desenvolvimento as idéias nacionalistas com propostas de uma maior integração regional e um povo que se identificasse mais com o país. Essas idéias, no entanto, coincidiam com o momento em que o pangermanismo atuava forte nas colônias alemãs, o que dificultava a assimilação pretendida pelo governo<sup>70</sup>. Com a Primeira Guerra a idéia do “perigo alemão” vai se acentuar. Segundo a autora, até o ano de 1932 a maior discriminação contra o alemão vinha da sociedade civil, o que corroborou para que o governo tomasse medidas mais drásticas durante o Estado Novo.<sup>71</sup> No entanto, as medidas nacionalistas tomadas pelo governo Vargas a partir de 1938, não atingiam somente os alemães, mas todos os estrangeiros, principalmente os orientais e judeus, cujo preconceito era mais acentuado, conforme já foi estudado por Maria Luiza T. Carneiro<sup>72</sup>. Segundo Carone, as minorias estrangeiras eram um problema para o Estado, principalmente a alemã, que devido ao isolamento geográfico, continuaram a preservar sua cultura e tradição, assimilando-a normalmente.<sup>73</sup> Mesmo antes de o governo implantar essas medidas nacionalistas, já existia um grande debate sobre a questão dos estrangeiros no

---

<sup>70</sup> MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. Pangermanismo e nazismo – A trajetória alemã rumo ao Brasil. Fapesp – Ed. Unicamp, 1998, p. 107-108.

<sup>71</sup> Idem p.98, 38-39.

<sup>72</sup> Maiores informações ver: CARNEIRO, Maria Luiza T. O Anti-semitismo na Era Vargas. Ed.Perspectiva, 2001, 56-77. Sobre os orientais ver CYTRYNOWICZ, Roney. Guerra sem Guerra – A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. Edusp, São Paulo, 2000, p. 135-172

<sup>73</sup> CARONE, Edgar. A Terceira República (1937-1945). Difel, 1982, p. 161

país. Observe nesse artigo a indignação do jornalista em saber que usavam o alemão até em documentos da Câmara Municipal:

“...consoante uma denuncia oferecida por certo órgão da imprensa carioca, há no sul do país, câmaras municipais que publicam atos escritos em língua alemã e um jornal, nesse mesmo idioma, com apreciável triagem...é incompreensível e injustificável que essa fraternidade, essa cooperação, essa harmonia venham se converter num trabalho perigoso de absorção política contra o qual deve estar alerta o governo da união, no sentido de não permitir que em território nacional se faça uso, em caráter oficial de qualquer língua que não a nossa, e até com isso se chegue ao ponto de exigir que os contribuintes brasileiros compreendam editais ou outras medidas municipais em língua tedesca...”<sup>74</sup>

E ainda:

“... e por mais que possamos defender a imigração alemã, nunca poderíamos confundir o nosso entusiasmo pela renovação germânica com o lamentável esquecimento da nossa personalidade política e jurídica. O fato de se fazer no Brasil essa absorvente propaganda estrangeira, até o ponto de câmaras municipais existirem com as suas atas em língua alemã, está a exigir a atenção imediata do poder publico, que precisa assegurar a defesa nacional e manter a nossa unidade...”<sup>75</sup>

Percebemos na escrita do jornalista uma certa frustração por entender que o alemão não estava correspondendo a esse país que tão bem lhe acolheu, estando a trabalhar contra os interesses nacionais quando insistiam na permanência de suas raízes a ponto de utilizarem sua língua em documentos oficiais, mas mesmo reconhecendo simpatia pelo povo alemão, a defesa do nacionalismo estatal vigora mais forte.

Entendemos, assim, que apesar de existir um movimento que pregava o nacionalismo acima de qualquer coisa, principalmente após o golpe de 37, não impediu que muitas pessoas continuassem a manifestar também suas simpatias

---

<sup>74</sup> O estrangeiro e a defesa nacional. Jornal do Comercio 02/09/1937 – APEJE.

<sup>75</sup> Idem (grifo nosso).

pelo povo alemão e pela Alemanha, conforme observamos em artigos anteriores. Essas duas formas de perceber o povo alemão caminharam juntas, sem maiores problemas para aqueles que tinham simpatias pela Alemanha, até o momento em que o governo, no conflito da Segunda Guerra Mundial, vai se aliar aos Estados Unidos.

Um exemplo interessante dessa convivência pacífica é um artigo do jornalista Mário Melo. Interessante porque Mário Melo foi o jornalista que mais perseguiu o simpatizante do povo alemão, chamado posteriormente “quinta coluna” e nesse artigo, ao narrar uma farra que teve com amigos portugueses e alemães, evoca a confraternização desses três povos: Conta ele que estando passeando pelo sul do bairro do Recife e observando as infelizes demolições que foram feitas pelo prefeito da cidade para que ali construísse prédios pequenos, vai esbarrar com o amigo português, também jornalista, Abrantes. Entram num botequim para um chope e depara-se com o alemão Karl von den Steinen, filho do embaixador alemão e Ernest Schaar. Ora, pensava Mário Melo, *“alemão em botequim, é sinal de que o chope é de primeira...”*. Sentaram numa mesa ao lado deles. Logo depois apareceu Coelho Pinto. Segundo Mário Melo, a intenção era somente tomar um chope, mas conversa vai conversa vem, copos de chopos foram se amontoando e a alegria aumentando. Os alemães começaram a se entrosar participando também dos petiscos que surgiam: pitus e sardinhas. Ao final, as duas mesas estavam juntas e como diria Mário Melo, *“estava consolidada a confraternização teuto-luso-brasileira”*.<sup>76</sup>

Ora, compreendemos que nesse período, não havia motivo para esconder as simpatias que os alemães e a Alemanha despertavam em muitos

---

<sup>76</sup> Ontem, Hoje e Amanhã – Mário Melo. Jornal Pequeno, 02/07/1939 – APEJE.

pernambucanos. Daí, entendermos a naturalidade com que eram divulgadas as notícias. Podemos perceber que assuntos relacionados aos alemães sempre eram referências para a imprensa da época: uma viagem do cônsul, a chegada de um cargueiro alemão, a passagem do aniversário de morte do ex-chanceler Hindenburg, etc, eram notícias de destaque. O cônsul, por exemplo, era sempre notícia para esse jornal que não deixava de mencionar grandes elogios a esse representante da Alemanha, cujas qualidades eram destacadas com grande entusiasmo:

“Passageiro da aeronave Graf Zeppelin, embarcou hoje pela manhã para a Alemanha, o ilustre sr. Carlos von den Steinen, operoso cônsul alemão em Pernambuco e alto comerciante entre nós. Figura de grande projeção em nossos círculos sociais e comerciais, de larga simpatia, pelas suas fidalgas qualidades pessoais, o distinto representante consular passará quatro meses em seu país, a passeio e em tratamento. Ao Sr. Carlos von den Steinen somos gratos á gentileza de sua visita de despedidas, ao mesmo tempo que lhe desejamos excelente viagem”.<sup>77</sup>

E ainda:

“Pelo ‘Graf Zappelin’ regressou, sábado, a esta capital, o ilustre sr. Carlos von den Steinen, cônsul alemão neste Estado e conceituado comerciante. Cavalheiro de educação fidalga e atitudes elegantes, o sr. Carlos von den Steinen não é só figura de prestígio na colônia alemã aqui domiciliada como figura de destaque na sociedade recifense, em cujo seio já esta plenamente radicado. Teve desembarque muito concorrido. Apresentamos-lhe cordiais cumprimentos de boas vindas”.<sup>78</sup>

O Jornal Pequeno também não deixava de se confraternizar com o aniversário de Benito Mussolini que *no governo tem prestado à Itália os mais relevantes serviços... As honras de grandeza que desfruta no mundo*

<sup>77</sup> Carlos von den Stein – Jornal Pequeno, 17/07/1936 – APEJE.

<sup>78</sup> Carlos von den Stein - Jornal Pequeno, 16/11/1936 - APEJE

*contemporâneo a Itália fascista;* <sup>79</sup> o aniversário da morte do Marechal Hindenburg, como já mencionamos, considerado pelo jornalista como “*o grande soldado – o glorioso vencedor de Tommemberg, o estrategista admirável e invencível dos lagos Mussurianos*”<sup>80</sup>.

Dessa forma, nesse clima de admiração e reverências às vitórias do povo alemão, famílias ilustres também não deixavam escapar suas homenagens. Por exemplo, o palacete iluminado da Sra. Anita Lundgren Groscke foi palco de banquete para oficiais alemães que chegaram no navio Schleswig-Holstein, de passagem pelo Recife. Não deixaram de comparecer à festa pessoas importantes da sociedade pernambucana, inclusive o general Newton Cavalcanti. Os oficiais alemães que chegaram também visitaram a escola alemã e a bordo de seu navio ofereceram um almoço para membros da colônia alemã e autoridades civis e militares do nosso Estado. Segundo o jornal, a festa foi um sucesso, a charanga tocava sem parar. O clima enfim, era de confraternização.<sup>81</sup>

Também muito satisfeito ficara o jornalista que entrevistara Dr. Bender e “*abraçando o amigo alemão com um bom abraço pernambucano, ambos se despendem com promessas de novamente beberem juntos, quando esse retornasse mais uma vez da Alemanha com as notícias das “grandes obras realizadas pelo nazismo*”.<sup>82</sup>

Para aqueles que visitavam a Alemanha chegavam impressionados com o progresso do país. O médico Waldemir Miranda, após uma viagem à Alemanha em agosto de 1937 escrevia:

---

<sup>79</sup> Benito Mussolini – Faz annos, hoje o chefe do governo italiano. Jornal Pequeno, 30/07/1936 – APEJE.

<sup>80</sup> Aniversário da morte do Marechal Hindenburg – Jornal Pequeno, 01/08/1936 – APEJE.

<sup>81</sup> As homenagens à guarnição do “Schleswig Holstein” - Jornal Pequeno, 03/12/1936 - APEJE

<sup>82</sup> A Nova Alemanha em face da inquietação contemporânea – Entrevista com Dr. Carl Bender Jornal Pequeno, 12/09/1936 - APEJE

“O Nacional Socialismo reivindicou para a Alemanha o direito de viver no conjunto das nações: restabeleceu, internamente o equilíbrio das forças produtivas da nação; libertou a economia dos abusos do regime capitalista; entregou a terra ao trabalhador com direito de desapropriá-la em caso de mau uso; regulamentou, enfim, a riqueza de modo a evitar a exploração do trabalho pelo capital.”<sup>83</sup>

Observem como ele reelabora e reforça as palavras do entrevistado, Dr. Bender, colocando o nazismo como salvador da Alemanha contra o comunismo, idéia essa defendida pelos nazistas. Descreve a atuação do nazismo na Alemanha como se estivesse identificando alguns pontos do Programa do partido Nazista, que incorporou idéias socialistas. Vejamos os pontos que contemplam a sua argumentação: 4º - participação dos trabalhadores nos lucros das grandes empresas; 9º - direito e dever de trabalho; 10º abolição das rendas não derivadas do trabalho; 11º eliminação da escravidão do interesse; 17º reforma agrária.<sup>84</sup>

Segundo Alcir Lenharo, o NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães) agrupou em seu Projeto muitas das propostas defendidas por nacionalistas, conservadores e até esquerdistas. Sua estratégia para o sucesso contemplou muitas idéias de esquerdas. No entanto, ao subir no poder, Hitler vai aboli-las, colocando em prática para o trabalhador poucas inovações consideradas socialistas.<sup>85</sup> No entanto, deslumbrado com o Nacional-socialismo, Waldemir Miranda vai passar uma imagem positiva do movimento, cujas realizações salvaram a Alemanha, possibilitando estar em igualdade com as outras nações européias.

Muitos jornalistas pernambucanos também acreditavam no ideário nazista e propagavam através de seus artigos a imagem de esplendor e glória do

---

<sup>83</sup> RIVAS, Leda M. O Diário de Pernambuco e a II Guerra Mundial. Dissertação de Mestrado, UFPE, 1988, 3 volume, p 572.

<sup>84</sup> JUNIOR, João Ribeiro. O que é Nazismo. Brasiliense, 1987, p. 24.

<sup>85</sup> LENHARO, Alcir. Nazismo – O triunfo da vontade. Ática, 1995, p. 15-16.

país que o representava enaltecendo a figura de seu líder e do movimento, contribuindo para desenvolver no imaginário de muitas pessoas essa percepção. Dessa forma, compreendemos que houve uma considerável propagação da idéia de que o modelo de política que estava sendo aplicado na Alemanha representava um caminho viável a seguir, diante das conquistas alcançadas naquele país em tão pouco tempo. Como bem lembrou Renzo de Felice, ao se referir ao caso do fascismo e a uma fala de um contemporâneo: *muitos olharam esse fenômeno com muita simpatia desejando ter alguma coisa semelhante em seu próprio país.*<sup>86</sup>

A partir de 1938, no entanto, a política externa de Hitler tornava-se cada vez mais agressiva. Considerando-se muito doente e que não viveria muito tempo, se preparava para o seu objetivo final: a guerra.<sup>87</sup> Sentia também que era chegada a hora de colocar em prática de vez a expansão tão defendida no seu programa, ou seja, o “espaço vital”. Nesse sentido, em março vai anexar a Áustria à Alemanha. Defendia-se que os alemães e austríacos formavam um só povo e deveriam viver sob o comando de um só Estado. Essa anexação denominada Anschluss (união) foi aprovada pelo povo austríaco através de plebiscito. O próximo passo foi a Tchecoslováquia. O discurso de Hitler era que os alemães que viviam naquele território estavam sendo oprimidos. Segundo Kershaw as tensões econômicas que viviam a Alemanha por conta da sua política de rearmamento já era grande, sendo fator de motivação para a expansão em direção a Áustria e Tchecoslováquia.<sup>88</sup>

Para aqueles que estavam em consonância com as idéias defendidas pelo nazismo, suas manobras políticas eram aplaudidas. Vejam esse exemplo de manifestação pró-alemã nesse artigo sobre a invasão de Hitler à Tchecoslováquia,

---

<sup>86</sup> FELICE, Renzo de. Explicar o Fascismo. Edições 70, Lisboa, 1976, pág. 12.

<sup>87</sup> LUKACS, John. O Hitler da História. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998, p. 62

<sup>88</sup> KERSHAW, Ian. Hitler – Um Perfil no Poder. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993. p. 148

cuja defesa se baseia no discurso de Hitler de que o povo alemão estava sendo oprimido:

“Está se vendo que a Tchecoslováquia quer a guerra... Hitler fez um discurso que os próprios meios oficiais londrinos consideram uma porta aberta para novas negociações em prol da paz. Porque Hitler, evidentemente não quer a guerra... apenas o que o Reich germânico não pode consentir é que três milhões e meio de alemães sejam oprimidos e martirizados por um governo de raça, língua e tradições diferentes, que lhe foi imposto por um tratado iníquo, hoje integralmente repudiado pela consciência universal...”<sup>89</sup>

O jornalista procura em seu artigo culpar a Tchecoslováquia pela iminência do conflito isentando a responsabilidade do governo alemão com a justificativa de que o país estava somente defendendo seu povo da opressão de um governo que fora imposto através do Tratado de Versalhes e era preciso, na sua opinião, “esclarecer” o povo brasileiro para que não fossem iludidos:

“...a grande maioria das pessoas no Brasil não sabe, ao certo, o que é a Tchecoslováquia. Muitos tem mesmo a ingenuidade de acreditar que ela seja uma democracia quando a verdade é que o governo de Benes é uma das ditaduras mais odiosas que existem atualmente na Europa. Precisamos esclarecer a opinião pondo-a de sobreaviso para que não se deixe iludir...”<sup>90</sup>

Observem que o jornalista, na tentativa de defender suas opiniões favoráveis à Alemanha, pretendendo “esclarecer” a opinião brasileira vai utilizar-se de argumentos que se contrapõe como, por exemplo, relacionar a Tchecoslováquia a uma ditadura enquanto o governo alemão passava por esse processo. Sua visão está em perfeita consonância com a propaganda nazista sobre o caso da Tchecoslováquia, reforçando, inclusive, o “recado” que a Alemanha enviou aos jornais brasileiros quanto à forma como estavam comentando esse caso, reclamando de que alguns jornais brasileiros estavam criticando a invasão da

<sup>89</sup> Abaixo a guerra! Artigo de Heitor Muniz. Folha da Manhã, 23/09/1938 – APEJE.

<sup>90</sup> Idem.

Tchecoslováquia pela Alemanha e que assim estavam procedendo com a intenção de espalharem o medo no povo brasileiro de que a Alemanha também acabaria se voltando para o Brasil. Vejam:

“O jornal ‘Hamburger Freudenblatt’ publica um artigo no qual critica a forma por que os jornais brasileiros noticiaram e comentaram os acontecimentos relativos ao caso tcheque. Diz da maneira como o ‘Correio da Manhã’, ‘O Estado de São Paulo’ e outros grandes jornais trataram da questão. Reproduz mesmo o tom utilizado por esses órgãos da imprensa que procuram pintar a Tchecoslováquia como um anjo vestido de branco, em vez de um monstro abortado. Revela o jornal alemão, que tudo isto é feito com o propósito de estimular o medo de que a Alemanha pretenda voltar suas vistas para Santa Catarina, onde vivem tantos alemães, assim que tenha sido liquidado o problema dos sudetes”.<sup>91</sup>

Observem que a crítica vinda da Alemanha quanto às notícias sobre o caso da invasão da Tchecoslováquia vai fazer relação a um assunto extremamente delicado e que realmente estava presente no imaginário de muitas pessoas: a Alemanha se voltar para o Brasil com seu projeto expansionista. Essa tensão existia e era motivada por essa política agressiva de Hitler aumentando assim o clima de desconfiança. Em Pernambuco, já em 1937, um artigo do Jornal do Commercio chamava a atenção para a ameaça imperialista que o Brasil poderia sofrer por parte da Alemanha, da Itália e do Japão por ser um país possuidor de um solo riquíssimo e vasta extensão territorial.<sup>92</sup> No entanto, os simpatizantes da política de Hitler tentavam conseguir argumentos que dissipassem essas suspeitas. Não é por acaso que quando Hitler pronunciou um discurso em março de 1939, o qual abordou a relação da Alemanha com os países do continente americano, mencionando que as relações do Reich com os países sul americanos eram satisfatórias e que não queria inimizade com outras nações, será recebido com muita satisfação:

---

<sup>91</sup> Fala um órgão nazista sobre o critério da nossa imprensa. Jornal do Commercio, 06/11/1938 - APEJE

<sup>92</sup> Ameaça Imperialista. Armando F. Peixoto. Jornal do Commercio, 08/10/1937 - APEJE

“...de algum tempo a esta parte os adversários do nazismo tem propalado em larga escala a noticia de que existe por parte do Fuhrer o propósito de um ataque contra nós...ora, o Sr. Hitler acaba...de declarar que atribuir-se à Alemanha a idéia ou propósito de uma agressão ao continente americano é ‘a maior difamação que se pode lançar sobre uma nação amante da paz’...”<sup>93</sup>

A idéia que se transmitia era de que tudo não passava de boato por parte dos inimigos do regime nazista. Ora, deve-se levar em consideração que a Alemanha precisava manter uma relação cordial com o Brasil, haja vista os negócios que os dois países mantinham. Dessa forma, observamos em algumas reportagens o reforço nesse sentido. Defendia-se assim, a necessidade prática de uma cooperação cada vez mais intensa entre os povos para fins de desenvolvimento mútuo, num ambiente de cordialidade e compreensão porque...*Os golpes sofridos pela Alemanha feriram de modo ilimitado seu organismo...*<sup>94</sup>

Tentava-se assim, manter a todo custo uma aparência de tranqüilidade quanto à situação mundial. Já a Inglaterra e a França, com suas desavenças internas, cediam cada vez mais terreno para Hitler que se aproveitava da fragilidade dessas potências para agir com mais astúcia.<sup>95</sup> Nesse jogo de poder algumas reportagens em Pernambuco colocavam essa questão de forma a entender que os estadistas se dirigiam à paz e não à guerra. Vejam as conseqüências do Acordo de Munich para esse jornal:

“...a atitude dos quatro chefes de Estado...revelando firmes propósitos de paz e entendimento abriu para a política internacional horizontes novos acabando velhas suspeitas de hostilidades irreduzíveis e mutuas...a guerra espanhola perdeu a sua gravidade internacional antiga...em Paris, há uma grande atividade diplomática orientada no mesmo rumo de pacificação geral dos povos...a ameaça de conflitos entre tcheques e húngaros...parece definitivamente passada...as crises recentes provaram o desejo de paz de todos os povos, sob qualquer regime. Sob essa inspiração, trabalham agora os estadistas”.<sup>96</sup>

<sup>93</sup> Hitler e o Continente Americano. Folha da Manhã – 12/03/1939 - APEJE

<sup>94</sup> Por uma política de mutua cooperação. Jornal do Comércio – 19/08/1938 - APEJE

<sup>95</sup> KERSHAW, Ian. Hitler – Um Perfil no Poder. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993, p. 149

<sup>96</sup> As conseqüências do acordo de Munich. Jornal do Comercio 02/11/1938 – APEJE.

Paz, tolerância, respeito mútuo. Palavras propagadas em alguns jornais como representação desse momento tão delicado, procurando-se criar no imaginário das pessoas que o que estava acontecendo com a Alemanha era simplesmente uma reparação de um erro que fora imposto aquele país e que agora estava sendo corrigido. Assim, os discursos de Hitler são bem recebidos, suas reivindicações eram vistas como passíveis de entendimento, servindo, inclusive, como *uma declaração de paz*. Frisava-se que assim estavam também compreendendo muitos jornalistas e políticos, exemplificando o Jornal Times *que acentuavam a significação pacifista das palavras de Hitler*<sup>97</sup>. O pacto anti-comunista,(Alemanha-Itália-Japão) por exemplo, era visto como cumprindo *uma função de defesa da liberdade e da saúde européia e mundial*.<sup>98</sup> Novamente usando a imagem do comunismo como perigo potencial, transmitia-se a idéia de que esses países estavam agora com uma função salvadora: o mundo corria perigo e eles iriam salvá-lo, *“pois a humanidade quer respirar e não ser estrangulada nem afogada; quer elevar-se e engrandecer-se, e não se subverter”*.<sup>99</sup>

No entanto, Hitler dava sinais do que estava por vir. Hermann Rauschning, que já tinha pertencido ao partido nazista, descrevia o nazismo como um movimento que inevitavelmente caminhava para a catástrofe final, pois ele não conhecia seu limite. Como dinamismo, ou seja, movimento, não poderia parar porque senão deixaria de existir. Para ele seu fim natural era o niilismo.<sup>100</sup> Hitler caminhava com a Alemanha para a destruição, no entanto, só se vislumbravam a palavra vitória.

---

<sup>97</sup> A repercussão do discurso de Hitler. Jornal do Comercio – 02/02/1939 - APEJE

<sup>98</sup> Os Estados totalitários se inspiram no pacto anticomunista. Pellegrini (escritor italiano) Jornal do Comercio – 07/08/1938 – APEJE.

<sup>99</sup> Idem.

<sup>100</sup> O Nacional-Socialismo visto por um antigo nazi. Jornal do Comercio 28/05/1939. - APEJE

Quando irrompe a guerra em 03/09/1939 um repórter procura colher as impressões nas ruas do Recife. Segundo ele, antes da decisão da Alemanha de invadir a Polônia notava-se na população recifense incredulidade sobre as possibilidades de se chegar a uma guerra, poucas opiniões consideravam o advento de uma conflagração e mesmo assim não eram muito calorosas. Para ele existia mais um sentimento de otimismo. Mas a guerra chegou, a cidade estava agitada e as opiniões se dividiam. Segundo o repórter, os estrangeiros que aqui viviam explodiam em sentimentos patrióticos. De um lado um alemão afirmando que em poucos dias a aviação alemã sobrevoaria Londres e Paris e as destruiria; de outro lado, um polonês xingava os métodos dos “sanguinários arianos” que dizimavam tudo, mas estava convencido que a Polônia era invencível. No entanto, o repórter observava que muitas vezes os mais exaltados eram “os neutros”: Ao entrevistar um funcionário da prefeitura, encarregado da limpeza de um dos jardins da cidade, o mesmo responde que era a favor da Alemanha porque ela pelo menos nunca fez mal ao Brasil, nunca nos tomou nada. Outro alegava que a Alemanha, pelo Direito não estava com a razão, pois os tratados são para serem respeitados; um religioso invocava Deus, alegando que os homens o esqueceram. E as opiniões se sucediam. A guerra era uma realidade triste que a população não esquecia, mesmo estando entregue às atividades religiosas. No dia da deflagração da guerra iniciava-se o III Congresso Eucarístico Nacional. *É a vida: uns orando, outros lutando...*<sup>101</sup>

---

<sup>101</sup> A guerra – realidade triste e dramática que está na visão de toda a gente - Jornal do Comercio – 05/09/1939 - APEJE

## 1.2– O Estado Novo e o desenvolvimento das idéias nazistas

Na tentativa de entendermos a divulgação das idéias nazistas em nosso Estado dentro de nossa proposta de circulação/representação pretendemos situar historicamente a propagação dessas idéias e qual a relação que existia entre o Brasil e a Alemanha.

Em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas vai dar um golpe de estado, dando origem ao chamado Estado Novo que se estendeu no período de 1937 a 1945. Através da Carta Constitucional de 1937 o presidente vai desenvolver uma administração voltada para a centralização política e um modelo antiliberal para organizar a sociedade. Caracterizado como um regime autoritário, esse modelo de organização desenvolvido se assemelhava às experiências projetadas na Europa, como a da Alemanha com Hitler, a Itália com Mussolini e em Portugal com Salazar.<sup>102</sup> Apesar de não caracterizarmos o Brasil como um regime fascista ou nazista, concordamos com Maria Helena Capelato quando esta compreende que o regime varguista se inspirou nas experiências nazista e fascista.<sup>103</sup> Entre muitos exemplos podemos citar a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), com o objetivo de propagar as idéias do Estado Novo ao mesmo tempo em que mantinha um controle dos meios de comunicação; a Juventude Brasileira criada pelo Decreto-lei 8.072 de 08 de março de 1940 e a disposição sobre a obrigatoriedade da educação cívica, moral e física da infância e da juventude<sup>104</sup>, bem como o incentivo às Paradas da Juventude, no molde da nazista, procurando explorar o nacionalismo, a beleza, a robustez desses jovens,

---

<sup>102</sup> PANDOLFI, Dulce (Org). Repensando o Estado Novo, FGV, 1999, p. 10

<sup>103</sup> Ver CAPELATO, Maria Helena. Propaganda Política e controle dos meios de comunicação In PANDOLFI, Dulce (org). op. Cit. P. 167.

<sup>104</sup> CYTRYNOWICZ, Roney. Guerra sem Guerra – A Mobilização e o Cotidiano em São Paulo, 2000, p. 104

sendo constantemente mobilizados em passeatas cívicas, com entregas de prêmios aos mais organizados<sup>105</sup>.

Para Maria Luiza T. Carneiro o Brasil, governado por Vargas, “*deixou-se seduzir pelo fascismo europeu relegando para um segundo plano sua proposta de ‘luta pelos ideais democráticos’...*”<sup>106</sup> A sedução está ligada ao fascínio, ao que atrai, ao que encanta. No imaginário de muitas pessoas no Brasil, o nazi-fascismo encantava por verem a representação de um modelo, cujas possibilidades de mudanças, de beleza, de crescimento, de renovação se apresentavam bastante visível.

Modris Eksteins, percebeu o nazismo como tendo sido impulsionado por uma concepção futurista, onde almejavam um mundo novo, um novo tipo de homem, uma nova forma de vida, mesmo utilizando-se de elementos velhos. O narcisismo estava presente nesse movimento procurando com isso unir toda uma nação em torno de uma estética da beleza e da política, conforme lembra o autor ao mencionar Walter Benjamim. Representava assim um grande teatro<sup>107</sup>.

Susan Sontag ao analisar em seu ensaio “Fascinante Fascismo”, o trabalho da cineasta alemã Leni Riefenstahl e a atração pelo seu filme “O Triunfo da Vontade”, lembra o conteúdo de ideal romântico que o filme traduz e que até hoje muitos ainda estão ligados. Para a autora o nacional-socialismo também possuiu ideais que até hoje ainda persistem sob outras formas, como: o ideal de vida como arte, o culto à beleza, o fetichismo da coragem, etc.<sup>108</sup>

---

<sup>105</sup> Parada cívica e da produção. Jornal Pequeno, 08/09/1942 – APEJE.

<sup>106</sup> CARNEIRO, M.L.Tucci. Sob a Mascara do nacionalismo: Autoritarismo e anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945). Texto publicado no E.I A.L. – Estudos Interdisciplinares de América Latina y el Caribe. Vol. 1 no 1, Enero-junio, 1990. Nacionalismo em América Latina, <http://www.tau.ac.il/eil/1/#note3>. Acesso dia 21/01/2004, p.1

<sup>107</sup> EKSTEINS, Modris. A Sagração da Primavera. Rocco, Rio de Janeiro, 1991, pág. 384-385.

<sup>108</sup> SONTAG, Susan. Sob o signo de saturno. L&PM, Rio de Janeiro, 1986, pág. 76.

Nesse sentido, o encanto com o nazi-fascismo era perceptível, principalmente quando se reconhecia no governo nazista intenso desenvolvimento econômico, vislumbrando nesse regime a representação da modernização tão desejada para o Brasil. Não é sem razão que se procurava manter uma estreita relação com a Alemanha, aproveitando as relações econômicas cordiais entre os dois países para também adquirir conhecimentos relacionados à modernização das forças armadas desenvolvidas por aquele país. Nesse sentido, muitos oficiais brasileiros eram enviados a Alemanha para conhecerem de perto os avanços que aconteciam nesse campo. Em 10 de janeiro de 1939, por exemplo, um grupo de oficiais passou pelo Recife com destino a Alemanha. Essa excursão foi considerada pelo major Francisco de Mello muito importante para a aviação do exército. Para ele como o Brasil aos poucos estava se renovando, construindo barcos de guerra e fabricando aviões, era preciso estar em contato com o que se fabricava de mais moderno na Europa.<sup>109</sup>

Os alemães que residiam em Recife, considerados pessoas importantes, representativos do comércio e embaixada, como o gerente da Herm. Soltz e Cia e o cônsul da Alemanha Carlos Von den Stein faziam questão de mostrar como a Alemanha tinha avançado nas tecnologias de guerra, convidando esses oficiais brasileiros que estavam se dirigindo à Alemanha e acompanhados pelo inspetor da Polícia Marítima e Aérea do Estado, Renato Medeiros a visitarem o porta-aviões “Friessenland” que estava ancorado no porto, assistindo a demonstrações de arremesso de um “Junker” por meio da catapulta, deixando esses oficiais bastante admirados.<sup>110</sup> Para a Alemanha era muito importante que as relações com o Brasil permanecessem cordiais, pois existia uma rivalidade com a Inglaterra e os Estados

---

<sup>109</sup> Aviadores militares em visita a Alemanha. Jornal Pequeno 10/01/1939 – APEJE.

<sup>110</sup> Idem.

Unidos pelos mercados e matérias-primas da América do Sul, sendo a Alemanha favorecida por conta de sua política econômica agressiva.

Compreendemos que o clima favorável ao desenvolvimento das idéias fascistas ou nazistas já vinha ocorrendo há muito tempo no Brasil. Se observarmos, a própria questão do nacionalismo muitas vezes exacerbado, servia como justificativa para se pensar uma nova nação e os rumos que o país se encaminhava. Conforme já mencionamos, a elite intelectual desse período vai defender como tarefa maior à busca de novos valores. Pensavam na problemática de uma consciência nacional e vão considerar muito importante buscar a identidade “verdadeiramente brasileira”. Nesse momento, será muito valorizado o pensamento de Alberto Torres, pois simbolizava a racionalidade que levaria à verdadeira consciência nacional<sup>111</sup>. A desilusão com o liberalismo republicano corroborava para o projeto autoritário e corporativo formulado por esse autor. Representou assim, conforme Ventura, uma terceira via, em meio a projetos opostos que também surgiam, ou seja, sociedade burguesa ou coordenação socialista. Esse dilema político marcou a prática e o pensamento brasileiro contemporâneo.<sup>112</sup>

A relação do Estado Novo com o fascismo também será objeto de reflexões por parte de outros estudiosos. Leôncio Basbaum, por exemplo, vai considerar que as tendências totalitárias fascistas da classe burguesa no Brasil contribuem para que o golpe de novembro de 1937 tenha êxito, pois o temor do socialismo e do crescimento das frentes populares faz com que recebam com bons

---

<sup>111</sup> OLIVEIRA, Lucia Lippi (org).Elite Intelectual e debate político nos anos 30. FGV, 1980, p.38

<sup>112</sup> VENTURA, Roberto. Estilo Tropical – História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil. Cia das Letras, São Paulo, 2000, p. 160.

olhos esse governo.<sup>113</sup> A ameaça comunista será também um ponto forte na argumentação de muitos jornalistas. Quando as notícias sobre as ameaças de Hitler em invadir a Tchecoslováquia são divulgadas, observem que no artigo abaixo o jornalista vai explorar a questão do perigo do comunismo, relacionando as atitudes da Tchecoslováquia para com o povo alemão como manobra de Moscou para provocar a guerra e assim espalhar o comunismo pelo mundo:

“...Como responde, porém os tcheques à ultima tentativa de conciliação vinda de Hitler? ...redobrando medidas de compressão e perseguição aos alemães...É a manobra de Moscou!...A Alemanha abriu uma chance de paz. Não serve. É preciso provocá-la. Porque é necessário que venha a luta. A luta que a Rússia deseja porque a considera o prelúdio indispensável à eclosão da rebelião vermelha mundial...Há hoje no mundo uma nação que é a inimiga franca, ostensiva, tenaz e constante do Brasil: a Rússia vermelha. Quando ela estiver de um lado forçosamente teremos que nos opuser ao comunismo. Não se pode ficar sob a mesma bandeira dos ‘soviets’”.<sup>114</sup>

Ao explorar o comunismo na sua argumentação contra a Tchecoslováquia e defesa da Alemanha, o jornalista envolve também o Brasil, considerado por ele como inimigo ferrenho da Rússia, na tentativa de incitar a repulsa a este país e ao mesmo tempo cobrar sutilmente o apoio à Alemanha. A pretexto de se organizar uma nação vista como ameaçada por perigos quer seja, comunista, amarelo ou semita, salienta Tucci Carneiro que as idéias autoritárias e reacionárias ganharam adeptos, assumindo ar de ‘sagrado’, independente do seu papel político doutrinário<sup>115</sup>.

Compreendemos assim, que o ambiente social no Brasil contribuiu para o desenvolvimento das idéias fascistas e nazistas. Ao incorporar no imaginário a existência de um perigo, quer seja comunista ou outro qualquer,

<sup>113</sup> BASBAUM, Leoncio. Historia Sincera da Republica – de 1930 a 1960. Editora Alfa-Omega, 6ª edição, São Paulo, 1991, p. 100

<sup>114</sup> Abaixo a guerra! Artigo de Heitor Muniz. Folha da Manhã, 23/09/1938 – APEJE.

<sup>115</sup> CARNEIRO, M.L.T. Op.cit p. 1

rondando o país, e temendo a ascensão da esquerda, muitos também se voltaram para o movimento que simbolizava o nacionalismo, sendo também visto como inspiração das idéias fascistas que se desenvolviam na Europa: o movimento integralista liderado por Plínio Salgado. Não queremos com isto qualificar todo integralista como simpatizante nazista/fascista. No entanto, consideramos que grande número de integralistas se enquadrava nesta situação de apoio aos nazi-fascistas, conforme veremos em nossa pesquisa.

No âmbito internacional, segundo Roberto Gambini, Getúlio Vargas vai empreender uma política econômica caracterizada por um jogo duplo com os Estados Unidos e Alemanha,<sup>116</sup> apesar das fortes pressões dos Estados Unidos para que o presidente Vargas tomasse posição a seu favor. No entanto, esse jogo não era motivo de grandes preocupações por parte do governo alemão, pois estavam confiantes que tinham o apoio do presidente:

“O Presidente deseja fortemente continuar em bons termos com a Alemanha. Se o presidente se vê agora forçado a fazer concessões aos Estados Unidos da América em muitos casos, isso não significa qualquer mudança fundamental em sua política. Está tentando manter a situação de forma tão elástica quanto possível a fim de não dar aos americanos motivos para uma intervenção ilegal na soberania brasileira.”<sup>117</sup>

Mas o que deixava tão confiante o governo alemão para com as atitudes do governo Vargas? Alguns estudiosos consideram que Getúlio Vargas não escondia sua admiração pelo governo nazista. Seu discurso do dia 11 de junho de 1940, em comemoração ao dia da Marinha e à época da queda da França, vai ter grande repercussão, pois muitas pessoas o vêem como se o presidente estivesse apoiando a Alemanha:

---

<sup>116</sup> GAMBINI, Roberto. O Jogo Duplo de Vargas. Símbolo, 1977 p. 78-79;

<sup>117</sup> Declaração do Embaixador no Brasil para o Ministério do Exterior, Rio de Janeiro 29/11/1941 in GAMBINI, Roberto. O Duplo Jogo de Getúlio Vargas, Símbolo, Sao Paulo, 1977, p. 78

“...Senhores: A significação do Onze de Junho é bem maior que a de uma vitória naval...marchamos para um futuro diverso de quando conhecíamos em matéria de organização econômica, social ou política, e sentimos que os velhos sistemas e fórmulas antiquadas entram em declínio. Não é, porém,... o fim da civilização, mas o início, tumultuoso e fecundo, de uma era nova. Os povos vigorosos aptos à vida, necessitam seguir o rumo das suas aspirações, em vez de se deterem na contemplação do que se desmorona e tomba em ruína. É preciso, portanto, compreender a nossa época e remover o entulho das idéias mortas e dos ideais estéreis...”<sup>118</sup>

A confusão que se originou por causa dessas palavras obrigou o governo brasileiro a voltar atrás, alegando em nota do DIP, noticiada nos jornais de 14 de junho, que as palavras do presidente eram destinadas tão somente aos brasileiros, alertando-os para as mudanças que aconteciam no mundo e a necessidade de fortalecer o Estado, econômico e militarmente.<sup>119</sup> Colocava-se, portanto, a questão do fortalecimento militar como explicação para o estreitamento das relações do Brasil com a Alemanha.

Desde antes da Primeira Guerra Mundial, o Brasil já mantinha com esse país relações comerciais, desenvolvendo na década de 30 o comércio de acordo de compensações, ou seja, o Brasil enviava matéria-prima para a Alemanha e em troca recebia máquinas e principalmente material bélico no começo da Segunda Guerra Mundial. A Alemanha passa a ser o principal comprador do nosso algodão. No período de 1934 a 1939 mais de 30% desse produto será enviado àquele país.<sup>120</sup>

No entanto, chega o momento em que Getulio Vargas vai optar pelos Estados Unidos aceitando os acordos comerciais com injeção de empréstimos e financiamento de Volta Redonda. No combate que se travava com a Alemanha, os

<sup>118</sup> CARONE, Edgar. A Terceira Republica (1937-1945). Difel, 1982, p. 56

<sup>119</sup> Para a repercussão do discurso do presidente ver SILVA, Hélio. 1939: Véspera de guerra. Civ. Brasileira, São Paulo, 1974, p. 203-233 e FALCAO, João. O Brasil e a 2ª Guerra. UNB, Brasília, 1998.

<sup>120</sup> HILTON, Stanley.E. Suástica sobre o Brasil – A História da Espionagem alemã no Brasil. Civ. Brasileira, 1977 p. 22

Estados Unidos procuram colocar como ponto importante à luta contra a infiltração nazista e tudo fará para ter o apoio do governo brasileiro. Começava a minar as relações do Brasil com a Alemanha. Após o Ataque a Pear Harbor, a pressão norte americana sobre o Brasil para cortar definitivamente as relações diplomáticas com a Alemanha surtirá efeito, concretizando-se em janeiro de 1942. A Alemanha começará assim a atacar os navios brasileiros e após muita pressão popular e muitas mortes nos torpedeamentos provocados pelos alemães aos navios brasileiros, Getúlio Vargas vai declarar guerra àquele país. A explicação do presidente, anotada em seu diário para essa ambigüidade e indecisão quanto a uma tomada de posição mais firme em favor dos Aliados foi a de que se assim procedesse significaria o fim do seu regime.<sup>121</sup>

Foi diante desse quadro geral que as idéias nazistas foram divulgadas através de um trabalho intenso de propaganda, sob diversas formas - utilizando-se desde uma coluna no jornal, conforme procuramos mostrar anteriormente, passando pela propaganda publicitária e filmes que enalteciam o poder alemão, os quais mostraremos mais adiante. Essa propaganda era feita não só por alemães, mas também por brasileiros admiradores das idéias nazistas, tendo como pano de fundo um governo ambíguo, que de certa forma facilitou essa divulgação com uma posição de neutralidade, considerada por muitos como uma “neutralidade disfarçada”.

---

<sup>121</sup> CYTRYNOWICZ, Roney. Guerra sem Guerra – A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. Edusp, São Paulo, 2000, p. 20.

### 1.3 - “A neutralidade disfarçada”

Após a invasão da Polônia pela Alemanha no dia 01/09/1939, o governo federal vai emitir um decreto no dia 02/09/1939, em que define sua posição diante do conflito como país neutro, orientando para que a população assim também procedessem quanto suas atitudes ou suas práticas. No entanto, muitas pessoas continuavam a manifestar suas opiniões, o que para o governo, tornava-se um problema porque o Brasil ainda mantinha relações comerciais com a Alemanha e os ânimos exaltados poderiam desencadear maiores atritos entre a população, conseqüentemente um clima de desordem no país, existindo também a preocupação para que o país não parasse, que o povo continuasse trabalhando normalmente. Era preciso, portanto, combater logo no início as manifestações. O Jornal do Commercio, por exemplo, em alguns editoriais de setembro de 1939 vai sempre lembrar à população a posição de neutralidade do Brasil, a necessidade de se manter a ordem:

“...certos atos e certas atitudes que, infelizmente, já se começam a comprovar no país – exaltações inúteis, parcialismos extremados, intolerâncias descabidas, surtos verborrágicos de esquinas e cafés... – não podem deixar de constituir à soma de serenidade e imparcialidade que o governo federal traçou para o país, visando a salvaguardar os nossos interesses econômicos e a assegurar a tranqüilidade de todos os brasileiros...”<sup>122</sup>

No entanto, apesar do reforço nesse sentido, o próprio comentário do Jornal do Commercio, com relação a esse assunto procurava amenizá-lo, deixava escapar que as regras de neutralidade não poderiam ser aplicadas às consciências:

---

<sup>122</sup> A palavra de ordem do Brasil. Jornal do Comércio – 24/09/1939 - APEJE

“...firmou, portanto, repitamos, o governo federal, a posição do Brasil: estrita, absoluta neutralidade...como também, individualmente, os praticados pelos cidadãos brasileiros, a cuja consciência é lógico, não se podem impor normas, no sentido de obrigá-los a pensar deste ou daquele modo, mas cujas atitudes temos o direito de esperar não infrinjam as regras...de isenção...”<sup>123</sup>

Observa-se nesse momento uma certa resistência com relação à neutralidade, envolvendo dois pressupostos: ação x pensamento. Entendia-se assim, que o governo não poderia obrigar o indivíduo à não pensar em preferências quanto ao Eixo ou Aliado, no entanto poderia obrigar o indivíduo à não se manifestar quanto a essas preferências. No entanto, outro jornal era mais enfático e direto, não compreendo tanto confusão, alegando que se o Brasil havia se declarado neutro não se deveria censurar as pessoas que simpatizavam e manifestavam essas simpatias por qualquer lado dos envolvidos no conflito da guerra e na tentativa de defender essa posição, invoca-se até o papa:

“Os comentários em torno da guerra estão despertando casos lamentáveis de animosidade entre pessoas, que por simpatizarem com a Inglaterra ou com a Alemanha, lançam sobre os que são do mesmo parecer suspeitas desagradáveis a respeito dos seus sentimentos de patriotismo(...) estamos ocupando a posição que nos é ditada pelos chefes espirituais e civis: neutralidade(...) se o Papa mantém uma representação junto a Chancelaria nazista(...) por que então censurarem aqueles que simpatizam com a política externa de Hitler ou do Sr. Churchill. Sejam os coerentes e deixamos a cada qual a liberdade de pensamento no caso”.<sup>124</sup>

No entanto, percebe-se que o governo estava muito mais preocupado em manter um clima de ordem, principalmente por causa dos boatos em torno de uma suposta invasão alemã, o considerado “perigo alemão” que já mencionamos, o que deixava a população recifense em pânico, paralisando suas atividades.

<sup>123</sup> A palavra de ordem do Brasil. Jornal do Comércio – 24/09/1939 - APEJE

<sup>124</sup> Jornal “O Monitor” - Garanhuns junho/1940. Prontuário Funcional Alemanha n. 29653 – DOPS-APEJE.

Apelava-se novamente para o jornal, tentando alertar a população para o pânico injustificável:

“...um grande dever dos neutros...é manter a vida...normal...e é isto o que o pânico ou a simples inércia não permite...só há um meio natural, que é um trabalho intenso e metódico, afastando-se os fantasmas de certos temores que não podem produzir nenhum resultado benéfico para nós ou para o mundo...a hora é de trabalho...evitando que o pânico injustificável nos leve a cruzar os braços desalentadamente.”<sup>125</sup>

Portanto, a palavra empregada pelo Brasil nesse momento era ordem e na tentativa de um maior controle da sociedade, vai procurar, concomitantemente, desenvolver um maior controle sobre os meios de comunicação, criando o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) em 27/12/1939. Esse órgão vai se tornando cada vez mais importante, pois além de se encarregar da censura, vai publicar livros e revistas destinadas a elogiarem o Estado Novo.<sup>126</sup>

Ao se declarar neutro no conflito, o governo vai determinar as regras gerais, que contidas em trinta artigos, destacamos o primeiro:

Artigo 1º - O governo do Brasil abster-se-á de qualquer ato que, direta ou indiretamente, facilite, auxilie ou hostilize a ação dos beligerantes. Não permitira também que os nacionais ou estrangeiros residentes no país pratiquem ato algum que possa ser considerado incompatível com os deveres de neutralidade do Brasil.<sup>127</sup>

No entanto, essa neutralidade decretada pelo governo será considerada por muitos historiadores como “aparente”. Segundo Edgar Carone, existia no Brasil uma tendência muito forte pró-Alemanha e Itália. Para ele, o movimento direitista que existia tanto dentro do exército como entre grupos sociais, vai ver a neutralidade brasileira como a forma ideal, pois vai permitir que o Brasil observe

<sup>125</sup> Pânico inteiramente injustificável. Jornal do comercio – 26/10/1939 – APEJE.

<sup>126</sup> CARONE, Edgar. A Terceira Republica (1937-1945). Difel, 1982, p. 49.

<sup>127</sup> Idem, p.50

os acontecimentos e espere os resultados. Com os sucessos que a Alemanha vinha alcançando nos anos iniciais do conflito o que se verá no Brasil é a posição pró-eixista consolidando-se.<sup>128</sup> Reforçando essa argumentação, observa-se que mesmo o Brasil declarando seu apoio aos Estados Unidos, foi autorizado em abril de 1942, à venda pelo Ministério da Guerra, o livro “O Exército Alemão”, cuja obra era uma publicação oficial do Alto Comando das Forças Armadas da Alemanha, escrita em 1941, a qual fazia uma exposição da organização do exército alemão, os princípios e emprego das diversas armas utilizadas por aquele país. Essa obra foi traduzida pelo tenente-coronel Leoni Oliveira Machado, oficial do gabinete do Ministro da Guerra e prefaciada pelo General Góis Monteiro que não esconde sua admiração: “... despertará um grande interesse entre nossos camaradas, cujo preparo profissional de muito poderá ficar ampliado com a leitura proveitosa do mesmo”.<sup>129</sup>

Conforme já mencionamos, o discurso de Vargas de 11 de junho de 1940 será visto por muitos alemães (e brasileiros) como uma tomada de posição em favor àquele país,<sup>130</sup> levando o Embaixador Osvaldo Aranha a empreender esforços no sentido de reverter esse quadro através de um outro discurso de Vargas, fazendo-o recuar e desmentir suas intenções pró-fascistas.<sup>131</sup> No entanto, as explicações que eram dadas às pressas tentando contornar essa situação, já que o Brasil pelas leis da neutralidade não podia manifestar-se nem contra nem a favor dos países beligerantes, foram vistas por alguns como uma manobra, não sendo esquecidas nas memórias daqueles que incorporaram à visão de Vargas um animal muito astuto: o camaleão, cuja especialidade é mudar - por fora - quando as

---

<sup>128</sup> CARONE, Edgar. A Terceira Republica (1937-1945). Difel, 1982, p. 50

<sup>129</sup> À venda o livro “O Exército alemão” - Jornal do Comercio 15/04/1942 - APEJE

<sup>130</sup> GAMBINI, Roberto. O Duplo Jogo de Getulio Vargas. Símbolo, São Paulo, 1977, p. 130.

<sup>131</sup> CARONE, Edgar. Op. cit. p. 55

circunstâncias o obrigam. É o que vemos na entrevista que o historiador Leduar de Assis Rocha, contemporâneo dos fatos relacionados ao Estado Novo, deu à jornalista Leda Rivas. Assim ele descreve o governo Vargas:

“...o que se dizia e o que se sentia, aliás, era que Getulio Vargas era inclinado para os alemães. No princípio, por uma questão de conveniência política, sim; depois mudou de casaca, que o fundador do Estado Novo era hábil na arte do camaleonismo. As nossas indefinições, a falta de vigilância sobre os agentes da quinta coluna, a troca de gentilezas e as perspectivas de vir a ser o fuhrrer brasileiro puseram o Brasil em cima do muro, aguardando a hora de pular. Pulou. Mas, para o lado que possivelmente não era o dos seus sonhos: o dos aliados. Aí tudo mudou, inclusive pela pressão popular. Mas ninguém se iluda: uma vez nazista, sempre nazista; uma vez comunista, sempre comunista; uma vez fascista, sempre fascista...”<sup>132</sup>

Para o entrevistado, a imagem que permaneceu sobre Getulio Vargas se associava à arte da representação, do disfarce, da astúcia, portanto, não era confiável. Robert Levine o menciona como “um enigma”, um homem difícil de ser decifrado, era um mestre em ocultar suas intenções. Para o autor não se sabe ao certo até que ponto Vargas sofreu influências das idéias fascistas. Era muito mais um homem que confiava no pragmatismo que nas ideologias, daí mudar com frequência de direção.<sup>133</sup>

A forma como o Brasil se posicionava diante dos problemas relacionado ao conflito mundial, apresentando uma certa ambigüidade, vai ter um reflexo muito forte na forma em que os meios de comunicação vão transmitir os assuntos referentes aos países beligerantes. Assim é que, mesmo na condição de país oficialmente neutro e estando o DIP atuando, observa-se em alguns jornais pernambucanos, um direcionamento das notícias que privilegiava algum lado.

---

<sup>132</sup> RIVAS, Leda. O Diário de Pernambuco e a Segunda Guerra Mundial. Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife, 1988, p. 575

<sup>133</sup> LEVINE, Robert M. Pai dos Pobres? – O Brasil e a Era Vargas. Companhia das Letras, São Paulo, 1998, p. 14 e 15

Através de um questionário padrão, a Jornalista Leda Rivas colheu de alguns contemporâneos depoimentos sobre a atuação dos jornais à época, os quais destacamos: Para Hélio José Rola Pinto, antigo repórter do Diário, somente o Diário de Pernambuco é quem tinha posição definida ao lado dos Aliados. A Folha da Manhã e o Jornal Pequeno eram ‘neutros’ e o Jornal do Commercio ficava mais próximo do nazi-fascismo;<sup>134</sup> Já Edson Nery da Fonseca, estudante à época, lembrava a Folha da Manhã como defensora da Alemanha e o Diário de Pernambuco exaltando os Aliados;<sup>135</sup> Manuel Correia de Andrade considerava o Diário de Pernambuco, dirigido por Aníbal Fernandes, o jornal que desde o início do conflito da Segunda Guerra tomou partido em favor dos Aliados. Já a Folha da Manhã, o Jornal Pequeno e o Jornal do Commercio, apesar de demonstrarem simpatias, não se envolviam nos debates, só noticiavam os acontecimentos;<sup>136</sup> Para Fernando da Cruz Gouveia, historiador e à época estudante secundarista, nunca viu no Jornal do Commercio propaganda nazista, para ele o que existia era noticiários com a versão alemã para os fatos, enquanto que o Diário de Pernambuco encobria a realidade e torcia pelos Aliados. Essas diferenças acabariam quando o Brasil entra na Guerra, passando os jornais a limitarem-se às notícias das agências americanas.<sup>137</sup>

Conforme podemos verificar, as opiniões sobre a forma como os jornais noticiavam os assuntos relacionados à guerra são divergentes. Compreendemos, no entanto, que se o jornal não estava neutro, o entrevistado também não estava, pois ao defender ou acusar revelava seu posicionamento. Alguns jornais se destacavam mais que outros, mas de forma geral, podemos dizer

---

<sup>134</sup> RIVAS, Leda. O Diário de Pernambuco e a Segunda Guerra Mundial. Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife, 1988, p. 558

<sup>135</sup> Idem, p. 564

<sup>136</sup> Idem, p. 590.

<sup>137</sup> Idem, p. 611

que a imprensa participou ativamente dos acontecimentos. O Diário de Pernambuco, por exemplo, tendo à frente Aníbal Fernandes, era considerado um jornal que sempre se posicionou a favor dos Aliados. Esse jornalista era um fervoroso defensor da França e na tentativa de captar o posicionamento dos recifenses, diante do conflito da Segunda Guerra, começou a colocar as notícias mais recentes em frente do Diário ficando a observar da sacada do primeiro andar do prédio a reação das pessoas. Muito desiludido ficara ao constatar como era grande o número de simpatizantes da Alemanha, os chamados “quinta coluna” e chorou quando noticiou a queda de Paris pelos alemães.<sup>138</sup>

Apesar dos depoimentos acima especificados não mencionarem, em nossa pesquisa constatamos o destaque do Jornal Pequeno, através do jornalista Mário Melo, defensor do pan-americanismo, combatendo ferozmente os simpatizantes do nazi-fascismo. No entanto, esclarecemos que o Jornal Pequeno nem sempre se posicionou da forma como vinha atuando o jornalista Mário Melo. Antes do Brasil se definir pelos Aliados, observamos nesse jornal uma preocupação em destacar notícias enaltecidas da política desenvolvida por Adolf Hitler, contribuindo para a propaganda em favor da Alemanha. Percebe-se assim que o camaleonismo também estava presente no jornal. Essa forma de atuação do Jornal Pequeno que mudava de acordo com os interesses foi objeto de estudo por parte de Giselda Brito Silva, com relação aos integralistas. Segundo ela, antes do Estado Novo esse jornal era usado como veículo de propaganda das idéias integralistas, mas muda o discurso, nesse período, passando a atuar como

---

<sup>138</sup> OLIVEIRA, J.Gonçalves de. Aníbal Fernandes – Jornalismo e ação civilizadora. Associação da Imprensa de Pernambuco, Recife, 1977, p. 97-98

produção da imagem negativa do integralista, ou seja, servindo aos propósitos do Estado Novo.<sup>139</sup>

O clima de agitação, mesmo após a decretação da neutralidade, não se resumia à população civil. Existia também uma preocupação com os ânimos do exército para que comungassem com a posição do governo, sendo recado do general Dutra:

“...sinto-me na contingência ainda de recomendar aos meus camaradas que não se deixem levar por qualquer trabalho tendencioso, porventura desenvolvido pela imprensa, pelo rádio e pelos filmes que vise a incompatibilizar a opinião pública com um dos beligerantes ou orientá-la em campo contrario às conveniências do regime que adotamos...”<sup>140</sup>

Um ponto muito importante reforça esse comunicado: a utilização dos meios de comunicação como propaganda, utilizados pelos beligerantes, como a imprensa, o rádio, o cinema, conforme demonstraremos ao longo do nosso trabalho. Ora, essa preocupação nesse comunicado indica que continuavam utilizando esses mecanismos de opinião pública mesmo após a decretação de neutralidade do país. Da mesma forma, a população continuava a se manifestar com relação ao conflito, não só por palavras, mas também em ações, favorecendo o país que simpatizava. É o que observamos com os simpatizantes da Alemanha, sendo objeto de nossas reflexões no próximo capítulo.

---

<sup>139</sup> SILVA, Giselda Brito. A Lógica da Suspeição contra a força do Sigma. Tese de Doutorado, UFPE, Recife, 2002, P. 226

<sup>140</sup> Idem

## **Capítulo II – As atividades dos simpatizantes nazistas**

### **2.1 – A propaganda publicitária e o cinema divulgando o ideário nazi-fascista em Pernambuco.**

Em julho de 1940, os jornalistas Napoleão Lopes Filho e Geraldo Margela de Melo Mourão foram detidos pela polícia política sob a acusação de tentarem junto ao Diário da Manhã um direcionamento das suas notícias em favor da Alemanha, em troca de anúncios de casas alemãs e italianas naquele jornal. Esses jornalistas se diziam representantes da agência de notícias alemã Transocean. Em depoimento, os jornalistas declararam que tinham no Recife a colaboração e prestígio de firmas alemãs e brasileiras dirigidas por alemães, bem como o apoio do secretário do consulado do Reich, sr. Josef Schmidt para que obtivessem êxito com os anúncios.<sup>141</sup>

A menção do consulado alemão agravava a situação, pois este já vinha sendo investigado por fazer forte distribuição de propaganda alemã para muitas pessoas no Estado, enviando jornais que continham uma orientação pró Alemanha como o jornal Meio Dia, a Gazeta Oito dias, a Revista Reação Brasileira, Tribuna Livre, etc.<sup>142</sup> O jornalista Geraldo Mourão tinha sido um homem de destaque da Ação Integralista e a participação de ex-integralistas em atividades ligadas à propaganda das idéias nazistas era muitas vezes alvo de denúncias. Por exemplo, em junho de 1940 a Delegacia regional de Polícia de Caruaru informava ao Secretário de Segurança Pública do Recife que tinha recebido do professor João

---

<sup>141</sup> Ofício 331 de 08/07/1940 da DOPS para o Capitão Batista. Prontuário Funcional n. 29653 – Alemanha. DOPS – APEJE.

<sup>142</sup> Radio 87 de 19/07/1940 da DOPS ao Capitão Batista. Prontuário Funcional n. 29653 – Alemanha. DOPS – APEJE.

Pereira Lima, inspetor escolar de Belo Jardim, a denúncia de que o ex-integralista Armando Silva era o chefe dos propagandistas das idéias nazistas daquela localidade;<sup>143</sup> a delegacia de Polícia de Gravatá em ofício ao Secretário de Segurança Pública do Recife informava que naquela cidade havia elementos da Ação Integralista que não escondiam suas manifestações de exaltação com as vitórias que a Alemanha vinha alcançando e pedia orientação a respeito.<sup>144</sup> Percebemos assim, que muitos ex-integralistas também foram acusados de atuarem ativamente na propagação das idéias nazistas, principalmente após a tentativa do golpe integralista. Segundo Giselda Brito, os integralistas que mantinham relações com os nazistas tinham a idéia de que poderiam novamente levar o Integralismo ao país com o apoio da Alemanha nazista. No entanto, o que se percebe é a perda de apoio da sociedade passando a serem vistos como “traidores da pátria”.<sup>145</sup>

Mas o êxito na divulgação da propaganda nazi-fascista nos jornais foi bastante considerável. Segundo Maria Helena Capelato, a propaganda política adquiriu muita importância nas décadas de 30 e 40 com o avanço dos meios de comunicação, sendo, portanto, um fenômeno da sociedade de cultura de massas. Essa propaganda política utiliza idéias e conceitos que transforma em símbolos e imagens, sendo também incorporados os marcos da cultura. A sedução é a referência básica na transmissão dessas idéias, imagens e símbolos, possibilitando a atração das massas. Portanto, a propaganda política se insere no estudo das

---

<sup>143</sup> Ofício s/n. da 6ª Delegacia Regional de Caruaru de 14/06/1940 para o Secretário de Segurança Pública do Recife. Prontuário Funcional n. 29653 – Alemanha. DOPS – APEJE.

<sup>144</sup> Ofício 254 da Delegacia de Polícia de Gravatá de 12/06/1940 para o Secretário de Segurança Pública do Recife. Prontuário Funcional n. 29653 – Alemanha. DOPS - APEJE.

<sup>145</sup> SILVA, Giselda Brito. A Ação Integralista Brasileira em Pernambuco (1932-1937). Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife, 1996, p. 120

representações políticas.<sup>146</sup> Nesse sentido, a propaganda apresentava-se sob diversas formas. A publicidade, por exemplo, foi um forte componente de atuação na divulgação dessas idéias quando alguns produtos passam a associar sua imagem à representação desse ideário, corroborados pelas vitórias iniciais da Alemanha e Itália no conflito mundial. Observamos, por exemplo, a exploração da pureza racial na publicidade de alguns remédios, sendo nessa ocasião, depurar o sangue um forte componente apelativo à população. Dessa forma, se as pessoas quisessem ser forte, inteligente, com boa saúde tinham que tomar o remédio *Galenogal*. A figura de Mussolini, chefe fascista e da águia representativa do nazismo são incorporados a essa publicidade.

Segundo Philippe Breton, a publicidade possibilita difundir qualquer tipo de mensagem no espaço público abrangendo tanto o lado comercial quanto o político. Ela influencia utilizando todos os meios possíveis para fazê-lo, desde a sedução, o drama, a especulação e a manipulação, fazendo com que a mensagem ressalte o produto. Para o autor, a publicidade pode também procurar convencer algo além da compra do produto, ou seja, aparece por trás da mensagem uma outra mensagem.<sup>147</sup> É o que percebemos com a publicidade do remédio *Galenogal*. Com a utilização da figura de Mussolini, representativa do sucesso fascista, além de passar a mensagem de pureza racial, transmitia-se também o apoio e desejo de segui-lo: “*Si avanço sigam-me! Si recuo, matem-me! Se tombo, vinguem-me! Se o sangue tornar-se impuro, tome Galenogal.*”<sup>148</sup>

---

<sup>146</sup> CAPELATO, Maria Helena. A Propaganda Política e a Construção dos Imaginários In FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. Contexto, São Paulo, 2001 p. 201.

<sup>147</sup> BRETON, Philippe. *A Manipulação da Palavra*. Edições Loyola, 1999, pág. 41-43

<sup>148</sup> Palavras utilizadas na publicidade do remédio *Galenogal* com a figura de Mussolini.



Fig. 01

Fonte: Jornal do Commercio  
16/04/1939 – APEJE



Fig. 02

Fonte: Jornal do Commercio  
29/01/1939 - APEJE

O aspecto familiar também é amplamente explorado. A mulher antes de se casar deveria usar o *Galenogal* que purificava o sangue, possibilitando o nascimento de filhos fortes e saudáveis, sendo a imagem do filho como um condenado reforçando tal mensagem. Outras marcas também são bastante veiculadas. Os depuradores são nesse período bastante utilizados para tratar desde cicatrização de feridas, doenças de pele, arteriosclerose, raquitismo, sífilis e todo tipo de doença venérea, servindo até para engordar.<sup>149</sup> Eram propagados como verdadeira transfusão sanguínea, cujo uso livraria as pessoas de todos os males, representando assim a vida para aqueles que utilizassem tal produto, como a publicidade do depurador *Sanguenol*: Viver ou morrer!<sup>150</sup>

<sup>149</sup> Propagandas veiculadas no Jornal do Commercio de 28/05/1939, 15/01/1939, 22/01/1939 e 02/03/1939 - APEJE

<sup>150</sup> Propaganda do depurador sanguíneo de nome Sanguenol. Jornal do Commercio 26/01/1939 - APEJE



Fig. 03

Fonte: Jornal do Commercio  
23/04/1939 – APEJE



Fig. 04

Fonte: Jornal do Commercio  
05/03/1939 - APEJE

A publicidade em torno de bebidas com nomes que representavam os países ou alianças beligerantes também é bastante veiculada. A Brahma possuía a cerveja de marca *Teutonia* que adquiriu em 1904 através da fusão com a Preiss Häussler & Cia ou Cervejaria Teutonia<sup>151</sup>. Essa publicidade “embarcava” no sucesso alemão. No entanto, quando os Aliados começam a superar os alemães no conflito mundial, o combate entre o consumo de marcas passa a ser mais explorado pela bebida de nome Aliada. Da publicidade, de certa forma ingênua, da cerveja *Teutonia* com o seu “*Alegre seu Paladar com Teutonia*”, a Distribuidora de Bebida Aliada do Recife ousava: “*Seja Prudente: Beba Aliada ou não beba nada*”. Nessa publicidade estava implícita a questão da preservação do indivíduo quanto às suas preferências políticas. Nesse momento torna-se muito perigoso denotar qualquer relação com os países inimigos. Portanto o indivíduo tinha que ser prudente, até no consumo de sua cerveja.

<sup>151</sup> [www.ambev.com.br/empresa/história](http://www.ambev.com.br/empresa/história) de 1885 a 1930. Acesso no dia 24/08/2004.

O tema quinta coluna também fez parte da publicidade em torno da companhia de eletricidade, veiculadas tanto na Bahia como em Pernambuco, procurando mostrar de forma paranóica que o quinta coluna estava trabalhando contra o Brasil, precisando assim o povo ter muito *cuidado com o que vê, ouve e fala*.<sup>152</sup>



Fig. 05

Fonte: Jornal do Commercio  
11/02/1939 – APEJE



Fig. 06

Fonte: Jornal do Commercio  
22/05/1943 APEJE



Fig. 07

Fonte: JC 16/10/1942 – APEJE



Fig. 08

Fonte: "O Berro" – UNICAP 2002

<sup>152</sup> Artigo: O medo veio do Mar, de Augusto César Machado Coutinho para a Revista Nossa História. Ano I n. 11, setembro /04 p. 38-43.

No entanto, o mais criativo com relação à utilização de produtos na propaganda de mensagens com conotação nazi-fascista foi a utilizada nos cigarros de marca “Nacionais” da Fábrica Lafayete S/A, onde quatro carteiras formavam a cruz suástica, símbolo do regime político do governo alemão. Essa estratégia obteve um êxito fenomenal, aumentando de forma surpreendente a vendagem do produto nos fiteiros da cidade do Recife. No mercado de São José, por exemplo, durante uns três dias após a aparição desse produto, só se falavam nesses cigarros e muitas pessoas ansiavam para adquiri-los, alegando que estavam fazendo coleção.<sup>153</sup>

A Fábrica Lafayete procurou isentar-se da culpa, alegando que um funcionário alemão de nome Evaldo Stulleiken aproveitara-se da oportunidade em que a fábrica lançou com o desafio de elaborarem uma nova carteira para os cigarros “Nacionais” e este funcionário de forma inteligente vai elaborar um novo modelo usando um antigo soldo de cigarros de marca “Petiscos”. A empresa alegava que foi muito fácil ser enganada pelo funcionário, pois o modelo que produziu tinha os traços gerais semelhantes ao desenho dos cigarros “Petiscos”. No entanto, Evaldo modificou o desenho original de forma que ao juntar quatro carteiras formava-se o símbolo da suástica com as cores da bandeira do Brasil. Mas sua criatividade não ficou só nisso, pois se colocassem as carteiras em outra posição formava a cruz de ferro com as mesmas cores.

Quando interrogado, o funcionário tentava convencer que não agiu de forma proposital, pois nada mais fizera do que copiar os traços da carteira antiga. Mas ao confrontarem as duas marcas percebem a falsidade nas afirmações que fizera. Evaldo já era conhecido da polícia política, pois já tinha sido detido por ser

---

<sup>153</sup> Inquérito da DOPS sobre propaganda nazista com carteiras de cigarros – 12/11/1941. Prontuário funcional n. 29653 Alemanha. DOPS – APEJE. Citado também em CORDEIRO: 2000.

acusado de fazer propaganda de revistas antiinglesa, impressas também nas oficinas da Fábrica Lafayete. Na ocasião fora solto, pois não houve maiores comentários sobre essa sua prática. Quando de suas declarações sobre o caso de Evaldo, Dr Fábio Correia lamentava não ter sido mais enérgico anteriormente, alegando não haver calculado como o alemão pudesse ser tão convicto em fazer propaganda em favor da Alemanha, o que atentava aos princípios da neutralidade decretada pelo governo nacional.<sup>154</sup>

Mas, essa questão que se levantou em torno da neutralidade e da propaganda dos países beligerantes não foi considerado como um grande problema para o Brasil, pelo menos até a sua entrada no conflito, pois a orientação do governo era para que deixassem acontecer livremente, desde que não atentassem contra as instituições brasileiras ou integração nacional.<sup>155</sup> Dessa forma, a utilização da propaganda em torno do ideário nazi-fascista vai permanecer, utilizando-se toda criatividade possível na arte do convencimento.

Os filmes e/ou documentários também foram explorados como um potencial meio de divulgação das idéias nazistas. Segundo Siegfried Kracauer, todos os filmes nazistas tinham de certa forma uma conotação de propaganda. Com relação à propaganda direta da Guerra produziram dois tipos de filmes: os noticiários semanais, como o *Blitzkrieg in Westen* (Guerra Relâmpago no Ocidente); e os de longa metragem, como *Feuertaufe* (Batismo de Fogo), sobre a campanha na Polônia e *Sieg in Westen* (Vitória no Ocidente), sobre a campanha na França. O Ministério da Propaganda da Alemanha devotou imenso esforço para

---

<sup>154</sup> Inquérito da DOPS sobre propaganda nazista com carteira de cigarros – 12/11/41. Prontuário Funcional n. 29653 Alemanha. DOPS – APEJE. .

<sup>155</sup> Radiograma do Capitão Batista Teixeira, Delegado da DOPS DF para Dr. Fábio Correia da DOPS Recife em 20/07/1940. Prontuário Funcional n. 29653 Alemanha. DOPS – APEJE.

que os filmes nazistas pudessem ser exportados, preparando versões em dezesseis diferentes línguas.<sup>156</sup>

No Recife, o filme “Guerra Relâmpago” no qual fazia a propaganda do poder ofensivo da Alemanha com suas incursões bélicas por meio de ataques surpresa foi exibido em maio de 1941 no cinema Moderno, causando grande impressão.



Fig. 09

Fonte: Jornal do Comércio 06/05/1941 - APEJE

Em um comentário sobre a utilização do cinema como uma arma, um jornalista assim se expressava:

“...o filme que reproduz um de tais bombardeios pode ser um inofensivo documentário, mas pode também deixar nos espectadores uma impressão tal de medo que lhes abata o animo no caso de terem de enfrentar uma ameaça de coisas semelhantes...”<sup>157</sup>

Ora, era essa a mensagem que o documentário tentava propagar, ou seja, mostrando a ofensiva alemã, tentava-se intimidar seus opositores. Não existia, portanto, inocência nesse documentário, não sendo também inofensivo, haja vista o potencial meio de propaganda que se apresentava.

<sup>156</sup> KRACAUER, Siegfried. De Caligari a Hitler – A História psicológica do cinema alemão. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1988, pág. 319-321.

<sup>157</sup> Notas avulsas – LD – Jornal do Comercio – 07/05/1941 APEJE

Para Goebbels era muito importante que os alemães tivessem acesso aos filmes nazistas e ninguém na Alemanha escapava desses filmes, pois os cinemas ambulantes eram enviados a todo o país.<sup>158</sup> No Recife, o Clube Alemão era um local onde a comunidade alemã assistia tanto às projeções cinematográficas, quanto às retransmissões dos discursos de Hitler. Tendo um papel importante para a integração da comunidade alemã, o clube também era muito freqüentado por pernambucanos que mantinham estreitas amizades com alemães ou que comungavam com o sentimento de apoio e simpatia às idéias nazistas, sendo, portanto, consideradas pessoas importantes, dignas de freqüentar um clube tão seleta.

O clube alemão localizado atualmente em Casa Forte, foi fundado no dia 24 de janeiro de 1897 pelo Sr. Groscke, esposo de D.Anita Lundgren e alguns companheiros na Cervejaria Pernambucana que ficava localizada na rua da União que também era de propriedade do Sr. Groscke. Após essa cervejaria ser comprada pela Antarctica, a sede do clube passou a ser na Torre, em prédio alugado, sendo comprado posteriormente, em 07/01/1938, o terreno onde foi construída a sede atual.<sup>159</sup> O período em que o clube tinha a sede na Torre, foi o período em que o Brasil vivia seus momentos mais conturbados politicamente. Apesar de funcionar normalmente, mesmo após o golpe de 1937, o Clube Alemão será muito vigiado pela polícia política, sendo suas atividades obrigadas a serem comunicadas à Delegacia de Ordem e Política Social. Nesse sentido é que observamos, pelos comunicados enviados à delegacia constante preocupação nas pautas de reuniões de sempre colocar a comunidade alemã em contato com os acontecimentos relacionados ao conflito mundial, destacando a ascensão alemã, os

---

<sup>158</sup> KRACAUER, Siegfried. De Caligari a Hitler – A História psicológica do cinema alemão..Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1988, p.320

<sup>159</sup> Prontuário Funcional Clube Alemão de Pernambuco n. 29094 – DOPS – APEJE.

discursos de Hitler e os filmes ou documentários que faziam propaganda das idéias nazistas. Portanto, nas festividades que aconteciam, sempre se mencionava alguma manifestação pró-nazismo, incluído desde retransmissão do discurso de Hitler até as datas marcantes para o povo alemão como o aniversário do fuhrer. Esses momentos eram marcados pelo êxtase, diante das glórias e conquistas de Hitler e essas reuniões serviam como representação de unidade e louvor ao nazismo e a Alemanha. Tão grande era esse sentimento que muitos extravasavam em discursos inflamados seu apoio. Após uma dessas reuniões, onde assistiram a uma projeção cinematográfica, o Dr. Monteiro de Moraes, convidado especial, fazia questão de mencionar suas simpatias pela Alemanha e seu ódio a Inglaterra. Assim, o investigador relatava:

Comunico a V.As., que assisti as 21h de ontem a sessão cinematográfica realizada na sede do Clube Alemão, a rua Conde de Irajá n. 30. Alem de vultoso numero de alemães, inclusive os residentes em Paulista, ali estiveram por força de convite especial os doutores Mario Pessoa e Monteiro Moraes. O primeiro muito discreto limitou-se a depois da projeção ouvir a irradiação de uma emissora alemã, o segundo entretanto, declarava-se abertamente germanófilo, não escondendo seu ódio a Inglaterra...<sup>160</sup>

Dessa forma, embalados pelo sentimento de apoio às idéias nazistas e vendo projetadas nas telas mensagens que glorificavam o país que admiravam, algumas pessoas não escondiam suas preferências políticas, expressando publicamente seus sentimentos.

Quanto à propaganda do partido nazista, segundo Paula Diehl, é marcada por duas fases distintas: a que antecede a tomada do poder e a posterior. No primeiro momento, a propaganda visava atingir as pessoas que lhe faziam oposição ou desconheciam o partido. O tema bastante utilizado para chamar-lhes

---

<sup>160</sup> Parte policial (s/nome), 05/01/1941 – Prontuário Funcional 29094 Clube Alemão de Pernambuco – DOPS – APEJE.

atenção relacionava-se a situações-problema, dentro das diretrizes pregadas pelo nacional-socialismo, como por exemplo, o tema do comunismo. Nesse sentido, o cinema será um veículo de propaganda bastante explorado, onde abordará essas questões. O filme *Hitlerjunge Quex* é um exemplo. Em uma cena desse filme um pai comunista conversa com um membro da SA. O comunista é apresentado com um estereótipo de homem grosseiro, sujo, gordo e emocionalmente desequilibrado; o membro da SA, ao contrário, com aspecto físico impecável, alto, magro, bonito e educado transmite a idéia de superioridade de um sobre o outro. A mediação entre os dois será o filho do comunista, uma criança de doze anos de idade. O membro da SA tenta convencer a criança das propostas defendidas pelo partido, sendo naturalmente rejeitado pelo pai que defende as idéias comunistas. Para a autora a criança nesse embate pode muito bem representar a Alemanha que vivenciava a luta no terreno do discurso desses dois pólos opostos. Naturalmente, o discurso comunista no filme perde terreno para o discurso nazista que através da serenidade do SA vai conquistando o menino, enquanto que o pai vai cada vez mais se mostrando desequilibrado. A imagem que se tenta mostrar cabe perfeitamente como o bem contra o mal. No entanto, esse mal se dissipa quando no filme lança a proposta fundamental da propaganda de adesão, ou seja, o convencimento de unidade racial: o SA pergunta onde o comunista nascera. Ele responde que foi na Alemanha: “...*Você é um alemão! Eu também!*”. Dessa forma não poderia existir diferença entre eles, pois se todos eram alemães, eram iguais. Nesse momento evitava-se o radicalismo. Os argumentos defendidos se voltam para união e comunidade propagado como representação do nacional-socialismo.<sup>161</sup>

---

<sup>161</sup> DIEHL, Paula. Propaganda e Persuasão na Alemanha Nazista. Anna Blume, 1996, pág 86-87.

No entanto, a violência dos nazistas era bem visível na vida real. Quando estreou o filme “*Sem Novidade no Front*”, em Berlim, mesmo com a aprovação dos sensores, os nazistas protestaram indignados com a imagem do soldado alemão representado na tela, ou seja, um povo cuja fisionomia se apresentava derrotada. Goebbels resolvera esse problema enviando grupos de SA que se incumbiam de ameaçar as pessoas e usavam de violência com quebra-quebra, colocando ratos nas poltronas, bombas mal cheirosas, enfim, espalhando o terror nos cinemas. A fita foi finalmente retirada do circuito nacional “por tender colocar em risco o prestígio da Alemanha”.<sup>162</sup> O filme “*Sem novidade no front*” foi baseado na obra de Erich Maria Remarque que procurava passar uma mensagem pacifista. No entanto, para os nazistas, não se poderia admitir a imagem da Alemanha e do seu povo como derrotados. Ao contrário, era preciso mostrar esplendor e glória, sendo incumbência do cinema nazista realizar tais proezas. Verifica-se assim, com a chegada de Hitler ao poder em 1933, as artes na Alemanha tomando um novo rumo. Hitler abominava o que se produzia anteriormente, sendo considerado por ele como “arte degenerada”. A arquitetura, a música, a literatura, nada, enfim, sobreviveu e seus representantes partiram para o exílio. A perda foi incalculável (Thomas e Heinrich Mann, Arnold e Stefan Zweig, Bertold Brecht, Walter Gropius entre outros) não sendo a Alemanha, posteriormente, capaz de produzir algo que permanecesse, pois as inovações e originalidade na arte foram sufocadas no regime nazista.<sup>163</sup> Esse período nas artes, anterior à tomada do poder por Hitler é considerado por muitos estudiosos como prelúdio de uma época de destruição, sendo, portanto, significativo fazermos um breve resumo.

---

<sup>162</sup> FRIEDRICH, Otto. *Antes do Dilúvio – Um Retrato da Berlim nos anos 20*. Editora Record, Rio de Janeiro/São Paulo, 1997, p. 340.

<sup>163</sup> KERSHAW, Ian. *Hitler – Um perfil do poder*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993. p. 189

## 2.2 – Arte, Vida & Morte

Na Alemanha da República de Weimar, apesar das contradições, conforme já observadas, não podemos deixar de reconhecer que, culturalmente, foi um dos períodos mais ricos que a Alemanha passou: a arte floresceu e encantou o mundo com sua irreverência, inovação e ousadia na arquitetura, na música, na dança, no cinema, no teatro. O dinamismo na arte, enfim, se sobrepõem em meio ao caos. A cidade de Berlim era considerada como símbolo do modernismo e metrópole cultural favorecendo toda essa inovação artística. Ironicamente, será também refúgio de uma vanguarda artística perseguida pela repressão em seus países, como os russos e os húngaros que vão, entre outros, contribuir para enriquecer mais ainda a cultura<sup>164</sup>. Berlim também era a cidade onde reinava a liberdade. A vida noturna era repleta de agitação. Os famosos night clubs dão idéia da alegria e liberdade contagiantes. A Alemanha mudava os costumes:

“A banda toca estridentemente um charleston; o local está superlotado, enfumaçado, quente, louco e diferente. Fraques e paletós esporte, arminho e pulôveres, tudo misturado. Tiras de papel sobrevoam os casais de dançarinos... Aqui homens dançam não só com mulheres, mas também com homens. E mulheres dançam com mulheres. E o simpático cavalheiro da Saxônia que dança com a cantora loura não tem a menor idéia de que sua dama loura é um homem...”<sup>165</sup>

Os cabarés, os cafés, os clubes direcionados a um público bastante específico aumentavam. O El Dourado era freqüentado por travestis; o Admirável por homossexuais; o Escorpião pelas lésbicas. Em defesa dos homossexuais, o trabalho do Dr. Magnus Hirschfeld será de fundamental importância,

<sup>164</sup> RICHARD, Lionel. A República de Weimar (1919-1933). Cia. Da Letras, São Paulo, 1993, p.24

<sup>165</sup> ECKARDT, Wolf Von & GILMAN, Sander L. A Berlim de Bertolt Brecht – Um Álbum dos anos 20. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1996, p. 31

principalmente ao militar contra o parágrafo 178 e 218 do código penal, pois esses códigos reprimiam arbitrariamente todo ato homossexual e aborto.<sup>166</sup> Poder-se-ia dizer que na Alemanha se vivia uma verdadeira “revolução sexual”.

O teatro será bastante representativo das mudanças que aconteciam no âmbito cultural. Os teatrólogos inovavam no texto, na montagem, na direção, no conjunto enfim, que formavam a peça teatral. Suas mensagens eram diretas “um grito por auxílio e pedidos enfático, impaciente por reforma”.<sup>167</sup> Segundo Jürgen Schebera, foi a partir de Jessner que iniciou uma revolução na estética teatral dando origem a um teatro moderno, um teatro político.<sup>168</sup> A primeira produção de Jessner, *Guilherme Tell* de Schiller, com uma performance expressionista mostrava que a arte tinha sim uma função crítica na nova república e essa representou a revolução contra a tirania. A estréia foi triunfante e estarrecedora:

“os homens no teatro, eram da esquerda, sentiam-se ultrajados pela morte de Liebknecht e Luxemburgo, e a produção de Jessner era uma expressão desse ultraje. Desde o início, a estréia foi interrompida por demonstrações na entrada. Tanto a esquerda quanto a direita estavam bem representadas; havia gritaria, assovios, bater de pés; críticos de varias facções políticas e diversos gostos literários ficaram de pé sobre as cadeiras e acenaram os programas uns para os outros... as trombetas soaram, imitando a cadência do automóvel do ex-Kaiser, e isso fez irromper outra manifestação barulhenta na entrada... as demonstrações recomeçaram até que a gritaria tornou-se ensurdecadora. E agora Albert Bassermann, o refinado ator, com sua voz rouca, correu pela cortina, até o palco. Sua aparição inesperada trouxe o silêncio e então com uma voz pela primeira vez audível, Bassermann gritou “expulsem os vagabundos; eles foram pagos!” Houve alguns gritos de protesto mas a resistência acabara e a peça prosseguiu até o final triunfante”<sup>169</sup>.

<sup>166</sup> DOSE, Ralf. A sexualidade: provocações de um pioneiro. In RICHARD Lionel (org). Berlim, 1919-1933 – A encarnação extrema da modernidade, Jorge Zahar EditorRio de Janeiro, 1993, p.118-119

<sup>167</sup> GAY, Peter. A Cultura de Weimar. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1978, p 127

<sup>168</sup> SCHEBERA, Jürgen. Explosão artística e contestação. In RICHARD Lionel (org). Op.cit. p. 75

<sup>169</sup> KORTNER, Fritz, *Aller Tage Abend* (1959), 350-362, citado em GAY, Peter. A Cultura de Weimar. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1978, p. 132

Outro nome bastante significativo no teatro foi Bertolt Brecht, que apesar de um começo difícil (quase morre por desnutrição) encontrará, enfim, o sucesso com a *Ópera dos três vinténs*, no ano de 1928. Para alguns críticos esta peça foi considerada como símbolo da mudança que se processava no meio artístico teatral. Para outros, “um lixo”:

“O que a Ópera dos três vinténs tem a ver com nossa época? Ó Deus! Será que a ameaçadora marcha do batalhão de mendigos ou um pouco de pseudocomunismo a tornam relevante? Sem a música magnificamente simples de Weill não é nada. Lixo. Entulho. O décimo terceiro numa dúzia”.<sup>170</sup>

Mas o público em geral amou. O que estava mudando na conceituação dos berlinenses?

O que mudava era o momento político. A cultura e a sociedade estavam entrelaçadas num jogo de tensão e crítica. Para Peter Gay, essa comunhão de arte e vida está representada em três momentos na República de Weimar:

- 1) Novembro de 1918 a 1924 – período que corresponde à revolução, guerra civil, ocupação estrangeira, crimes políticos e inflação. Culturalmente foi uma época de experiências nas artes; “o expressionismo dominava a política tanto quanto a pintura e o palco”;
- 2) O período de 1924 a 1929 - estabilização fiscal, diminuição na violência política, renovação do prestígio no estrangeiro, prosperidade. No campo da cultura, a arte progride e entra numa nova fase chamada Nova Objetividade, onde havia mais a preocupação com o realismo, o funcionalismo.

---

<sup>170</sup> KERR, Alfred, *Die Welt im Drama*. Colonia: Kiepenheuer & Witsch, 1964, pp 267-68 citado em: ECKARDT, wolf Von & GILMAN, Sander L. *A Berlim de Bertolt Brecht – Um Álbum dos anos 20*. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1996, p.88

3) 1929 a 1933 – período de crise novamente: desemprego, decretos, decadência dos partidos e classe média, violência. A cultura tornou-se menos crítica, silenciou-se, subjugou-se, “*tornou-se espelho dos acontecimentos políticos*”.<sup>171</sup>

Nesse sentido, entendemos que, nesse jogo em que arte e vida se confundem, a reação à apresentação da peça de Bertolt Brecht: *A Ópera dos três vinténs*, baseada numa peça inglesa que fugia totalmente do estilo até então desenvolvido, corresponde ao momento em que o povo alemão estava passando. É como assinala Eckardt: “*talvez o público tivesse se cansado de produções políticas*”.<sup>172</sup> O que antes, nas artes, era valorizado como símbolo de revolta política, representado pelo expressionismo, vai dar lugar a um novo momento em que se valorizava a simplicidade, a sátira, a busca da realidade objetiva.<sup>173</sup> Assim, após a superação das incertezas políticas, com a entrada de Hindenburg na presidência, reina uma certa calma e a população alemã vai procurar usufruir desse momento.

Na arquitetura, a fundação da Bauhaus - escola de arquitetura e artes em 1919, dirigida por Walter Gropius, revolucionou o conceito em matéria de arte. Gropius defendia que os arquitetos, os escultores, os pintores deveriam ter uma visão multiforme nos seus trabalhos, do todo e das partes. Considerava que a razão e a paixão deveriam trabalhar juntas, pois assim poderiam obter a arquitetura total. Segundo Peter Gay, Gropius quis ensinar a lição de Bacon, Descartes e do Iluminismo, ou seja, enfrentar o mundo e dominá-lo, daí não

---

<sup>171</sup> GAY, Peter. A Cultura de Weimar. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1978, p. 140

<sup>172</sup> ECKARDT, Wolf Von & GILMAN, Sander L. A Berlim de Bertolt Brecht – Um Album dos anos 20. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1996, p. 88

<sup>173</sup> GAY, Peter, A Cultura de Weimar. Paz e terra, Rio de Janeiro, 1978, pp 139-142

causar surpresa o curto tempo de vida que essa escola teve (um ano e meio), pois esta lição à maioria dos alemães não queria aprender.<sup>174</sup>

No cinema temos a obra prima do expressionismo: *O Gabinete do Dr. Caligari*, lançado em fevereiro de 1920. Considerado como a personificação da República de Weimar, a loucura de Caligari era a loucura do começo de Weimar, as incertezas que marcavam o rumo da Alemanha. Os cenários tortuosos pintados em sombra, os atores em transe, enfim, a imaginação superava as expectativas do que seria uma loucura. Em 1930, *O Anjo Azul* com Marlene Dietrich, satirizava a sociedade alemã e a estréia de *Nada de novo no Front* foi sendo boicotada com atos de violência pelos nazistas, conforme já mencionamos. Ensaia-se assim, o que estava por vir. Os desenhos selvagens, as caricaturas de George Grosz, representando sua sátira em relação à pobreza, prostituição, à violência, o vício marcava também esse período tão conturbado. A cultura de Weimar, enfim, representou o seu momento político. A vida e a arte caminharam juntas. Conforme mencionamos, quando assume o poder em 1933, Hitler, vai considerar tudo isso como “arte degenerada” e colocar em prática a sua “verdadeira arte”. Será visto no futuro como “o arquiteto de cemitérios”<sup>175</sup>. Nesse momento a vida e a morte caminharam juntas, no entanto muitos que lá visitavam só enxergavam arte & vida. Essa era a impressão que tivera um certo Gaspar Coelho após viagem que fizera a Alemanha em 1938, voltando admirado com o que vira no Museu folclórico de Berlim, cuja organização era tida como admirável, com produções de todo mundo e chegando mais a cada dia, estando o Brasil também lá representado à altura da nossa riqueza<sup>176</sup>.

---

<sup>174</sup> GAY, Peter, A Cultura de Weimar. Paz e terra, Rio de Janeiro, 1978, p. 117

<sup>175</sup> ECKARDT, Wolf Von & GILMAN, Sander L. A Berlim de Bertolt Brecht – Um Álbum dos anos 20. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1996, p. 14

<sup>176</sup> Radiocultura: O museu folklorico de Berlim – Jornal do Comércio 08/07/1938 – APEJE.

### **2.3 - Por trás dos bastidores, as suspeitas...**

As atividades dos simpatizantes do nazismo passaram a serem divulgadas nos jornais a partir do momento em que o Brasil definiu sua posição no conflito apoiando os Estados Unidos e conseqüentemente cortando as relações diplomáticas e comerciais que uniam à Alemanha. A enxurrada de denúncias que começaram a aparecer mostrou que o Brasil há muito tempo já vinha desenvolvendo uma grande investigação em torno dos súditos do Eixo, bem como seus simpatizantes. Estes puderam desenvolver suas atividades num período em que o país estava neutro, mas que nem por isso, deixaram de ser alvo de investigação por parte do governo.

Em Pernambuco, essas averiguações que vinham sendo feitas pela polícia política, contavam com o apoio da polícia marítima e aérea com controle e observação aos estrangeiros e simpatizantes do nazi-fascismo residentes no Recife. Das suspeitas, originaram-se diligências feitas em torno de pessoas quer física, quer jurídica.

Quanto às empresas que foram alvo de investigação por parte da polícia política destacamos as empresas pertencentes à família Lundgren, especialmente a Fábrica Paulista e Rio Tinto. Nessas empresas existiam muitos empregados de origem alemã, passando a ser alvo de constante vigilância por compreenderem que ali desenvolviam atividades nazistas. No entanto, para o nosso trabalho, o que nos interessa mostrar é que seus proprietários passaram a ser alvo das investigações desenvolvidas pela polícia, sendo inclusive, considerados coniventes com as atividades nazistas que eram desenvolvidas nas suas fábricas:

“...até que ponto os donos e dirigentes de Paulista e Rio Tinto ou elementos ali fixados estão cooperando nessas atividades é difícil acertar, mas na menor hipótese deve haver convivência dos seus proprietários, pois a quem conhece a organização Lundgren não é lícito acreditar que em Paulista ou Rio Tinto possa haver atividade alguma que não seja pelo menos conhecida ou pressentida pelos mesmos...”<sup>177</sup>

Família influente na sociedade pernambucana, os Lundgren são de origem sueca. O fundador do grupo foi o sueco Herman Theodor Lundgren que ao adquirir a firma de tecidos Rodrigues Lima e Companhia, operou uma grande transformação numa região até então inóspita, que era Paulista. Posteriormente o grupo foi crescendo formando um conglomerado de empresas que incluía não só a fábrica de Tecidos Paulista, mas também a fábrica de Pólvora Elefante em Pontezinha, no Cabo, a fábrica de Tecido Rio Tinto em Mamanguape, na Paraíba, inaugura em 1924, a Companhia Têxtil Santa Elizabeth em Minas Gerais, fundada em 1955, a Companhia Renascença Industrial também em Minas Gerais inaugurada em 1963 e as Casas Pernambucanas que em 1946 contava com 600 lojas espalhados pelo Brasil. Os empresários construíram vilas operárias para seus empregados, possibilitando uma concentração populacional em torno de 35 mil pessoas, sendo 14 mil trabalhando em suas fábricas,<sup>178</sup> desenvolvendo assim a cidade de Paulista, em torno do poder político e econômico da família Lundgren. No entanto, mesmo com tanto poder político e econômico foram alvo de suspeitas e investigações por parte da polícia política de Pernambuco e essas investigações são reveladoras de uma verdadeira trama e combates entre forças que envolviam, não só o poder público e o poder privado, mas no interior do próprio poder público, entre os próprios investigadores.

---

<sup>177</sup> Relatório do Investigador Pinheiro. Prontuário Funcional Fábrica Paulista (Sindicâncias) n. 29240 DOPS-APEJE.

<sup>178</sup> Frederico Lundgren, uma grande vida - Jornal do Commercio 21/04/1946. Prontuário Funcional Fábrica Paulista n. 29226 DOPS - APEJE

É importante salientar que na época em que os jornais começaram a divulgar as notícias relacionadas às atividades dos simpatizantes da Alemanha, não se mencionava notícia de que a família e as fábricas Lundgren estivessem sob suspeita de envolvimento com essas atividades. Ao contrário, observamos que quando o Brasil foi alvo de ataques por parte dos alemães, com afundamento dos nossos navios, essa família mandava celebrar missas em sufrágio da alma dos brasileiros, vítimas desses afundamentos, convidando as pessoas pelo jornal. No final, a missa campal tornava-se um verdadeiro “espetáculo” de tão concorrido que era, tanto pelo povo, como pelas autoridades que lá se dirigiam.<sup>179</sup> No entanto, era atrás dos bastidores que tudo acontecia ou quase tudo.

A família Lundgren aparentava ter simpatia pela Alemanha e como já mencionamos, em 1936, pelo menos, não escondia suas manifestações de apreço pelos alemães. Quando a Alemanha despontava no cenário internacional com as transformações realizadas no governo de Hitler, o que deixava muitas pessoas admiradas, a sra Anita Groske Lundgren, por exemplo, recepciona com um grande banquete os oficiais alemães que chegaram no cruzador Schleswig-Holstein e estavam de passagem pelo Recife e muitas pessoas importantes da sociedade pernambucana estavam lá prestigiando esse evento, conforme já mencionamos.<sup>180</sup>

Em relatório de investigação que envolvia a Sra. Anita Groske, há menção de que ela não escondia suas simpatias pelo nazismo:

---

<sup>179</sup> A homenagem de Paulista as vítimas do nazi-fascismo. Jornal Pequeno 24/09/1942 - APEJE

<sup>180</sup> As homenagens à guarnição do Schleswig Holstein. Jornal Pequeno – 03/12/1936 – APEJE.

“...enquanto os irmãos Lundgrens não deixam transparecer abertamente as suas simpatias, a sua irmã Anita Lundgren Groscke é abertamente simpática à causa nazista. É vista freqüentando todas as suas reuniões mais importantes, coloca o seu carro à disposição deles e segundo dizem, fornece ajuda financeira. Reside à rua Padre Roma 302, vizinha de Hans Sievert, um dos dirigentes principais da organização nazista local, tendo recentemente aberto uma porta de comunicação entre as duas casas...”<sup>181</sup>

Conforme podemos perceber, as atitudes de D. Anita Groscke eram consideradas, para a polícia, motivo de suspeita de estar agindo em favor de atividades nazistas. Vejam que o investigador não se resume somente em apontá-la como simpática à causa nazista, mas procura reforçar sua argumentação ao fazer sua ligação com o alemão Hans Sievert, espião nazista e provocar um clima de mistério ao mencionar a abertura de uma porta de comunicação entre as duas casas. No entanto, o nome de D. Anita não se resumia a esse caso. Encontramos também seu nome relacionado a um outro alemão, considerado espião nazista, chamado Erich Dobler. Segundo consta no prontuário da Fábrica Paulista, Erich Dobler chegou ao Recife vindo com recomendação da embaixada Alemã para D. Anita Groscke que *atendendo ao pedido em apreço* o empregou na fábrica:

“...acontece porém, que esse alemão veio designado por aquela embaixada para trabalhar no serviço de espionagem em Recife. Erich Dobler, freqüenta diariamente o escritório de Alberto Lundgren, onde conferencia, reservadamente com Werner Paul Brendel e Adolpf Kantz, estando em atendimento com aquela firma para ali manter uma seção de vendas para a Argentina, cuja, lhes facilita a comunicação com os elementos daquele país. Em Paulista, onde reside, liga-se com Edgar Schuett, Arnold Schmider, Saturnino Zhiaja e Snr Burr, na casa conhecida pro chalet 24.”<sup>182</sup>

Observem que não existe nesse documento insinuação “direta” de que Sra. Anita estaria relacionada com esse espião, dando a entender que ela estaria

<sup>181</sup> Relatório do Investigador Pinheiro. Prontuário Funcional Fábrica Paulista (Sindicâncias) n. 29240: DOPS – APEJE. Citado em CORDEIRO, Philonila M.N. op. Cit. P. 31

<sup>182</sup> Documento “avulso” s/data e investigador. Prontuário Funcional Fábrica Paulista 108 A n. 29405 data 1941 a 1952.

somente fazendo um favor, dando emprego a uma pessoa, por consideração a um homem tão importante como o embaixador alemão. Aliás, D. Anita quando faleceu em 1949, foi lembrada como uma pessoa muito caridosa, tinha um espírito filantrópico prestando sempre sua cooperação aos mais necessitados. Para se ter uma idéia, noticiava-se que em seu testamento deixou algumas doações como, por exemplo, cem mil cruzeiros para cada uma dessas instituições: Hospital Infantil Manoel Almeida da Jaqueira, Campanha Nacional da Criança, Instituto dos Cegos, Campanha de Combate à Tuberculose, Campanha de Combate à Lepra.<sup>183</sup> No entanto, a ligação da Sra. Anita com a embaixada já era motivo de suspeição porque a própria embaixada alemã já vinha sendo investigada pela polícia por estar fazendo trabalho de propaganda nazista<sup>184</sup>, o filho do cônsul, Karl Heinz von den Steinen tinha ligações com a rede de espionagem chefiada pelo alemão Nils Christiansen, sendo responsável pela região Nordeste,<sup>185</sup> e as pessoas relacionadas ao alemão Erich Dobler também já estavam sendo investigadas, sendo ele mesmo citado em relatório policial como líder dos que propagavam a política nazista<sup>186</sup>. Talvez não houvesse nenhuma ligação, mas convém ressaltar que, para a polícia, D. Anita não escondia suas simpatias pelo nazismo: “... *enquanto os irmãos Lundgren não deixam transparecer abertamente as suas simpatias, a sua irmã Anita Lundgren Groscke é abertamente simpática à causa nazista...*”<sup>187</sup>

Nesse sentido, compreendemos que apesar de toda reserva em não se levantar publicamente suspeitas sobre pessoas tão importantes, indiretamente

---

<sup>183</sup> D. Ana Louise Lundgren Groschke. Jornal do Comercio 31/05/1949 e 04/06/1949 – Prontuário Funcional n. 29226 Fábrica Paulista DOPS/APEJE.

<sup>184</sup> Relação das pessoas que recebiam propaganda nazista. Prontuário Embaixada alemã n. 27707 e 29653 Alemanha – DOPS APEJE.

<sup>185</sup> DOPS Ofício 236 18/03/1943. Prontuário Funcional Embaixada alemã n. 27707

<sup>186</sup> Relatório do Inv. Pinheiro de Almeida em jan/42. Prontuário Funcional Fábrica Paulista – Sindicâncias. N. 108 a (11) Pasta n. 29240

<sup>187</sup> Idem

fazia-se ligação entre eles por conta das investigações que já aconteciam envolvendo àquelas pessoas.

O momento delicado em que o país passava justificava os trabalhos de investigação que estavam acontecendo junto às empresas da família Lundgren, pois além de manter estrangeiros no seu quadro funcional, a polícia também recebia denúncias de atividades suspeitas acontecendo nas suas propriedades, como observamos em telegrama enviado ao Interventor Agamenon Magalhães pelo Governo Federal:

“...Recebemos denúncia atividades suspeitas Lundgren ou administradores suas propriedades pt Tais denuncias referem-se segurança Estado pt Solicito vossencia ordenar se necessário detenção incomunicabilidade dos mesmos pt Solicito ainda determinar batida metódica mesmas propriedades Paulista Rio Tinto afim de verificar existência trabalhos suspeitos terras litoral e interior vg localizar e apreender estação clandestina radio bem como apreender aparelhos receptores seus empregados e todos estrangeiros residentes dentro raio aludidas propriedades pt denuncia refere-se preparo campo aviação depósito munições Timbó pt Convém proibir admissão novos alemães italianos propriedades estabelecimentos Lundgren pt Cords sauds(a) Vasco Leitão da Cunha”<sup>188</sup>

A preocupação dos investigadores se acentuava por entenderem que as localidades de Paulista e Rio Tinto seriam perfeitas para instalação de uma base temporária que serviria aos propósitos dos eixistas se ocorresse alguma tentativa de ataque às zonas consideradas vulneráveis que eram de Natal a Recife. Segundo eles, o Porto Artur era considerado perigosíssimo devido à sua capacidade para entrada de navios pequenos ou grandes embarcações, podendo servir até para aterrissagem de hidroavião. Nesse sentido, nada escapava às atenções dos investigadores. Nessa ocasião as suspeitas aumentavam devido à compra em demasia de combustível feito por parte da fábrica, incluindo aí toda espécie de

---

<sup>188</sup> Telegrama de Vasco Leitão da Cunha para Agamenon Magalhães 24/01/1942. Pasta AGM Fundação Getulio Vargas CPDOC.

óleo, diesel, lubrificante e até gás de avião, uma vez que não havia tanta necessidade, tendo em vista utilizarem a lenha para seu funcionamento. Tais desconfianças aumentavam, principalmente pelo envolvimento nessas transações de integralistas:

“...até em João Pessoa, efetuaram compras, tendo comprado 50 caixas da firma J.Mesquita daquela praça, sob a alegação de que era para melhorar a gasolina dos automóveis da fábrica! J. Mesquita que é extremamente germanófilo e forte integralista comprou a gasolina de “Texas” em João Pessoa...”<sup>189</sup>

Como já mencionamos, desde a tentativa de golpe de 1938, os integralistas passaram a ter a imagem associada à “traidores da pátria”. O governo de Getulio Vargas ao longo do período vai trabalhar essa imagem usando o discurso da legitimação da ordem por meio da vigilância e discursos policiais associando assim a imagem do integralista como perigoso e ameaçador da ordem estabelecida.<sup>190</sup> Dessa forma, mencionar em relatório policial a participação de integralista nessa transação comercial era motivo de alerta máximo. No entanto, diante das denúncias, faziam-se diligências no local, mas nunca se encontrava nada que pudessem comprová-las. Vejam esse ofício dirigido ao Secretário de Segurança Pública:

“Delegacia de Ordem e Política Social, 02 de março de 1942. Ofício 145. Exmo. Sr. Dr. Secretário de Segurança Pública. Junto remeto a V.Excia a parte apresentada pelo encarregado de Serviço da Ordem Social que em companhia de mais nove funcionários desta secretária foi incumbido de proceder busca nas diversas dependências da fábrica Paulista. O resultado da mesma não trouxe elementos que positivassem as denúncias de que a polícia tem conhecimento. Apesar da conclusão da diligência, esta delegacia continua a manter, de acordo com a determinação de V.Excia, secreta vigilância na propriedade dos irmãos Lundgren. Fábio Correia”<sup>191</sup>

<sup>189</sup> Relatório do investigador Pinheiro de Almeida. Prontuário Funcional Fábrica Paulista (sindicâncias) n. 29240:DOPS – APEJE. Citado em CORDEIRO, P.M.N. op. Cit.

<sup>190</sup> SILVA, Giselda Brito. A Lógica da Suspeição contra a força do sigma. Tese de Doutorado, UFPE, Recife, 2002, p.113.

<sup>191</sup> Ofício n. 145 de Fábio Correia para o Secretário de Segurança Pública 02/03/1942. Prontuário Funcional Alemanha n. 29653: DOPS – APEJE. Apud CORDEIRO.

Outras diligências foram feitas e novamente não se encontrava nada, o que gerou desconfianças e acusações de que a própria polícia recebia suborno para darem informações e acatarem determinações da companhia:

“Relatório para Dr. Fábio Correia sobre sindicâncias em Paulista em 22/03/1942, nas propriedades do Cel Lundgren. quanto da última diligencia, os dirigentes da cia e as pessoas apontadas como de confiança já estavam ao par 24 horas antes, informações transmitidas por investigadores que são subvencionados pela companhia, dentre os quais Passarinho, Samuel Magalhães e o Delegado de Policia local...dos investigadores subvencionados e que fazem ligação entre a polícia e a companhia, foi apontado um de nome Rolemberg...o delegado local é subvencionado pela companhia semanalmente, cumprindo as determinações da companhia...João Felix, pessoa de raro prestígio na companhia é quem fica encarregado de subornar as autoridades, sendo o ditador da polícia local...”<sup>192</sup>

Essas declarações possibilitam-nos perceber o jogo de poder e o combate que estavam presentes nessas relações e que podemos direcionar nossas reflexões para dois pontos importantes: apesar do momento delicado em que o país atravessava, o que motivava todo tipo de reserva com relação aos assuntos ligados aos estrangeiros, não devemos esquecer que a polícia estava envolvendo uma família que detinha tanto o poder político, como o econômico, além de ser altamente influente, sendo admirada e reconhecida como industriais dinâmicos e patrióticos.<sup>193</sup> Não é sem razão que as notícias envolvendo as supostas atividades nazistas das empresas da família Lundgren não foram divulgadas nos jornais da época. Nesse sentido, o que percebemos é a existência de um jogo, uma vez que a polícia fazia o trabalho que lhe competia quanto à vigilância e diligências - devemos levar em consideração que esse trabalho de vigilância desempenhado pela Delegacia de Ordem Política e Social visava combater qualquer um que fosse

---

<sup>192</sup> Relatório sobre sindicância em Paulista em 22/03/1942. Prontuário Funcional Fábrica Paulista – sindicâncias 108 A n 29240 – APEJE - DOPS

<sup>193</sup> Frederico Lundgren, uma grande vida. Jornal do comercio 21/04/1946 – APEJE - DOPS

considerado ameaça a ordem vigente<sup>194</sup>, dessa forma o inimigo não tinha cor e nem posição social - e os industriais utilizavam suas armas, principalmente o poder econômico, para tentar dificultar a ação dos policiais, o que nos leva ao segundo ponto: a existência de um combate entre as forças policiais com acusações e delações de companheiros, de certa forma mostrando o lado obscuro da DOPS que se apresentava à sociedade como uma delegacia criada para combater a desordem, estando ela própria dentro desse contexto, mas lutando internamente para contornar os “desvios” por meio de punições e um intenso trabalho de vigilância sobre os próprios investigadores, conforme já apontava Giselda Brito em seu trabalho sobre os integralistas.<sup>195</sup>

Segundo essa autora, os policiais que trabalhavam como investigadores ingressavam no serviço por concurso ou interinamente, podendo permanecer ou não no cargo, de acordo com seu desempenho nos serviços a ele designados, tipo: depoimentos contra crimes, diligências e investigações. Os erros eram punidos com exoneração; o tempo e a qualidade no serviço eram compensados com promoção, existindo também outras punições como: suspensão de 30 a 60 dias e transferência que, de acordo com os registros dos delegados eram necessárias para a disciplina do serviço. Vários motivos são observados numa relação que continha o nome de alguns investigadores punidos: falta, embriagues, roubo, metido em desordem e entre outros, *não merece confiança*.<sup>196</sup>

Essa vigilância e acusações dentro da própria polícia possibilitam-nos compreender como foi intensa e abrangente o clima de suspeição vivenciado pela sociedade como um todo, pois as desconfianças não se resumiam a grupos ou

---

<sup>194</sup> SILVA. Giselda Brito. A Lógica da Suspeição Contra a Força do Sigma. Tese de Doutorado, UFPE, 2002, p. 88

<sup>195</sup> Idem, p. 91,92

<sup>196</sup> Ibidem

indivíduos, mas a toda uma sociedade, onde não escapava até os próprios investigadores que passavam também a serem investigados.

Portanto, o Estado Novo contribuiu para desenvolver um estado de suspeição infinita e abrangente, gerando um mal-estar na sociedade. O indivíduo não está mais só, pois múltiplos olhares agora o acompanham. No entanto, essa prática de vigilância utilizada contra os próprios investigadores poderia ser uma possibilidade de ascensão no cargo, pois compreendemos que também a delação servia como estratégia para mostrar ao superior que o investigador estaria denotando esforço para desenvolver seu trabalho a contento. Ainda conforme observa Giselda Brito, o reconhecimento do esforço do investigador era anotado em sua ficha, sendo muito considerado, por exemplo, caso fosse indicado para efetivação no serviço.<sup>197</sup>

Quanto a não divulgação na imprensa sobre o suposto envolvimento da família Lundgren com o nazismo, percebemos através de documentos do DOPS que não significava que a população desconhecia esse suposto envolvimento. Observem que em 1945, quando ocorreu na fábrica de Rio Tinto uma manifestação violenta por parte de alguns funcionários, apesar de varias versões para o acontecimento, não deixarão de mencionar a ligação dessa família com os nazistas: Para o Diário de Pernambuco, as depredações tinham sido instigadas por elementos queremistas, principalmente o “desordeiro” Vigarinho, que faziam comício próximo àquela fábrica, insultando os industriais e assaltando as casas dos técnicos da fábrica.<sup>198</sup> O acusado vai responder através da Folha da Manhã, protestando contra essa calúnia, alegando que nem se encontrava na cidade nesse

---

<sup>197</sup> SILVA, Giselda Brito. A Lógica da Suspeição contra a força do sigma. Tese de Doutorado, UFPE, Recife, 2002, p. 94

<sup>198</sup> Depredadas e assaltadas as fabricas de Rio Tinto. Diário de Pernambuco, 21/08/1945 –  
Prontuário Funcional. Fábrica Paulista (Rio Tinto) 29251 108 A APEJE - DOPS

dia, mas que pelas informações que colhera, aquela manifestação *foi uma repulsa por parte dos operários contra o nazismo puro que infelizmente ainda reina naquela localidade.*<sup>199</sup> O Jornal do Commercio noticiava que essas depredações tinham sido dirigidas às residências dos alemães por conta da substituição de um gerente brasileiro por um súdito alemão.<sup>200</sup> Nesse sentido, percebemos que apesar das reservas que se faziam quanto a esse assunto tão delicado naquele momento, não eram desconhecidas da população as acusações que relacionavam os Lundgren às simpatias nazistas. Mas não seria só nesse momento que se veria por parte do povo referência dos Lundgren com o nazismo. Em 1939, por exemplo, Agamenon Magalhães recebeu uma carta, cujo remetente não quis se identificar, o qual associava o acúmulo de terras dos Lundgren como uma estratégia para uma suposta invasão nazista:

“ Recife, 25 de fevereiro de 1939.

Exmo. Sr. Dr. Agamenon Magalhães.

M.D. Interventor do Estado de Pernambuco.

Um dos últimos artigos lendo como tema uma visita que V.Excia fez à fábrica Paulista de propriedade dos alemães Lundgren, os quais são brasileiros somente para efeito comercial, V.Excia que tinha observado uma tendência latifundiária nos mesmos não sabendo explicar o porquê...naturalmente já receberam eles instruções do governo alemão para adquirir as maiores extensões territoriais possíveis no Brasil, afim de que na próxima invasão nazista e conseqüente dominação que eles julgam fácil, estarem aqui os seus companheiros bem estabilizados como senhores de direito de nossas riquezas...Um brasileiro”.<sup>201</sup>

Ora, já mencionamos anteriormente o mito do perigo alemão, principalmente relacionado com a invasão nazista em nosso território. No entanto, o que consideramos nesse relato é que, pelo menos a uma parte da população, não

<sup>199</sup> Rebatendo Calunias. Folha da Manhã, 04/09/1945 – Prontuário Funcional Fábrica Paulista (Rio Tinto) 29251 108 A – APEJE – DOPS.

<sup>200</sup> Revoltam-se os operários da Fábrica de Rio Tinto. Jornal do comercio – 21/08/1945 – Prontuário Funcional Fábrica Paulista (Rio Tinto) 29251 108 A – APEJE – DOPS.

<sup>201</sup> Carta de “um brasileiro” para Agamenon Magalhães, 25/02/1939. Prontuário Funcional Fábrica Paulista (sindicâncias) n. 29240 DOPS APEJE. Apud CORDEIRO. Op. Cit. P. 28.

estavam totalmente desconhecidas às supostas relações dos Lundgren com o nazismo e percebam que muito antes do início da guerra. Dessa forma, das investigações e diligências feitas, muita coisa ficou sem explicação, restando somente dúvidas, suposições e muito mistério. Nos documentos que pesquisamos não identificamos que a polícia tivesse aberto algum inquérito contra aquelas empresas ou seus proprietários. No entanto, encontramos uma minúscula nota no jornal do comercio de 29/12/1943 que noticiava:

“Realiza-se, hoje, no Tribunal de Segurança Nacional, uma sessão plena para julgamento do pedido de arquivamento do inquérito policial-militar instaurado contra Lundgren & Cia”.<sup>202</sup>

#### **2.4 – O que eu ganho com isso?**

Quanto às atividades dos simpatizantes do nazi-fascismo, de acordo com nossa pesquisa, podemos analisar de duas formas: os indivíduos que simplesmente admiravam e externavam essa admiração por meio de artigos como observamos nos vários jornais pernambucanos, servindo como uma propagação das idéias nazistas que então assimilaram e os que, além de admirarem, desenvolviam trabalhos ligados à rede de espionagem nazista que atuava no Brasil há muito tempo.

Dentro das atividades ligadas ao nazismo estava o serviço de espionagem. Esse serviço de informação do Terceiro Reich era responsabilidade do Alto Comando das Forças Armadas da Alemanha (ABWEHR), cujo chefe chamava-se Wilhelm Canaris de 47 anos e desenvolvia um grande sistema de espionagem por toda a América. Esse trabalho era feito por espiões que se

---

<sup>202</sup> Pelo Tribunal de Segurança Nacional – Nota de arquivamento do processo contra Lundgren e Cia. Jornal do Comercio 29/12/1943. Prontuário Funcional 30311 Alemanha: DOPS APEJE.

infiltravam na indústria, no comércio, na embaixada, etc., tendo como objetivo buscar informações que pudessem auxiliar as operações bélicas da Alemanha.

<sup>203</sup>No Brasil, existiam várias equipes, as quais destacamos duas, que segundo investigações, receberam ajuda de algumas pessoas da cidade de Recife: Albrecht Gustav Engel (codinome “Alfredo”) e Nils Christensen (codinome “Lucas”).

Da equipe de Engel chegou ao Recife no início de julho de 1941 o espião Herbert Friedrich Julius von Heyer, codinome “Humberto”, com o objetivo de recrutar “colaboradores”. Essa prática era muito importante, pois sem os colaboradores tornava-se muito difícil conseguir informações preciosas. Humberto chega com uma carta de apresentação do funcionário Hans Otto Méier, da empresa Herm Stoltz, do Rio de Janeiro para o gerente da Helm Stoltz, em Recife, Hans Sievert.

A Helm Stoltz era uma conceituada empresa que executava trabalhos com transporte marítimo, sendo fundada em 1863. A matriz ficava no Rio de Janeiro, com filiais em S.Paulo, Recife, Hamburgo na Alemanha e representações em quase todas as capitais brasileiras.<sup>204</sup> Muitos de seus funcionários se envolveram com a espionagem nazista e Hans Sievert foi um deles. Entre várias atividades desenvolvidas por esse grupo, destacamos a que envolveu o engenheiro Dr. Luiz Eugênio Lacerda de Almeida<sup>205</sup>, funcionário da Destilaria Central do Cabo e amigo do alemão Hans Sievert, no caso de espionagem na base aérea de Natal.<sup>206</sup> Vejamos:

---

<sup>203</sup> CORDEIRO. Philonila Maria N. O Nazismo em Pernambuco na década de 30. Monografia de Especialização, FAINTIVISA, 2001, p. 47

<sup>204</sup> 1º de maio assinala uma data festiva para uma das maiores firmas comerciais do país. Folha da Manhã 01/05/1938 - APEJE

<sup>205</sup> O engenheiro Eugenio Lacerda foi mencionado no jornal “O Radical” do Rio de Janeiro de 08/06/1943 como sendo ex-chefe Integralista de Niterói. Pasta Alemanha 30311 DOPS APEJE.

<sup>206</sup> A narração das atividades do engenheiro Lacerda de Almeida se baseia no Inquérito de atividades nazistas. 16/11/1942 – Prontuário Funcional Alemanha 29653 – DOPS APEJE.

A base aérea de Natal estava passando por algumas reformas e sendo uma região do ponto de vista estratégico muito importante, os espiões precisavam investigar que tipo de mudança estava se processando com aquelas obras. Para auxiliar o trabalho de investigação naquela área, Hans Sievert precisava de uma pessoa que não despertasse suspeita para fazer esse tipo de trabalho e solicita ajuda ao seu amigo Eugênio Lacerda que prontamente aceitou a incumbência, aparentemente sem ganhar nada em troca. No início de julho, o engenheiro viajou de avião pela Panair com destino a Natal, sendo essa viagem custeada pela firma Helm Stoltz, demorando-se um dia na cidade.

Ao chegar na base aérea de Natal o engenheiro não teve nenhuma dificuldade em obter informações, pois alegando que pretendia uma colocação naquelas obras, conseguiu que o engenheiro, encarregado dos trabalhos, lhe mostrasse a planta dos serviços que estavam sendo feitos, fazendo posteriormente os “croquis”. Ainda no hotel soube que as obras se estenderiam também ao porto daquela cidade. Ao voltar para Recife, relatou ao sr. Sievert de forma verbal, mas o mesmo solicitou que lhe fizesse um relatório, alegando que posteriormente o rasgaria.

Descoberto o trabalho de espionagem desenvolvido pelos alemães, começam as interrogações. Em depoimento Hans Sievert alegou que enviou seu amigo Eugênio Lacerda à Natal porque necessitava de informações para que a firma Herm Stoltz pudesse se candidatar às concorrências dos materiais indispensáveis à execução dos trabalhos da base. Para a polícia, no entanto, essa resposta não condizia com a realidade, pois a empresa que fazia as obras, a Panair do Brasil S.A, apesar de firma nacional, era formada com capital americano e não

compraria em casa alemã quando já existia as famosas “listas negras”<sup>207</sup>, tanto americana quanta inglesa. E mesmo assim, para uma concorrência, não haveria necessidade de um técnico fazer exame no próprio local, pois bastaria saber qual a quantidade e quais os produtos que seriam necessários para que se fizessem a proposta e muito menos haveria necessidade de se fazer um “croquis” dessas observações. Para a polícia o que aconteceu foi à preocupação de Sievert em conseguir dados precisos sobre os trabalhos que lá estavam sendo executados para serem usados como espionagem.

O engenheiro se comprometia mais ainda com Hans Sievert quando revelou ter recebido desse alemão, no dia 23 de dezembro, a quantia de 50 mil reis, para que fosse depositado em seu nome, no Banco do Povo, mas que seria destinado ao uso da família de Sievert, caso acontecesse algum imprevisto e tivesse que se afastar de repente da cidade de Recife. Segundo Sievert, nesse mesmo dia o engenheiro lhe confirmou o depósito, o que não lhe exigiu comprovante algum, pois o considerava uma pessoa de sua inteira confiança.

Em interrogatório, procedido pelo Dr. Etelvino Lins, o engenheiro inicialmente negou ter feito algum relatório para o alemão sobre a base aérea de Natal. No entanto, quando lhe mostraram o referido documento teve que confirmar sua autoria e explicou que negou anteriormente ser o autor do relatório porque Sr. Sievert havia lhe assegurado que o teria rasgado. Alegando inocência, o engenheiro fez questão de frisar que sua participação quanto a esse evento se explicava pelo fato do Brasil encontrar-se neutro, tornando-se admirador das

---

<sup>207</sup> O governo americano e inglês começaram a listar as empresas alemãs no Brasil inteiro que não poderiam comercializar com eles, ou firmas consideradas suspeitas, a exemplo da firma Almeida Lins e Cia na Rua nova 260 Recife que estava na lista negra dos Estados Unidos. Jornal do Comércio 04/06/1942.

vitórias alemãs, portanto para ele não teria cometido nenhuma traição quanto ao seu país.

O caso do engenheiro Eugênio Lacerda teve repercussão nacional. Muitos ficaram indignados com esse brasileiro que tinha se aliado aos alemães e a palavra “traição” à pátria tornou-se constante nos jornais. Para muitas pessoas não existia desculpa para semelhante ato. A imprensa carioca externava essa indignação:

“O Brasil não pode alimentar esses vendilhões, não pode suportar a vergonha de ver os seus filhos a serviço do inimigo, sem que esses desnaturados recebam o castigo exemplar de que são merecedores”.<sup>208</sup>

Conforme podemos perceber, o engenheiro é considerado nesse artigo, uma vergonha para a nação e diante de tão abominável crime, teria que receber um castigo que servisse de exemplo para aqueles que não souberam honrar o Brasil. Para outros só com a publicação em jornal desses acontecimentos é que era possível considerar-se comprovado *uma dolorosa verdade*:

“Já é possível considerar-se provado, a estas horas, a desagradável e dolorosa verdade: brasileiros houve que, não contentes de exercer o vago e informe quinta colonismo que consentirá sobretudo na difusa preparação de ambientes psicológicos favoráveis a princípios e fatos com os quais a nacionalidade não pode estar de acordo, desceram à prática de atos positivos e concretos de espionagem e traição...”<sup>209</sup>

Com o comentário desse jornalista queremos chamar a atenção para dois pontos importantes: em primeiro lugar observem que somente com a divulgação da participação desse pernambucano é que para ele realmente se comprovava que os alemães tiveram ajuda de nacionais em suas atividades

<sup>208</sup> Repercussão do ato de um traidor – Folha da manhã 01/07/1942 – Prontuário Funcional n. 30311 Alemanha - DOPS – APEJE.

<sup>209</sup> Notas avusas – LD. Jornal do Comércio 01/07/1942. – Prontuário Funcional Alemanha n. 30311 – DOPS/ APEJE

nazistas. No entanto, seu posicionamento é explicável. Esse jornalista, que assinava sua coluna como L.D. no Jornal do Commercio, era um dos jornalistas que em seus artigos expressava muita admiração pelas conquistas de Hitler e seu posicionamento bélico diante do mundo, conforme mencionamos no começo do nosso trabalho. No entanto, percebam que não lhe era desconhecido que existiam brasileiros que trabalhavam em favor da Alemanha por meio de atividades de preparação do chamado ambiente psicológico, sendo considerado por ele um trabalho do quinta columnismo. Portanto, não é que não tivesse conhecimento do que estava acontecendo com relação às ações dos simpatizantes do nazismo, só que ele também como admirador, não tornaria isso público. Em segundo lugar, percebam que já começa a aparecer nos jornais a expressão “quinta coluna”, denominação utilizada para os nacionais que se identificavam ideologicamente com o nazi-fascismo, sendo considerados traidores da pátria.

Da mesma forma que existiu àqueles que não aceitaram nenhuma desculpa por parte do engenheiro por ato considerado tão vil, houve quem o defendesse mesmo assim:

“A grande diferença entre os grupos que lutam hoje no mundo é muito simples: de um lado há sensibilidade e do outro há frieza, brutalidade. É o que me vem no espírito quando vejo a notícia desse engenheiro pernambucano que se aliara ao Eixo para fornecer-lhe por dinheiro, uma documentação qualquer sobre o Brasil(...) e como jornalista pernambucano, só posso pedir ao meu povo que não se manifeste contra o homem, não deixe de cumprimentá-lo na rua(...)coitado dele! O seu sofrimento moral vai ser enorme, maior, muito maior que ele vinha vendendo aos poucos, em parcelas de cinqüenta contos. E preciso ter pena dele, que ainda continua a ser homem, a vibrar intelectualmente, a refletir nos momentos de solidão. Piedade, portanto, para o pobre homem”.<sup>210</sup>

---

<sup>210</sup> Piedade para o traidor da pátria – João Duarte Filho. Folha da Manhã – 01/07/1942 – Prontuário Funcional Alemanha n. 30311 – DOPS – APEJE.

Para o jornalista, apesar da atitude do engenheiro de total frieza e brutalidade, ausência de sentimento patriótico aliando-se ao Eixo, sendo, portanto, visto como um traidor da pátria que não teria nem mesmo as desculpas atribuídas a Calabar, utilizam-se do jornal para interceder por esse homem, pedindo piedade entre tantos que o acusavam. Em artigo anterior, no entanto, o jornalista João Duarte Filho, procurava mostrar seu posicionamento simpático aos Aliados no conflito mundial, principalmente defendendo a vitória francesa “*que todo mundo neutro prevê certa e matemática, eu a desejo, eu a quero com todo o entusiasmo de que é possível a minha capacidade emocional*”.<sup>211</sup> Para quem desejava tão ardentemente a vitória dos Aliados, e levando-se em consideração momento tão delicado, a atitude desse jornalista era vista com bastante suspeita.

No dia 12 de maio de 1943, Dr. Hugo Dunshee Abranches, advogado, apresentou ao presidente do Tribunal de Segurança Nacional uma petição de *habeas-corporis* em nome do engenheiro Luis Eugênio Lacerda de Almeida que se encontrava preso na cidade de Recife pela acusação de fazer espionagem nas bases aérea e naval de Natal, em favor da Alemanha.<sup>212</sup> Conforme já mencionamos, na ocasião em que foi interrogado pelo Dr. Etelvino Lins, Secretário da Segurança Pública, o acusado informou que tinha participado desse episódio porque “... *no presente conflito internacional e em visto da neutralidade do Brasil, tornou-se admirador das vitórias alemãs...*”<sup>213</sup>. Assim, em sua petição o advogado alegava que a acusação era injusta porque “... *nesse tempo O BRASIL ERA NEUTRO...*”<sup>214</sup>

---

<sup>211</sup> Brasil Neutro – João Duarte Filho – Folha da Manhã 29/05/1940 – APEJE.

<sup>212</sup> Julgamento de habeas-corporis n. 556. Jornal do Brasil. 22/05/1943 – Prontuário Funcional n. 30311 Alemanha APEJE - DOPS

<sup>213</sup> Relatório do DOPS sobre inquérito de indivíduos ligados a espionagem alemã. 16/11/1942 – Pasta Alemanha n. 29653 APEJE – DOPS.

<sup>214</sup> Julgamento do habeas-corporis n. 556 - Jornal do Brasil – 22/05/1943 – APEJE - DOPS

Conforme podemos perceber, a neutralidade do Brasil foi o motivo alegado para que o engenheiro se sentisse livre em manifestar suas simpatias pela Alemanha de forma ativa. O TSN julgou favorável a seu pedido de *habeas-corpus* e em seu julgamento, divulgado no dia 06/10/1943, o engenheiro foi absolvido no processo.<sup>215</sup>

Da equipe de Nils Christensen, chega ao Recife em julho de 1941 o alemão Carlos Muegge e recruta para o serviço de espionagem Karl-Heinz von den Steinem, filho do cônsul e bastante conhecido como nazista e ativo na propaganda nazista. A incumbência de Karl-Heinz era de conseguir informações detalhadas sobre o movimento de navios ingleses ou os que estivessem a serviço da Inglaterra de passagem pelo Recife. Para essa incumbência vai organizar uma equipe de colaboradores de sua confiança e que estivessem em condições de conseguir as informações desejadas. Portanto, obterá um grande colaborador: o jornalista do Diário de Pernambuco, Antônio Gonçalves da Silva Barreto que se aproveitando de sua função de repórter, consegue facilmente penetrar na zona portuária conseguindo informações sobre os navios, ao mesmo tempo em que tirava fotos.<sup>216</sup> Em entrevista a jornalista Leda Rivas, sobre seu envolvimento com a espionagem alemã, o ex-repórter Antônio Gonçalves Barreto alegava inocência. Para ele o que fizera não se caracterizava como crime, principalmente porque à época o Brasil encontrava-se neutro. Enfatizava que naquela época não tinha contato com alemães, conhecendo muito ligeiramente somente o filho do cônsul, Karl Heinz, quando estava fazendo cobertura da chegada do navio americano “Robin Moor” e entrevistando os marinheiros. Karl Hans pediu para

---

<sup>215</sup> Julgados os espíões. Diário de Pernambuco, 07/10/1943. Pasta Alemanha n. 30311 DOPS APEJE

<sup>216</sup> Inquérito policial sobre Karl Heinz. Prontuário Funcional Alemanha n. 29653 – DOPS – APEJE.

que fotografasse alguns navios “... e eu disse que sim. Eu via nele um elemento sem compreensão de nada, achava que ele só queria só se mostrar, aparecer. Ele combinou que me pagaria 100 mil reis por semana. Para mim era muito dinheiro, porque eu ganhava no Diário de Pernambuco 300 mil reis por mês...”<sup>217</sup>

Para o jornalista o serviço que fizera fora estritamente por motivos econômicos, não havendo nenhuma conotação de simpatias ao nazismo. Daí considerar-se vítima ou “bode expiatório”, pois nada mais fizera do que bater somente algumas fotos. Esse discurso não estava isolado, pois como podemos perceber a idéia de neutralidade aliada a recompensas financeiras estavam presentes nesses casos. No entanto, no depoimento que o alemão Karl Heinz prestou ao Dr. Fábio Correia a participação do jornalista não se resumia a isso. Ao contrário, era considerada uma peça fundamental no processo de espionagem, pois além das fotos, fornecia relatórios detalhados e reportagens antes que saíssem no Diário de Pernambuco:

“... valiosa eram as informações que lhe prestava Antonio Barreto do corpo de repórter do jornal Diário de Pernambuco, constantes de: fotografias apanhadas de perfil dos navios ingleses ou a serviço da Inglaterra, que por aqui passavam; dados detalhados sobre o nome, nacionalidade, procedência, destino, natureza de carga, tonelagem bruta e líquida, numero de tripulantes com o nome do respectivo capitão e, as vezes numero, nome e destino dos passageiros desses navios...”<sup>218</sup>

Para a polícia não restava dúvidas quanto à contribuição de Antônio Barreto com a trama de espionagem dirigida no Recife por Karl Heinz.<sup>219</sup>

<sup>217</sup> RIVAS, Leda. O Diário de Pernambuco e a Segunda Guerra Mundial. Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife, 1988, p. 629

<sup>218</sup> Inquérito policial sobre Karl Heinz. Prontuário Funcional Alemanha n. 29653 – DOPS – APEJE.

<sup>219</sup> Idem

Antônio Barreto além de trabalhar como repórter também escreveu dois romances: “Mocambo” em novembro de 1939, prefaciado por Agamenon Magalhães e “Brevet em janeiro de 1942, sobre a aviação pernambucana.”<sup>220</sup> O prefácio de “Mocambo” foi posteriormente utilizado pelo Diário de Pernambuco como uma réplica aos funcionários do DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda) que diziam ter a polícia arrastado o espião dos ‘bancos do Diário’, criticando dessa forma o jornal que permitiu tal pessoa em seu quadro.<sup>221</sup> O Diário rebatia as acusações e insinuava que as ligações que tinham o jornalista com Agamenon mostrava seu direcionamento, pois *“evidentemente tendo servido a um órgão nitidamente fascista e educado na escola do fascismo só poderia ter acabado na espionagem”*<sup>222</sup>

Já o romance “Brevet” foi muito criticado por Mário Melo. Como esse jornalista era dado a um nacionalismo extremado, vai criticá-lo, em primeiro lugar por usar uma palavra – Brevet – que, segundo ele, não existia nem na língua que falava, nem na que escrevia e acima de tudo considerava um insulto, num momento em que se exaltava o nacionalismo, desprezar o português. Para ele não teria sido Barreto o inventor do título e ironizando colocava que teria sido obra de alguém que não conseguindo sustentar a tradução da palavra francesa, *“querem fazer onda de fumaça na opinião pública, para proteger a retirada, como acontecia com certos combates navais no Mediterrâneo, por Mussolini pomposamente batizado com o apelido de Mare Nostrum...”*<sup>223</sup>. Em outras palavras, o jornalista encarava esse episódio como sendo obra de simpatizantes do nazi-fascismo que vendo o “cerco se fechar” tentavam se esquivar com tal

<sup>220</sup> A aviação no romance de um repórter pernambucano. Jornal Pequeno, 08/01/1942 – APEJE.

<sup>221</sup> O espião julgado por Agamenon Magalhães. Diário de Pernambuco, 12/05/1945 – APEJE.

<sup>222</sup> Idem.

<sup>223</sup> Ontem, hoje e Amanhã – Mario Melo – Jornal Pequeno, 10/01/1942 – APEJE.

estratégia, ao desviar a atenção da população e assim “protegendo sua retirada”. Não é sem razão que em entrevista que dera a Leda Rivas, Antônio Barreto se queixava que seus maiores algozes foram Aníbal Fernandes e Mário Melo, pois escreviam contra ele.

Antônio Barreto foi indiciado em julho de 1942. Em 1943 houve o julgamento, sendo condenado a sete anos de prisão.<sup>224</sup> Sua versão para o fato, no entanto, foi nos dada como absolvido no processo. Segundo ele, passou um mês em Goiana, apresentando-se em seguida a Fábio Correia e solicitando que fosse enviado à Itamaracá para viver lá como preso comum e não como preso político, permanecendo dois anos. Apelando para o Tribunal Superior Nacional, conseguiu sua liberdade. Segundo ele o TSN determinou seu processo nulo porque seu ato tinha sido puramente comercial e praticado na época em que o Brasil estava neutro.<sup>225</sup>

Outro pernambucano que foi a julgamento no TSN, como acusado de participar da célula de espionagem do filho do embaixador foi Rui de Oliveira Coutinho, filho de um comerciante, dono de um armazém de estivas e bar localizado na zona do porto, à Rua do Bom Jesus 160, e que abastecera navios alemães antes da guerra. Rui tinha 24 anos e concordou, segundo Hilton Stanley, a colaborar com o amigo em troca da promessa de que, terminada a guerra, receberia contrato para abastecer os navios alemães, recebendo também a quantia de 200 mil reis por mês. Como o local tinha uma grande concentração de marinheiros, principalmente por ser o seu armazém fornecedor de víveres aos navios ancorados, a utilização de Rui Coutinho como informante era de

---

<sup>224</sup> Condenação de Antonio Barreto. Prontuário Funcional Alemanha n. 30311. Jornal do Comercio 30/10/1943 – DOPS – APEJE.

<sup>225</sup> Entrevista de Antônio Barreto a Leda Rivas in RIVAS, Leda. O Diario de Pernambuco e a Segunda Guerra Mundial. Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife, 1988, p.630

fundamental importância.<sup>226</sup> . Apesar de Rui Coutinho negar, em depoimento, que não tivera nenhuma participação naquelas atividades, Karl-Heinz afirmara, também em depoimento, que teve a cumplicidade do amigo.<sup>227</sup> Reunido em sessão plena, o Tribunal de Segurança, em 08 de julho de 1943, converteu em diligência o julgamento da ordem de Rui Coutinho.<sup>228</sup>

Conforme podemos perceber, as pessoas que foram acusadas formalmente pela justiça como simpatizantes e participantes ativos em ações ligadas ao nazi-fascismo, como no caso da espionagem, tinham, em sua maioria, o discurso de não se considerarem traidores do Brasil, alegando a questão da neutralidade e para muitos a justiça levou em consideração esses argumentos, concedendo inocência, como foi o caso do engenheiro Eugênio Lacerda, apesar da indignação que tal ato manifestou em muitas pessoas. Mas, não foram todos que tiveram essa “benevolência” da justiça, como podemos perceber no julgamento do repórter do Diário de Pernambuco Antônio Barreto, condenado a sete anos de prisão.

Algumas pessoas viam essa atitude do Tribunal com muita suspeita. Reynaldo Pompeu de Campos em seu livro “A Repressão Judicial no Estado Novo”, cita as acusações feitas por Nasser de que o TSN vendia absolvições, sendo, no entanto, categoricamente rechaçado por Sobral Pinto que não acreditava em tais acusações. Para Sobral Pinto, o Tribunal era arbitrário, violento, submisso

---

<sup>226</sup> HILTON, Stanley E. Suástica sobre o Brasil – A História da Espionagem Alemã no Brasil (1939-1944). Civ. Brasileira, Rio de Janeiro, 1977, p. 140 e 154

<sup>227</sup> Depoimento de Karl Heinz sobre atividades nazistas 27/02/1943. Prontuário Funcional Alemanha 29653.DOPS - APEJE

<sup>228</sup> Resultado do julgamento de Rui Coutinho. Jornal do comercio 08/07/1943. Prontuário Funcional Alemanha 30311 – DOPS – APEJE

ao poder de Vargas e queria sempre agradar a polícia, mas... *“vender não, é absolutamente falso e não concordo com isso”*<sup>229</sup>

O Tribunal de Segurança Nacional foi criado pela lei 244, publicada no Diário Oficial de 12/09/1936. Muito contribuiu para a sua criação o temor dos militares com relação aos comunistas, considerados naquele momento os maiores inimigos da ordem, corroborando para não deixá-los escapar às punições. Antes da implantação do Estado Novo, o TSN estava ligado à justiça militar. Julgava os processos em Primeira Instância e as apelações eram remetidas ao STM (Supremo Tribunal Militar) que julgava em Segunda Instância. Uma controvérsia muito grande era o Parágrafo Único, do Artigo 10 da lei que criou o TSN, onde mencionava a livre comunicação dos juízes nas decisões tomadas, o que fez entender, segundo Reynaldo, que o juiz poderia desprezar provas dos autos, criando suas “livres convicções”, o que poderia favorecer uns e outros não. Para se ter uma idéia muitas sentenças julgadas pelo TSN foram revertidas no STM, o que demonstra que o TSN julgava mais por mental<sup>230</sup>.

Com a implantação do Estado Novo, Getúlio Vargas vai elogiar o trabalho do TSN e a necessidade de continuar vigilante e aparelhado para coibir as desordens no país. Desligado da justiça militar, o TSN será transformado em órgão autônomo de justiça especial. As decisões que antes eram tomadas pelo TSN em Primeira Instância e que poderiam ser reformadas pelo STM, em Segunda Instância, deixam de existir. Agora o TSN julgaria nas duas instâncias, o que diminuía as chances de reverter às condenações.<sup>231</sup>

---

<sup>229</sup> CAMPOS, Reynaldo Pompeu des. Repressão Judicial no Estado Novo – Esquerda e direita no banco dos réus. Achiamé, Rio de Janeiro, 1982, pág. 98.

<sup>230</sup> Idem, pp.47-55 -57

<sup>231</sup> Ibidem pp. 71-74

O constante estado de suspeição que vingou durante o Estado Novo, fez o TSN servir também como ameaça aqueles que ousavam discordar da ditadura de Vargas, bem como uma forma das pessoas se livrarem de “desafetos”.<sup>232</sup> Elizabeth Cancelli, menciona a farsa jurídica do Tribunal com suas condenações, mesmo sem provas consistentes e as enxurradas de denúncias infundadas que muitas vezes motivavam tantos inquéritos.<sup>233</sup>

Em meio a essa trama, um fato que chamou a atenção do Jornal “O Radical”, do Rio de Janeiro, em matéria do dia 08 de junho de 1943, foi o fato demasiado estranho da polícia de Pernambuco não ter remetido nos autos do processo a principal acusação contra o engenheiro Eugênio Lacerda, que era justamente ter fornecido à firma Herm Stoltz a planta da base aérea de Natal, sendo motivo para que o TSN julgasse favorável ao seu pedido de *habeas-corpus*. Para o advogado do engenheiro, seu cliente tinha sido vítima de um equívoco por parte da polícia de Pernambuco, colocando, portanto em questão, a competência da referida polícia.<sup>234</sup> Conforme já mencionamos, o engenheiro Eugênio Lacerda foi absolvido em seu processo.

A criação do TSN reforçou o governo Vargas no que lhe era mais importante, o terror, o estado de vigilância e o teatro da preservação da ordem, cumprindo seu papel com maestria e subserviência, mas desmoronando também como seu chefe, sendo extinto através da lei n. 14 de 17/11/1945 por José Linhares.<sup>235</sup>

---

<sup>232</sup> CAMPOS, Reynaldo Pompeu des. Repressão Judicial no Estado Novo – Esquerda e direita no banco dos réus. Achiamé, Rio de Janeiro, 1982, p. 112.

<sup>233</sup> CANCELLI, Elizabeth. O Mundo da Violência – A Polícia da Era Vargas. Edunb, Brasília, 1993, p. 102 – 107.

<sup>234</sup> Espião perigoso há três meses, hoje desfrutando de ampla liberdade! Jornal O Radical de 08/06/1943. Pasta Alemanha n. 30311 DOPS APEJE.,

<sup>235</sup> CAMPOS, Reynaldo Pompeu de. Repressão Judicial no Estado Novo – Esquerda e direita nos bancos dos réus. Achiamé, Rio de Janeiro, 1982, p.122-123.

### III CAPÍTULO – A Construção da ameaça quinta colonista

Ironizando o boato de que Hitler tinha armas secretas, mas que nunca as usavam, nem mesmo na Rússia que estava desmoralizando o exército alemão, o coronel Palmer, em artigo, mencionava que a única arma secreta que Hitler realmente tinha e que funcionava em muitos países era a quinta coluna.<sup>236</sup>

Tal comentário, apesar do exagero, nos mostra como os simpatizantes do nazi-fascismo, chamados nesse momento de quinta coluna, passaram a ser visto pelas autoridades, ou seja, considerando-os como “arma secreta que funcionava”, demonstravam o “perigo” que representavam ao país. Essa representação da imagem do quinta coluna, estando em perfeita consonância com a idéia de perigo e traição à nação, servia como motivo para constante suspeição, perseguição e como conseqüência, banidos da convivência social, sendo encarados como marginais, dificultando seu acesso a postos de trabalho, pois não eram mais merecedores de confiança.

No entanto, alguns foram muito mais punidos que outros, não só pela justiça, como pela própria sociedade. No caso do engenheiro Eugênio Lacerda, o resultado final foi de sucesso, uma vez que além de conseguir ser inocentado no processo que o acusaram de espionagem à base aérea de Natal, ainda teve quem o defendesse nos jornais, como o artigo do jornalista João Duarte Filho, que apelava ao povo pernambucano que não virassem as costas a esse pobre homem, (...) *coitado dele! O seu sofrimento moral vai ser enorme... É preciso ter pena dele,*

---

<sup>236</sup> A arma secreta de Hitler era a 5ª coluna – Coronel Palmer. Diário de Pernambuco 28/03/1942 – APEJE.

*que ainda continua a ser homem, a vibrar intelectualmente, a refletir nos momentos de solidão. Piedade, portanto, para o pobre homem.”*<sup>237</sup>

No caso de Antônio Barreto, as coisas já não aconteceram com tanta facilidade, pois além de ter sido condenado, foi perseguido com acusações nos jornais, perdeu o emprego no Diário de Pernambuco, passando a viver de forma reclusa. Quando detido, seu depoimento serviu para a justiça, sendo indiciado em 1942 e julgado em 1943 ainda na detenção. Lembramos que de acordo com o artigo n. 04, inciso n. 11 da lei que criou o TSN estabelecia que o processo poderia ser feito no presídio e o juiz poderia dispensar o comparecimento do réu no julgamento. Essas condições, segundo Reynaldo, possibilitariam *que uma pessoa fosse presa, qualificada, processada, julgada e condenada sem que nenhuma vez se defrontasse com os seus juizes.*<sup>238</sup> Ademais, a imagem desse repórter, perante a sociedade à época, permaneceu negativa, inclusive com boatos de ter sabotado avião americano, colocando açúcar no compartimento da gasolina. Segundo Antônio Barreto era uma grande calúnia que tinham inventado contra ele, partindo de Rui Duarte, colega da Folha da Manhã. Portanto, não houve na imprensa alguém que o defendesse como o que aconteceu com o engenheiro Eugênio Lacerda. Ao contrário, seus colegas contribuíram ainda mais para que sua imagem perante a sociedade ficasse mais nebulosa. Quanto às restrições que passou, Antonio Barreto comentou na época de sua entrevista: *“Aníbal e Mário Melo foram meus algozes... Eles escreviam, sim. Eram contra mim... Era gratuitamente contra mim. O que fiz não foi crime... ainda hoje eu soffro.”*<sup>239</sup>

---

<sup>237</sup> Piedade para o traidor da pátria – João Duarte Filho. Folha da Manhã 01/07/42 – Prontuário Funcional Alemanha 30311 – DOPS APEJE

<sup>238</sup> CAMPOS, Reynaldo Pompeu de. Repressão Judicial no Estado Novo – Esquerda e Direita no banco dos réus. Achiamé, Rio de Janeiro, 1981, p. 48

<sup>239</sup> RIVAS, Leda. O Diário de Pernambuco e a Segunda Guerra Mundial. Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife, 1988, p. 632-633

Para Antônio Barreto, sua participação no episódio, caracterizado como “espionagem”, não consistia num crime, pois segundo ele, não fora motivado por nenhuma simpatia à causa nazista, mas tão somente por questões econômicas, compreendendo, portanto, como “gratuitas” as demonstrações de repúdio a sua pessoa, bem como as acusações nos jornais, principalmente, a perseguição dos jornalistas Mário Melo e Aníbal Teixeira.

No entanto, esse momento em que os jornais passam a perseguir as pessoas que supostamente tiveram envolvimento com atividades nazi-fascistas é um momento crucial para um novo direcionamento do discurso nos meios de comunicação, pois o governo se posicionava oficialmente a favor dos Aliados. Conforme tentamos mostrar ao longo do nosso trabalho, ser simpático à Alemanha ou Itália antes desse período não queria dizer necessariamente que se praticava algum ato em favor daqueles países. Nesse sentido, entendemos que os simpatizantes poderiam ser vistos de duas formas: aqueles que simplesmente admiravam, principalmente a Alemanha, tendo em vista seu progresso, seu ressurgimento no cenário mundial, vislumbrando nesse país um modelo a seguir e os que além de admirar agiam, participando de atividades ligadas ao nazi-fascismo, a exemplo dos colaboradores do serviço de espionagem nazista ou a propaganda. Mas, quando o Brasil caminha para a definição dos Aliados, deixando assim a neutralidade decretada em 1939, principalmente após os atentados da Alemanha aos nossos navios e a indignação do povo brasileiro clamando ao governo Vargas uma atitude definitiva, ou seja, a declaração de guerra ao Eixo, começa a se desenvolver entre os brasileiros uma nova visão sobre os simpatizantes. Nesse momento, serão amplamente combatidos:

“Entre os brasileiros verdadeiramente brasileiros, por desgraça, há ingênuos que se contaminaram com o vírus de doutrinas totalitárias(...)A propósito da punição infligida a um funcionário do Banco do Brasil por se haver manifestado simpático ao inimigo do Brasil, o sr. Marques dos Reis (gerente do Banco) aludiu aos brasileiros que se colocam ao lado do Eixo, salientando que se trata de verdadeira degradação e traição infame e miserável. Acrescentou: para estes a ação deve ser sumaríssima e inclemente. É encostá-los á parede e fuzilá-los...”<sup>240</sup>

Nesse segundo momento, não haverá distinção: todos que simpatizem com a Alemanha ou Itália, trabalhando ou não em favor do ideal nazi-fascista, serão classificados como perigoso em potencial. O discurso e a prática serão direcionados à visão do indivíduo como inimigo do Estado e traidor do país. Criase na sociedade o “inimigo objetivo”, corroborando para o constante estado de suspeição que amordaça aqueles que não estão contentes com as diretrizes desenvolvidas pelo governo de Vargas. O termo quinta coluna torna-se assim uma arma, pois qualquer cidadão poderia ser acusado. Nessa ocasião torna-se tão banal que até as crianças ao brigarem na rua, com a intenção de ferir, xingavam os colegas de “quinta coluna”.<sup>241</sup>

As desconfianças em torno de tudo que representava os inimigos eixistas levam às empresas, principalmente as que pertenciam aos alemães naturalizados, a emitirem notas nos jornais no sentido de dissiparem, junto à população, dúvidas sobre o caráter nacional de suas atividades e proprietários, haja vista a revolta das pessoas diante do afundamento de navios brasileiros.<sup>242</sup> Naquele ambiente confuso, muitos foram acusados, alguns diretamente, conforme já mencionamos, outros não. No entanto, estava sempre presente na sociedade e nos meios de comunicação o “perigo” que representava o quinta-coluna, pois era

<sup>240</sup> Ontem, Hoje e Amanhã – Mario Melo. Jornal Pequeno – 24/08/1942 – APEJE

<sup>241</sup> Em conversa com a prof. Silvia Cortez, falando sobre a banalização do termo quinta-coluna, a mesma lembrou-se de que muitas vezes as crianças quando brigavam, xingavam as outras de quinta-coluna. Ora, se as crianças incorporavam esse termo nos alerta para a possibilidade de ser um termo usado pelos adultos de forma aleatória.

<sup>242</sup> Aviso de Empresas sobre sua nacionalidade Comercio 26/08/1942, 23/08/1942 -APEJE

considerado como sinônimo de traidor do país, precisando assim ser amplamente combatido, principalmente através dos meios de comunicação, por jornalistas defensores da política desenvolvida no Estado Novo, a exemplo de Mário Melo que analisaremos a seguir.

### 3.1 - Mário Melo e a construção do perfil quinta coluna.

Em janeiro de 1942, o presidente Getúlio Vargas resolve oficialmente apoiar os Estados Unidos no conflito da Segunda Guerra Mundial. Essa decisão vai contribuir para que ocorra um aumento de reportagens em favor daquele país. É nesse contexto que direcionamos nossas atenções para o trabalho do jornalista Mário Melo, ferrenho defensor da política norte-americana. Para ele, essa decisão do governo propiciou o momento em que se poderia agora falar com *clareza*:

“Outra é agora a situação dos brasileiros em face da guerra. Depois que o sr. Getulio Vargas, com os aplausos de toda a nação, definiu o lugar do Brasil, chumbando-o á sorte dos Estados Unidos, em torno de cujo país se acha unido todo o continente americano, temos o dever de falar com clareza, porque se não somos povo em guerra, também deixamos de ser neutros no conceito do Direito Internacional...”<sup>243</sup>

Mário Melo, nascido em 05/02/1884 e falecido em 24/05/1959, foi um jornalista polêmico e contraditório. Getulista fervoroso, amigo pessoal de Agamenon Magalhães, foi considerado por Homero Fonseca o jornalista mais famoso do estado, com capacidade de influência nas decisões tanto política como administrativa.<sup>244</sup> O jornalista Evaldo Costa diria ainda mais: “*foi íntimo de*

---

<sup>243</sup> Ontem, Hoje e Amanhã – Mario Melo, Jornal Pequeno 09/01/1942 – APEJE.

<sup>244</sup> FONSECA, Homero. Perfil Parlamentar do século XX – Mario Melo. Assembléia Legislativa do Estado, 2001, p. 17

*ditadores e serviu como denodo a uma ditadura cruel como a do Estado Novo.*<sup>245</sup>

Para ele, Mário Melo em muitos momentos foi mais propagandista de idéias sectárias, *errando ao não delimitar claramente onde começa e termina o âmbito de cada um.*<sup>246</sup> Essa crítica a esse jornalista estava relacionado a forma como se posicionava politicamente, uma vez que, de um lado apoiava o Estado Novo, considerado de tendências fascistas, avesso à democracia, e por outro lado defensor das liberdades sempre apoiando o pan-americanismo e colocando como exemplo a seguir os Estados Unidos. Esse posicionamento considerado ambíguo lhe colocou, no futuro, em situação bastante embaraçosa quando no dia 25/01/1950 ocorreu um debate sobre o Estado Novo na Assembléia Legislativa, sendo Mário Melo, na ocasião, Deputado Estadual. Vejamos:

**“O Sr. Lael Sampaio** – V.Exa. é favorável ao Estado Novo?

**O Sr. Mário Melo** – Eu não reprovo tanto assim o Estado Novo. Naquele momento foi uma necessidade, porque nós iríamos cair nos braços ou do comunismo ou do integralismo.

(...)

**O Sr. Lídio Paraíba** – V.Exa. acha que o Estado Novo vem resolver o problema da democracia?

**O Sr. Mário Melo** – Não, mas salvou-nos da ditadura do integralismo ou do comunismo.

**O Sr. Lídio Paraíba** – V.Exa. que tem dado aqui tantas demonstrações de democracia, deseja o Estado Novo e repele o integralismo?

**O Sr. Mário Melo** – Não sou tão apegado a essas demonstrações de democracia, não.

**O Sr. Elpidio Branco** – V.Exa. é meio totalitário.

**O Sr. Mário Melo** – Não sou, mas acho que em certos momentos a ditadura é uma necessidade.

**O Sr. Elpidio Branco** – Principalmente uma ditadura presidida por um grande cidadão: Getúlio Vargas.

**O Sr. Mário Melo** – Como um Getúlio Vargas, que voltará.<sup>247</sup>

Conforme podemos perceber, em meio às ironias dos seus correligionários, Mário Melo direciona suas argumentações em torno da defesa do

<sup>245</sup> FONSECA, Homero. Perfil Parlamentar do século XX – Mário Melo. Assembléia Legislativa do Estado, 2001, p. 12

<sup>246</sup> Idem p.13

<sup>247</sup> FONSECA, Homero. Perfil Parlamentar do século XX – Mario Melo. Assembléia Legislativa do Estado, Recife, 2001 p. 83 e 84

Estado Novo na perspectiva de combate ao comunismo e integralismo, considerados por ele como “ditadura”. Já tivemos anteriormente ocasião de mencionar que principalmente o combate ao comunismo era um tema que estava sempre sendo justificado como necessidade para salvar o país da desordem e a fala de Mário Melo se coaduna com essa linha de pensamento; da mesma forma com relação ao integralismo, que após a tentativa do golpe em 1938, passou a ser visto também por muitas pessoas como representação de “traição” contra o país. A visão do estado corporativo e do autoritarismo tanto no Estado Novo como no integralismo e a ferrenha defesa de Mário Melo para um enquanto repelia o outro transmitia para os parlamentares uma imagem de homem com idéias confusas, senão, contraditórias. No entanto, a figura do jornalista Mário Melo personificava o desejo de Vargas quanto o papel que o jornalista deveria ter, ou seja, o intelectual como um homem não só de palavras, mas também de ações, mas que essas ações se direcionassem em defesa para com o seu governo, o Estado Novo, e Mário Melo foi um intelectual que procurou seguir essa diretriz. Dessa forma, através de sua coluna diária no Jornal Pequeno, intitulada Ontem, Hoje e Amanhã, jornal esse que trabalhou durante 40 anos, defendeu vigorosamente o Estado Novo e desenvolveu uma grande perseguição aos chamados, nesse momento, “quinta coluna”.

Quando os Estados Unidos sofrem agressão do Eixo, com o ataque a Pearl Harbor, vai ser criado na cidade do Rio de Janeiro o “Serviço de Prevenção ao quinta coluna” e com tal desenvoltura Mário Melo será propagandista desses conselhos. Como era fervoroso defensor do governo Vargas, considerava-se o porta-voz no combate a quinta coluna. Para mostrar que de fato tinha credenciais para o serviço o jornalista é enfático:

“Tenho credenciais para fazer me acreditar. Lembram-se vocês dum certo paisagista que chegou aqui com muitas lábias e foi muito endeusado, e que queria por abaixo todos os monumentos do Recife, conseguindo arrasar com o consentimento do prefeito de então, o de Casa Forte? Lembram-se de que o acusei de comunista, porque destruía de nossos monumentos históricos, apagava os vínculos de nacionalismo? E que mais tarde a pretexto de fazer canteiros no Derbi, cavou trincheiras, nas vésperas da revolução comunista para que seus camaradas atacassem a polícia? Fui o único que o denunciou. Veio a revolução comunista e o homem estava dentro dela, pelo que fugiu e foi demitido da prefeitura... assim como tive faro para perceber as manchas comunistas, também o tenho para reconhecer o quinta colunista...”<sup>248</sup>

Nesse artigo Mário Melo estava se referindo ao paisagista Roberto Burle Marx que trabalhou no governo do Estado de Pernambuco de 1934 a 1937, assumindo o cargo de diretor de Parques e Jardins do Governo do Estado de Pernambuco. Durante três anos criou projetos, reformou praças como a de Casa Forte, a do Derbi, acrescentando um espelho d’água com estátua de mármore, além de espécies vegetais decorativas; a praça da República; a praça Artur Oscar, mais conhecida como Arsenal da Marinha no Recife Antigo; em 1935 projetou a praça Euclides da Cunha ou praça Internacional (em frente ao Clube Internacional). O paisagista, apesar de sua intensa contribuição à cidade do Recife, por razões políticas, ou seja, sendo considerado comunista, voltou para o Rio de Janeiro em 1937.<sup>249</sup> Conforme podemos observar, Mário Melo além de ser antinazi-fascista era também anticomunista, perseguindo a todos.

No entanto, com relação ao quinta coluna, esse jornalista não poupava sua caneta. Considerava-os como uma “cédula falsa” que procurava circular livremente, sendo preciso combatê-los. Daí os “técnicos da contra-espionagem” ensinarem como identificá-lo, estando o jornalista fazendo com isto “um grande

<sup>248</sup> Ontem, Hoje e Amanhã – Mario Melo, Jornal Pequeno 24/02/1942 - APEJE

<sup>249</sup> Toque de mestre – praças recifenses são projetadas por Burle Marx. FACEPE in [www.facepe.br](http://www.facepe.br). Acesso em 02/03/2004.

serviço aos brasileiros”. E assim foi sendo construído o perfil quinta coluna.

Vejam as instruções:

#### **a) Getúlio Vargas e o apoio aos Estados Unidos**

Ensinava Mário Melo que quando se conversasse sobre guerra e estigmatizasse o procedimento do Japão para com os Estados Unidos e alguém falasse que nós brasileiros não temos nada com a guerra que os Estados Unidos se envolveram. Cuidado! Esse alguém é suspeito, pois devemos seguir sempre Getúlio Vargas. E acrescenta: “... *qualquer iniciativa de desligamento do Brasil dos Estados Unidos é trabalho de quinta-coluna*”.<sup>250</sup>

Mário Melo era defensor da idéia de que o chefe sempre estava com a razão, não admitia, portanto, contestações à política desenvolvida por Getúlio Vargas. Desde a revolução de 30 estivera sempre ao seu lado, permanecendo mesmo após o golpe de 37. Para esse jornalista, se Getúlio Vargas resolvera se aliar aos Estados Unidos o Brasil deveria apoiá-lo e não criticá-lo. Segundo Homero Fonseca, Mário Melo era um conservador, tradicionalista, tão apegado às convenções que era capaz de relativizar a política ditatorial empreendida por Getúlio no Estado Novo.<sup>251</sup>

#### **b) Proibição da imprensa estrangeira**

Quando alguém considerar absurdo a supressão da imprensa em língua estrangeira alegando que a cultura é contra isso e nas escolas ensinam-se línguas estrangeiras; se algum brasileiro se revolta contra isso, é bom começar a vigiá-lo, acompanhar seus passos, pois é suspeito. “*A extinção da imprensa estrangeira foi*

---

<sup>250</sup> Ontem, Hoje e Amanhã, Mario Melo. Jornal Pequeno. 26/02/1942 – APEJE.

<sup>251</sup> FONSECA, Homero. Perfil Parlamentar do séc. XX – Mario Melo. Assembléia Legislativa do Estado, Recife, 2001, p. 80

*medida de alto alcance para facilmente abraçar os brasileiros estrangeiros*<sup>252</sup>”. Não era de agora que vinha à tona a preocupação com os estrangeiros, principalmente com as comunidades alemãs, consideradas um perigo pelo fato de permanecerem tão enraizadas à sua cultura que somente falavam a sua língua de origem. No entanto, é importante esclarecermos que não podemos generalizar essa situação para todo Brasil, pois foi mais acentuado no sul do país. Desde 1910 a imprensa já noticiava o fato de que em Santa Catarina não se estudava o português.<sup>253</sup> Ao proibir o uso da imprensa estrangeira, Getúlio Vargas reforçava suas diretrizes desenvolvidas após o golpe de 37, visando efetivar sua política no Estado Novo. Uma das suas primeiras medidas foi lançar o Decreto Federal de 02 de dezembro de 1937 extinguindo os partidos políticos. Essa medida vai atingir também os alemães que desenvolviam atividades nazistas no país. Em Pernambuco, o Partido Nazista fundado em 16 de março de 1933 será fechado em 1938. Serão apreendidos os seus objetos de trabalho, bandeira, emblemas, fardas, livros de atas e fotografias. No entanto as atividades nazistas continuaram a serem denunciadas, levando à promulgação do Decreto-lei 383 de abril de 1938 que proibia atividades políticas de organizações estrangeiras.<sup>254</sup> É importante salientarmos que essas medidas são tomadas principalmente num momento em que o perigo integralista ameaçava Getúlio Vargas como o primeiro *Putsch* integralista em 11 de março de 1938, na tentativa de tomar uma rádio no Rio de Janeiro e o de 11 de maio de 1938, tentando tomar o Palácio da Guanabara,

---

<sup>252</sup> Ontem, Hoje e Amanhã – Mario Melo, Jornal Pequeno 27/02/1942. - APEJE

<sup>253</sup> COHEN, Esther. O Governo Federal e o Partido Nazista no Brasil. Dissertação de Mestrado, UFF, Rio de Janeiro, 1988, p. 21, 22

<sup>254</sup> CORDEIRO, Philonila M.N. O Nazismo em Pernambuco na década de 30. Monografia de Especialização, FAINTIVISA, 2001, p. 56

ambos fracassados.<sup>255</sup> Nesse sentido não se admitiria nada que pudesse interferir no desenvolvimento de um governo forte, almejado por Getúlio Vargas.

### c) Os judeus e a guerra

Mário Melo alertava para que tomassem cuidado com o indivíduo que ao conversar sobre guerra dissesse que a culpa é dos judeus. A culpa da guerra, segundo ele, cabe ao chefe do nazismo.<sup>256</sup> No entanto, expressava seu preconceito quando, mesmo não relacionando os judeus com a guerra, faz questão de mencionar que *o judeu não é pomba sem fel*, ou seja, “o judeu não é flor que se cheire”. Dessa forma o culpava por ser judeu, estigmatizando-os através do mito do judeu parasita e explorador, preconceito tão latente em muitas pessoas.

### d) O Brasil e o pan-americanismo

Para o jornalista, devia-se ter o máximo de cuidado com o indivíduo que se diz nacionalista até a medula, mas fica lamentando que os Estados Unidos esteja arrastando o Brasil para a guerra e que tanto os Estados Unidos como a Inglaterra querem acabar com a nossa soberania. “*Se qualquer indivíduo malsina a atitude pan-americanista do Brasil, ou procura atribuí-la a causas menos elevadas, esse indivíduo é suspeito. No íntimo deseja a vitória dos inimigos do povo brasileiro*”.<sup>257</sup>

Conforme já mencionamos, para Mário Melo as atitudes tomadas por Getúlio Vargas deveriam ter amplo apoio do povo brasileiro. O indivíduo

---

<sup>255</sup> MAIO, Marcos Chor & CYTRYNOWICZ, Roney. A Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938) in FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de A Neves(Org). O Brasil Republicano 2 – O tempo do nacional-estatismo. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003, p. 48.

<sup>256</sup> Ontem, Hoje e Amanhã – Mário Melo, Jornal pequeno, 28//02/1942. APEJE

<sup>257</sup> Ontem, Hoje e Amanhã – Mário Melo, Jornal Pequeno, 02/03/1942. APEJE

nacionalista deveria mostrar sua lealdade apoiando o Brasil em qualquer momento e nunca desacreditando do país e indo de encontro às suas idéias e atitudes.

#### **e) A Igreja e o nazismo**

Indivíduos que se dizem católicos, mas propagam que o nazismo não persegue o clero, nem é contra a religião católica. Cuidado! São fariseus. *Quando um indivíduo católico ou fingidamente católico, procurar defender o nazismo sob o aspecto religioso, apontando-o como compatível com o cristianismo, cuidado com ele, é suspeito...*<sup>258</sup>

Nesse momento Mário Melo antecipava a questão que viria à tona um pouco mais tarde com as denúncias de Gilberto Freire em artigo publicado no Diário de Pernambuco de 11 de junho de 1942, sobre as atividades nazistas desenvolvidas por frades pernambucanos. Esse artigo motivou a prisão de Gilberto Freire, sendo este incidente de repercussão internacional.<sup>259</sup>

#### **f) O falso patriota**

O indivíduo que se diz patriota ao extremo, que deseja a vitória da civilização, mas fica lastimando que a Alemanha é que acabará dominando o mundo. *Cuidado! Esse indivíduo é suspeito e quinta-colunista da pior espécie. Faz trabalho de cupim. Quer influir desânimo e descrença no espírito popular com o intuito de favorecer o eixo através do ‘desarmamento psicológico’.*<sup>260</sup>

Existia uma preocupação muito grande à época com as notícias que corriam às ruas, ou “boatos”, em torno de um possível ataque alemão às cidades

<sup>258</sup> Ontem, Hoje e Amanhã – Mário Melo, Jornal Pequeno, 04/03/1942. APEJE

<sup>259</sup> CORDEIRO, Philonila M.N. O Nazismo em Pernambuco na década de 30. Monografia de Especialização, FAINTIVISA, 2001, p. 36.

<sup>260</sup> Ontem, Hoje e Amanhã – Mário Melo, Jornal Pequeno, 05/03/1942. APEJE.

que ficavam na orla costeira, o que deixava em pânico o povo pernambucano, daí os jornais estarem constantemente alertando a população para não acreditarem nesses boatos, considerados de efeitos psicológicos nocivos à população.<sup>261</sup> Para Mário Melo essa era a especialidade dos quinta colonistas.

Portanto, com o perfil do quinta coluna elaborado, esse jornalista, através de seus artigos, vai desenvolver grande perseguição aos considerados simpatizantes do nazi-fascismo, levando os recifenses a um estado de constante suspeição. Fazendo-se juiz, utilizava-se da estratégia de vigilância social que Foucault<sup>262</sup> enfatizou para punir aqueles que não se enquadrassem na ordem vigente. Nessa condição, qualquer cidadão poderia a partir desse momento ser considerado como um suspeito em potencial.

### **3.2 – Mário Melo e a resposta dos leitores**

O trabalho desenvolvido pelo jornalista Mário Melo em sua coluna diária no Jornal Pequeno privilegiando em seus artigos, a partir de janeiro de 1942, assuntos relacionados ao quinta colonismo, principalmente com o objetivo de perseguição, considerando-os nocivos à sociedade e ao governo, corrobora o clima de denúncias que acontece na sociedade nesse momento. Esse jornalista passa a receber muitas cartas de pessoas que comungam com suas idéias ou aproveitam o clima de suspeição que o momento propicia para também fazer acusações. Nesse sentido, o clima de desconfiança que a sociedade vivia está presente nos mínimos detalhes do cotidiano do cidadão. Tudo passa a ser motivo

---

<sup>261</sup> O boato e seus nocivos efeitos. Jornal do Commercio, 13/09/1942 - APEJE

<sup>262</sup> FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Ed. Vozes, 26ª edição, Rio de Janeiro, 2002.

de denúncias, a exemplo da carta de Cícero Xavier da Silva endereçada a Mário Melo, se indignando com a atitude da Rádio Clube por tocar música estrangeira:

“Ilmo. Snr. Dr. Mário Melo.

Dirijo-me ao Snr, reconhecendo-o expoente máximo do nacionalismo brasileiro, para o seguinte fato que reputo no momento que atravessamos contra a nossa brasilidade. Adepto que me julgo também nacionalista de coração, ouço com pesar nos programas de nossa P.R.A 8, cantos que só se pronuncia em espanhol, cantando musicas espanholas. Penso que agora só devemos ouvir o Brasil! E tudo exclusivamente pelo Brasil! Assim deixo ao Radio Clube examinar o caso, pois será preferível ouvindo anúncios de Guaraína, ou Melhoral que é melhor do que muitos estrangeiros...”<sup>263</sup>

A forma exacerbada como esse cidadão percebe a questão do nacionalismo nos mostra como era problemático, confuso e delicado esse momento na sociedade recifense, principalmente se levarmos em consideração o clima de indignação do povo brasileiro com o afundamento dos nossos navios, conforme já mencionamos. Nesse sentido, o momento era propício para exaltação do Brasil, da guerra e o repúdio a tudo que simbolizasse os inimigos do país. O fato de a Rádio Clube tocar músicas estrangeiras era assim para esse cidadão um crime contra a nacionalidade brasileira, sendo motivo de indignação e protesto máximo, pois vai procurar externar seus sentimentos na coluna daquele que considerava “o maior representante do nacionalismo recifense” que era o jornalista Mário Melo. No entanto também nos revela algo muito importante quando esse cidadão vai desejar que o jornalista responda sua carta através da referida coluna, o que poderíamos chamar de “estratégia de prevenção contra acusação de quinta coluna”, pois compreendemos que essa atitude se coaduna com uma tentativa de se prevenir quanto à suspeição que inevitavelmente reinava na sociedade, uma vez que vai considerar muito importante a necessidade de tornar explícito seu posicionamento nesse momento em que o Brasil se dirigia à

<sup>263</sup> Ontem, Hoje e Amanhã – Mário Melo – Jornal Pequeno – 22/09/1942 – APEJE.

guerra, demonstrando assim uma atitude preventiva quanto a não se enquadrar no rol de suspeitos que a sociedade inevitavelmente armara para si.

Mas por que consideramos essa atitude uma estratégia defensiva?

Conforme já mencionamos, Mário Melo quando começou efetivamente a dirigir suas acusações contra o quinta coluna, nada lhe escapava, estando todos os indivíduos sujeitos às suas suspeitas. Quando em um artigo de 04 de setembro de 1942, considerando dever de um jornalista esclarecer ao povo sobre as obrigações que passam a existir com a decretação do estado de guerra, divulgando em sua coluna as garantias que foram suspensas, receberá carta de D. Julieta Silva questionando a alínea “b” do referido artigo a qual suspendia a inviolabilidade do domicílio e correspondência e ainda criticava a ameaça do jornalista quando o mesmo mencionava que era “cada um a andar direitinho fazendo o que fosse bom para a nação”. Para essa leitora Mário Melo deveria retificar seu artigo, pois indivíduos inescrupulosos poderiam se basear na sua instrução de violação ao lar alheio, consciente de que não haveria punição, sendo para ela um contraste de sua parte o “*seu é cada um andar direitinho*”, da mesma forma como a suspensão de garantias constitucionais, baseado em poderes competentes relativo à perturbação da ordem.<sup>264</sup>

Note como D. Julieta ousava e se arriscava, pois além de criticar o jornalista, questionava os procedimentos do governo. Sua atitude se enquadrava no rol de suspeito em potencial levando-se em consideração as diretrizes do perfil quinta coluna propagado por Mário Melo. Nesse sentido, é que esse jornalista não perde a oportunidade de divulgar essa carta fazendo questão de reafirmar o conteúdo do seu artigo, alegando que o estado de guerra permitia às autoridades,

---

<sup>264</sup> Carta de D.Julieta Silva a Mário Melo. Ontem, Hoje e Amanhã -Jornal Pequeno 11/09/1942 - APEJE

censurar e interceptar tudo o que fosse contrário aos interesses da pátria e continua com suas ameaças: *“se porventura alguém entendesse de outro modo, que se acautele. A polícia está vigilante e para certas práticas reprováveis em tempo de guerra, a punição é especial...”*.<sup>265</sup>

Dessa forma, Mário Melo utilizava sua coluna e as cartas que os leitores lhe endereçavam para reforçar a defesa do governo Vargas e a vigilância sobre àqueles que ainda ousavam questionar suas atitudes. Era o *“efeito bumerang”* agindo no encaço dos considerados *“maus brasileiros”*.

Conforme podemos perceber, os artigos de Mário Melo também atraíam a ira de muitas pessoas que não concordavam com sua postura, mas como o momento não era propício para aparições, não eram todos que se arriscavam revelando seus nomes e endereços, como o caso de D. Julieta, pois era notório que esse jornalista utilizava as cartas dos leitores para sempre polemizar e ameaçar aqueles que eram considerados suspeitos. E vejam que o seu rol de suspeitos apresentava-se de forma infinita.

O jornalista também procura utilizar-se da fala oficial para reforçar seus argumentos como no caso do discurso do General Dutra sobre a nova posição do Brasil no conflito mundial, sendo utilizado por Mário Melo para dar resposta ao *leitor anônimo esverdeado que me escreveu uma carta insolente*.<sup>266</sup> Dizia o general:

---

<sup>265</sup> Carta de D.Julieta Silva a Mário Melo. Ontem, Hoje e Amanhã -Jornal Pequeno 11/09/1942 - APEJE

<sup>266</sup> Ontem, Hoje e Amanhã. Mário Melo, 03/10/42 – Jornal Pequeno APEJE.

“...Se houver algum brasileiro que divirja de agora em diante, por exemplo, algum que ainda faça restrições a política do pan-americanismo, à amizade que deve unir o Brasil a Inglaterra ou aos Estados Unidos que são a força esmagadora do nazismo, do fascismo e se houver alguém...esse transviado receberia de conformidade com as nossas leis de guerra o castigo que merece...Divergir agora com o inimigo as nossas portas é trair, divergir mesmo por pensamento, ainda é uma abominável felonía...é pois uma questão de policia e de justiça”.<sup>267</sup>

Ora, se até as autoridades nesse momento se acautelavam com relação ao posicionamento que deveriam proceder no momento em que o Brasil se definia politicamente, pois era notório que dentro do governo Vargas existiam muitos simpatizantes do nazi-fascismo, a exemplo do general Dutra, Góis Monteiro, Filinto Muller, etc<sup>268</sup>, quem se arriscaria à tamanha proeza? Era muito difícil. Dessa forma, muitas cartas eram-lhe endereçadas de forma anônima e muitas denotavam a profunda ira que se tinha por esse jornalista que achando suas idéias as mais corretas não poupava sua caneta atirando palavras por todos os lados e ferindo até as pessoas mais simples. Tudo era motivo para polêmica, desde o busto de Manoel Bandeira, passando pela árvore Gameleira, no Espinheiro até o futebol. Esse “estilo” de Mário Melo ficou marcado, mas justificado, como na sua biografia escrita por Rostand Paraíso, e prefaciado por Reinaldo Oliveira, como um homem corajoso e defensor acima de tudo do Recife que tanto amava, dos vivos, da necessidade que se tem hoje de uma “pena corajosa, determinada e, até mesmo, renitente”.<sup>269</sup> No entanto, não se menciona esse lado combativo de Mário Melo, as acusações e perseguições às pessoas naquela ocasião, consideradas pelo jornalista como inimigas da nação. Nesse sentido, quem não queria se arriscar utilizava-se da estratégia do anonimato e muitos procurando levá-lo ao ridículo:

<sup>267</sup> Ontem, Hoje e Amanhã. Mario Melo 03/10/42 – Jornal Pequeno APEJE.

<sup>268</sup> Ver: FALCAO, João. O Brasil e a 2ª Guerra – Testemunho e depoimento de um soldado convocado. Unb, Brasília, 1999, p. 43

<sup>269</sup> PARAISO, Rostand. Cadê Mário Melo...Comunigraf, Recife, 1997, p. 18.

“...Para que você veja quão mesquinha tem sido a sua campanha aos nossos craques de pelota dei-me ao trabalho de cortar esse trecho do jornal no qual você escreve todos os dias as suas indefectíveis sandices. Veja velho idiota que são 30.000 brasileiros quem prestam o seu apoio ao crioulo, como você o tem chamado através das crônicas imbecis. E não é possível que com essa diferença numérica você ainda tenha o topete de querer insistir que a razão está com você. Leia, medite e meta o rabo entre as pernas como costumam fazer os ‘gozos’ sarnentos e fique sabendo que não costumo me esconder no anonimato, para não dar margem a que você tenha uma oportunidade de me chamar de covarde que se escondem na capa negra do anonimato, que é o seu chavão dramático de ator de circo de cavalinhos toda vez que recebe uma carta sem assinatura. (a) Manoel Gomes Barbosa, Estrada de Belém 5101 – Defronte do antigo chafariz”.<sup>270</sup>

Considerando que tinha à frente um homem corajoso e como era de se esperar, Mário Melo, alegando “desencarno de consciência”, enviou a carta à Secretaria de Segurança que se incumbiu de fazer averiguações, concluindo que não existia esse número e essa pessoa no endereço mencionado.<sup>271</sup> Essa atitude desse leitor era uma forma de ir a desforra contra esse jornalista que considerava o defensor da razão, mas que segundo Rostand Paraíso “está fazendo muita falta”.<sup>272</sup>

Com a decretação do estado de guerra ampliou os temas desenvolvidos nos jornais com relação aos inimigos do Brasil. Conforme pudemos perceber, em tempos de guerra vivem-se momentos conflituosos; suspeição que beira a anedotas e hipocrisia. Era um momento de muito zelo e prudência com atitudes e palavras, pois o círculo se fechava. O que antes se convivia de certa forma sem muitas dificuldades, agora é intolerável. Para aqueles que tinham algum contato com os considerados agora inimigos, ou seja, os eixistas, passarão a ser rechaçado. Como portadores de uma doença muito contagiosa era preciso se afastar, mostrar ojeriza para passar a idéia de que não haviam se contaminado. Os amigos agora serão inimigos. Nesse sentido, os artigos do jornalista Mário Melo

<sup>270</sup> Ontem, Hoje e Amanhã – Mário Melo, 28/02/1944 – Jornal Pequeno – APEJE.

<sup>271</sup> Idem

<sup>272</sup> PARAISO, Rostand. Cadê Mário Melo...Comunigraf, Recife, 1997, p. 230.

com a incumbência de “alertar” os pernambucanos sobre os males do quinta colunismo surtem algum efeito. Em 12 de janeiro de 1942 o espaço de sua coluna será reservado à divulgação de uma carta de um leitor (não identificado) o qual concordava com suas idéias sobre os vários disfarces que os quinta colunista utilizavam para fazerem propaganda, dando como exemplo o seu caso:

“...recebi de um conhecido, italiano, ou de origem italiana, um livro escrito por brasileiro de responsabilidade. Lendo alguma coisa de seu texto percebi que continha somente ataques à Inglaterra. Compreendi logo sua segunda intenção. O citado individuo estava de posse de diversos volumes desse livro, naturalmente para a distribuição.”<sup>273</sup>

Para esse leitor o seu exemplo era uma confirmação do que Mário Melo vinha sempre alertando com relação aos inimigos do Brasil que utilizavam de várias formas para propagar suas idéias, estando nesse rol até as pessoas mais conhecidas e de “responsabilidade”. As desconfianças não tinham limites. No entanto, para o leitor, ainda era tempo de redimir-se exemplificando o celebrado aviador Lindenberg:

“...aos que eram quinta-coluna antes da declaração da atitude do Brasil, lembro o exemplo de Lindenberg. O grande aviador era germanófilo e pleiteava a neutralidade dos Estados Unidos, defendendo seu ponto de vista com tamanho ardor que chegou a pedir demissão da reserva do exercito. Quando, porem, os Estados Unidos entraram na guerra, Lindenberg lembrando-se de que era americano, voltou a oferecer seus serviços, inclusive o tributo de sangue. Aqueles que, por espírito de imitação, andaram vestindo certas camisas, porque na Itália e na Alemanha eram assim, devem, lembrando-se de que são brasileiros, renunciá-los para sempre, com as idéias de que elas eram exteriorização, nem direita, nem esquerda: caminho reto, no centro...”<sup>274</sup>

Redimir-se. Eis a palavra em questão. Ainda era tempo para se converter, mudar, esquecer a infelicidade de seguir o caminho errado. A mística

---

<sup>273</sup> Ontem, Hoje e Amanhã – Mário Melo – Jornal Pequeno 12/01/1942 – APEJE.

<sup>274</sup> Idem.

da conversão do quinta-coluna se compara à conversão religiosa, sendo o exemplo de São Paulo o mais forte para confortar aqueles que faziam tal travessia. Para Mário Melo o Brasil também já passara por essa provação, quando estava entre dois fogos: os esquerdistas simpatizantes da Rússia e os direitistas simpatizantes da Alemanha. Ambos prejudicando imensamente o Brasil: os comunistas mataram muita gente e os integralistas fizeram muito mais ao tentar assassinar Sr. Getúlio Vargas, que entendendo as serpentes que representavam os dois partidos extremistas, extingui-os. No entanto os disfarces ficaram e eram esses que estavam dando muito trabalho. Portanto, cada vez que ocorria alguma conversão era motivo de exultação, como o caso do Sr. Andrade Teixeira Filho, chefe provincial do integralismo em Pernambuco que *“transpôs a estrada de Damasco... renegou – abençoado repúdio! – sua mística e veio para o grupo dos que sempre condenaram os extremismos, a bradar que só há uma mística: a da pátria... a mística suprema... Bravo! Uma conversão em regra. Aplausos ao cristão novo que finalmente encontrou a luz na estrada d’Damasco”*.<sup>275</sup>

### 3.3. O discurso religioso contra o quinta coluna

A utilização do discurso com representações religiosas de caráter apologético tornam-se freqüentes nas argumentações desse jornalista. Esse recurso tinha um forte componente apelativo sendo bastante utilizado, principalmente durante o Estado Novo. Segundo Alcir Lenharo, a Igreja auxiliou o Estado em dois pontos importantes durante esse período: apoio político decisivo em momentos importantes da década de 30, pois como podemos perceber o

---

<sup>275</sup> Ontem, Hoje e Amanhã. Mário Melo – Jornal Pequeno 19/05/1942 – APEJE. O jornalista Mário Melo estava se referindo a um artigo escrito por Andrade Teixeira Filho: A mística Suprema no Jornal do Comercio de 15/05/1942.

anticomunismo ferrenho da Igreja contribuía na legitimação das práticas repressivas do Estado e principalmente na função indispensável de domesticação das consciências.<sup>276</sup> A comparação do convertido político como a uma conversão religiosa: “*aplauso ao cristão novo*”, se inseria dentro do projeto de construção da imagem da nação como um objeto religioso<sup>277</sup>, uma posição divina que estava acima de tudo e de todos. A pátria era a única merecedora da mística suprema e aqueles que a veneravam estariam salvos do rolo compressor que representava a repressão aos inimigos da pátria. Portanto, a nação representava o corpo místico tendo à frente Getulio Vargas como o organizador, aquele que colocou ordem em meio ao caos e às ameaças quer seja comunista, integralista ou nazi-fascista.

O apelo religioso também será utilizado na tentativa de explicar o porquê da guerra, seu desenvolvimento e até como será seu final, o lado espiritual servirá como eixo norteador na batalha considerada como o bem, representado pelos Aliados, e o mal, os Eixistas. Nesse contexto, Santa Ódila terá um destaque especial nas argumentações defendidas por Mário Melo por meio de suas profecias, bem como da figura de Hitler, como o Anti-Cristo, utilizando-se a numerologia para representá-lo com o número 666, ou a “besta fera”.

Para se chegar a essa conclusão, segundo Mário Melo organizava-se uma chave do alfabeto, onde o A = 100; o B = 101; o C = 102 e assim por diante. Dessa forma o nome Hitler seria assim organizado:

---

<sup>276</sup> LENHARO, Alcir. Sacralização da Política. Unicamp/Papirus, 2ª edição, São Paulo, 1989, p. 190

<sup>277</sup> Idem, p. 191

$$\begin{aligned}
 H &= 107 \\
 I &= 108 \\
 T &= 119 \\
 L &= 111 \\
 E &= 104 \\
 R &= \frac{117}{666}^{278}
 \end{aligned}$$

Para Mário Melo, quando Santa Ódila se referia à Besta-Fera do Apocalipse em suas profecias estava se referindo a Hitler:

“...só mesmo uma besta fera poderia concentrar tanta maldade. Só uma besta fera seria capaz de mandar seus submarinos torpedear, sem aviso, sem ser em zona de bloqueio, vapores de passageiros duma nação que não estava em guerra. Mas a Besta Fera há de ser esmagada e o poder de Deus será restabelecido”.<sup>279</sup>

Utilizando-se de argumentos fortes como a fé, o jornalista procura fazer apologia dos que estavam lutando contra Hitler, logicamente para ele estando representado pelo bem, cujo poder de “Deus” seria restabelecido, ou seja, Deus estava sendo representado pelos Aliados e o mal, o Anti-Cristo, a Besta Fera, pelo Eixo, principalmente por Hitler. Essa estratégia de se utilizar o lado espiritual reforçaria ainda mais o combate e o controle na sociedade.

Tentando mostrar a coincidência das profecias de Santa Ódila com o momento que o mundo estava vivenciando, Mário Melo vai também dar um destaque especial divulgando e atualizando-a,<sup>280</sup> pois esta Santa, conforme tinha pesquisado, viveu entre o século VII/VIII. Era cega de nascença, mas recuperou a visão após o batismo cristão, sendo considerada a patrona da Alsácia. Resumindo a profecia, divulgava:

---

<sup>278</sup> Ontem, Hoje e Amanhã – Mário Melo Jornal Pequeno 15/09/1942 – APEJE.

Idem.

<sup>280</sup> Seus comentários estão em parêntese.

“A Germânia (Alemanha) será a nação mais belicosa da terra. Do seu seio surgirá o guerreiro terrível que empreenderá a guerra contra o mundo: chamar-lhe-ão de Anti-Cristo (Hitler?). Será maldito pelas mães que choram, como Raquel os seus filhos, e não querem ser controlados. Vinte povos diversos combaterão nesta guerra (Alemanha, Itália, Japão, Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Rússia, Finlândia, Romênia, Iugoslávia, Checoslováquia, Bulgária, Noruega, Albânia, Grécia, China, Polônia, Estados Unidos, Brasil!). A guerra por ele animada será a mais horrorosa que os humanos tem sofrido. A profetisa vê batalhas nos mares, na terra “e até nos ares” (!). Continua: em torno da Montanha (?) terá a ultima batalha. O conquistador terá atingido o apogeu dos seus triunfos ali pelo meio do sexto mês do segundo ano das suas hostilidades (invasão da Rússia?) será o fim do primeiro período de suas vitórias sangrentas. Ele julgará, então, poder tirar suas condições. A segunda parte da guerra igualará em extensão a metade da primeira. Poderá chamar-se o período da diminuição. Será fecunda em surpresas que farão estremecer os povos (a resistência da Rússia?). O fim, continua a profecia, será quando o combate se travar na cidade das cidades (Roma? Berlim?). Neste momento, muitos dos seus quererão apedrejá-lo. Acontecerão coisas prodigiosas no oriente. O terceiro período será de curta duração. O país do conquistador será invadido por todos os lados. Os exércitos serão dizimados por grande mal (gases, peste?) e todos dirão: - Eis o dedo de Deus! Conclui dizendo que os povos espoliados receberão o que haviam perdidos e algumas coisas mais. A região de Lutécia (nome antigo de Paris) será salva, mercê de suas montanhas abençoadas e da devoção de suas mulheres...”<sup>281</sup>

Portanto, a profecia de santa Ódila representava um ponto forte na construção do imaginário das causas da guerra e de seu desenvolvimento, procurando-se utilizar desses argumentos na tentativa de encontrar para esse conflito os respectivos responsáveis.

### **3.4. O quinta coluna nos bancos da Igreja**

Ao mesmo tempo em que o discurso da mística religiosa se apresenta com um papel importante na representação do imaginário das pessoas com o objetivo de acusações contra o quinta coluna, o combate que perpassa esse momento, onde tudo e todos são alvos fáceis de acusações, a própria Igreja Católica não escapa também a elas. Membros do clero passaram a serem acusados

---

<sup>281</sup> Ontem, Hoje e Amanhã, Mário Melo – 08/09/1942 – Jornal Pequeno - APEJE

de envolvimento em atividades nazi-fascistas, notadamente os missionários franciscanos vindos da Alemanha. Alguns representantes do clero protestam, alegando calúnia, mas outros, mesmo tentando minimizar a situação, não escondem as queixas da população contra alguns religiosos. São esses protestos que serão bastante aplaudidos por Mário Melo (lembramos que um dos pontos divulgado por Mário Melo na identificação do quinta coluna estava relacionado à questão religiosa, ou seja, desconfiar daqueles que se dizem católicos mas defendem o nazi-fascismo porque este persegue os cristão).

Assim, o jornalista cita primeiramente, Dom João Becker, arcebispo de Porto Alegre, como exemplo do representante da Igreja Católica que levanta a voz contra os ataques implementados pela *Besta Fera de Hitler*. No entanto, escapava às reflexões de Mário Melo a dubiedade da figura de Dom João Becker, uma vez que também será visto como simpatizante nazista.<sup>282</sup> Depois foi a vez dos bispos pernambucanos guiados pelo bispo Miguel Valverde e agora a palavra do bispo Carlos Duarte da Costa, que segundo o jornalista, dirigia-se diretamente ao presidente Vargas conclamando a necessidade de mobilização espiritual “...devendo ser retirados das dioceses, prelazias, paróquias, conventos e colégios, os bispos preladados, padres, frades e freiras estrangeiros e nacionais, partidários do nazismo, do fascismo e do falangismo”<sup>283</sup>

---

<sup>282</sup> O Arcebispo de Porto Alegre D. João Becker deu uma entrevista que foi veiculada no Diário de Pernambuco no dia 02/04/42, defendendo o clero das acusações de estar a favor do nazismo, mesmo reconhecendo que recebia algumas queixas contra alguns religiosos, mas alegava que nada ficou comprovado estando o clero sempre a trabalhar para a grandeza do país. Mencionava que, segundo a polícia de sua região, os pastores protestantes é que davam mais trabalho a polícia, pois recebiam subversão de Hitler. Artigo: No exercício de suas funções os padres não podem servir aos interesses do Eixo. Diário de Pernambuco 02/04/1942 – APEJE. Com relação ao envolvimento de protestantes com o nazismo ver MAGALHÃES, Marionilde Brepohl. Pangermanismo e Nazismo – A Trajetória alemã rumo ao Brasil. Fapesp, Unicamp, São Paulo, 1998. Por outro lado, D. João Becker é citado por Luis Carlos Prestes como “chefe nazista no Rio Grande do Sul”. Ver FALCAO, João. O Brasil e a 2ª Guerra – Testemunho e depoimento de um soldado convocado. Unb, Brasília, 1999, p. 62

<sup>283</sup> Ontem, Hoje e Amanhã. Mário Melo – Jornal Pequeno 23/09/1942 – APEJE.

As acusações do clero investidas contra seu próprio corpo religioso permitem-nos perceber como foi emblemático esse momento quando todos os segmentos sociais passam a agir com suspeição. Em Pernambuco, as acusações sobre o envolvimento de membros do clero em atividades ligadas ao nazi-fascismo tiveram destaque especial com as denúncias feitas por Gilberto Freire em seu artigo “*O exemplo de Ibiapina*”:

“...o tempo é de não nos entregarmos a confianças absolutas sempre que se trate da educação do menino brasileiro, da sua formação moral e intelectual nas escolas, nos colégios, nas organizações de escotismo, tão fáceis de se tornarem focos de antibrasileirismo sob a orientação de falsos religiosos que sob os hábitos de “franciscanos”, de “jesuítas”, de “beneditinos”, tragam o corpo misticamente grudado a camisas políticas, a votos de propaganda, não da fé, uma vez entregue aos santos, mas de doutrinas ferozmente etnocêntricas, anticristãs e antibrasileiras. Conheço um Estado do Norte onde até outro dia os escoteiros eram dirigidos por um religioso que nunca fez mistério do seu entusiasmo transoceânico pela pátria de origem e pela mística de superioridade de raça que tem ali o seu Tibete...meninos e adolescentes brasileiros continuam, em vários Estados do Brasil, sob influencias iguais de indivíduos fantasiados de jesuítas...de professores de alemão, quando não agentes de doutrinas violentamente antibrasileiras e antidemocráticas...”<sup>284</sup>

Após a publicação desse artigo Gilberto Freire foi interrogado pela polícia política, tendo o caso grande repercussão tanto nacional como internacional<sup>285</sup>, levando o presidente Vargas a solicitar esclarecimentos sobre o caso. Em resposta, Agamenon Magalhães alegava que o artigo de Gilberto Freire foi visto como atitude gravíssima, não só por atacar religiosos que desenvolviam trabalhos junto aos escoteiros e colocar dúvidas sobre a atuação da polícia pernambucana, mas por ser visto como atividades esquerdistas, por procurar estabelecer desconfianças entre brasileiros, motivo pelo qual justificou-se sua

<sup>284</sup> LINS, Etelvino. Um depoimento político. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1977, p. 31 a 33. Citado em CORDEIRO, Philonila M.N. op. Cit. P. 36.

<sup>285</sup> LINS, Etelvino. Op. Cit. P. 27

detenção e depoimento.<sup>286</sup> Em correspondência com o General Góis Monteiro Agamenon é mais enfático:

“...não tenha dúvidas o meu ilustre amigo. O americanismo está servindo de cortina de fumaça para certas atividades da esquerda. Quem é anti-clerical, maçom, comunista ou tiver recalques contra o regime está aproveitando a hora.”<sup>287</sup>

Posteriormente, Etelvino Lins considerou a atitude com relação ao sociólogo como muito exagerada ou um excesso de zelo, mas necessária naquele momento, diante do clima de tensão que vivia o país.<sup>288</sup>

Em seu interrogatório, Gilberto Freire acusava D. Conrado da Ordem dos Beneditinos de apologias à Alemanha e superioridade racial por ouvi-lo dizer em palestra que se considerava alemão e que os mestiços brasileiros só sabiam furtar. Gilberto Freire alegava ainda que em Pernambuco, a exemplo do Sul do país e da Paraíba, era preciso mais atitude enérgica contra os “falsos frades” que trabalhavam a favor do nazi-fascismo, pois existiam muitos destes que estavam ligados à Cia. de Tecidos Paulista.<sup>289</sup>

Com relação à ação da policia da Paraíba, Gilberto Freire estava se referindo a notícia que foi veiculada no Diário de Pernambuco de 27 de março de 1942 sobre a diligência e apreensão no Convento do Rosarinho, em João Pessoa, de material de propaganda alemã e peças de uniforme do exército brasileiro e da polícia do estado.<sup>290</sup>

Na seção religiosa do Jornal do Commercio de 17 de maio de 1942, o longo artigo: “*O caso dos Conventos dos religiosos franciscanos*” vêm em defesa

<sup>286</sup> Telegramas entre Vasco Leitão da Cunha e Agamenon Magalhães. FGV AGM 42.06.13/1, 42.06.13/2 e 42.06.13/3

<sup>287</sup> Carta de Agamenon para Góis Monteiro de 18/06/1942. FGV, AGM 42.06.18/1

<sup>288</sup> LINS, Etelvino. Um Depoimento Político. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1977, p. 28

<sup>289</sup> LINS, Etelvino. Op. Cit. P. 29-31. Citado em CORDEIRO, Philonila. Op. Cit. P. 37

<sup>290</sup> Material de Propaganda Nazista em poder de frades alemães na Paraíba. Diário de Pernambuco, 27/03/1942 - APEJE

dos frades acusados, alegando que essas notícias são infundadas, divulgadas por uma imprensa hostil à Igreja Católica, pois as próprias autoridades policiais não encontraram nada que justificassem tal atitude. As roupas militares, tipo: quepes, cintos, etc foram sobras de uma doação de um alfaiate para uma quermesse na igreja do Rosário, sendo essa festa freqüentada por muitos militares. Segundo o artigo, os franciscanos da Paraíba são tidos como os melhores missionários que trabalharam no solo paraibano, sendo essas acusações vistas como “patriotismo leviano” de pessoas que se aproveitam da situação internacional para acusarem os padres franciscanos.<sup>291</sup>

No caso da acusação dos falsos frades que estariam ligados à Fábrica Paulista, o Jornal do Commercio divulgará uma cópia de uma carta de Frei Cherumbino Mones, guardião do Convento de São Francisco de Olinda endereçada ao Secretário de Segurança Pública, onde explicava quem eram os seminaristas que tinham deixado o convento, onde residiam e quando entraram no Brasil. Segundo o Jornal, esse documento esclarecia as acusações feitas por Gilberto Freire, pois esses ex-seminaristas tinham entrado no país em 1935 e 1937, portanto, muito antes do conflito internacional, e já tinham regularizado sua situação no país, citando: José Buhr, Guilherme Liensen, José Schlueter, Jayme Minkenberg, residentes em Paulista; Henrique Koenig, morando em Rio Tinto; Hermano Epple, morando no Rio de Janeiro.<sup>292</sup>

A confusão que se originou com as suspeitas relacionadas com o envolvimento de membros do clero em atividades nazi-fascistas teve como reação do governo federal uma atitude em sua defesa, enviando telegrama a Agamenon

---

<sup>291</sup> Seção Religiosa – Igreja Católica: O Caso dos Conventos dos Religiosos Franciscanos. Jornal do Commercio 17/05/1942. APEJE

<sup>292</sup> Diligência da Delegacia de Ordem Política e Social para esclarecer denúncia sobre supostas atividades de religiosos estrangeiros neste Estado. Jornal do Commercio 16/06/1942 – APEJE.

Magalhães para que tomassem providências de não mais admitir que veiculassem notícias que envolvessem os sacerdotes.<sup>293</sup> Dessa forma, tentava-se proteger a todo custo o segmento clerical representante de algo muito caro aos brasileiros, em um país de maioria católica.

### **3.5 – Stefan Zweig e a traição do seu adeus: um trabalho de quinta coluna**

Outros exemplos nos permitem ver a dimensão de desconfianças e paranóias que alimentavam essa situação. Um caso inusitado que chamou a atenção do Brasil à época e corroborou para esse clima foi o suicídio de Stefan Zweig, em 22 de fevereiro de 1942 na cidade de Petrópolis. Segundo Alberto Dines, o impacto do suicídio de Zweig no Brasil corroborou para que a sociedade que ainda estava seduzida pelo fascismo tomasse uma posição oposta<sup>294</sup>. Exageros à parte, percebam, no entanto, que a morte de Zweig foi mais um assunto que alimentou em todo o Brasil as notícias em torno dos considerados “maus brasileiros”, rotulados de quinta coluna e traidores da pátria. Essa situação foi possível por conta da declaração que esse escritor austríaco deixou e que ao ser traduzida motivou uma grande confusão, originando acusações contra o tradutor Cláudio de Souza de traidor ou quinta coluna por ter omitido o último trecho da carta, considerado o mais importante, pois se referia à confiança desse escritor de que o nazismo seria derrotado:

---

<sup>293</sup> Telegrama de Lourival Fontes para Agamenon Magalhães, 17.06/1942. Prontuário Funcional Alemanha n. 29653 – DOPS APEJE.

<sup>294</sup> DINES, Alberto. Morte no Paraíso. A tragédia de Stefan Zweig. 3ª edição ampliada, Rocco, 2004, p. 20

“Antes de deixar a vida por vontade própria, com a mente lúcida, imponho-me a última obrigação: dar um carinhoso agradecimento a este maravilhoso país, o Brasil, que propiciou, a mim e à minha obra, tão gentil e hospitaleira guarida. A cada dia aprendi a amar este país, mais e mais. Em parte alguma eu poderia reconstruir a minha vida agora que o mundo da minha língua está perdido e o meu lar espiritual, a Europa, autodestruído.

Depois dos 60 anos são necessárias forças incomuns para começar tudo de novo. Aquelas que possuo foram exauridas nestes longos anos de desamparadas peregrinações.

Assim, em boa hora e conduta ereta, achei melhor concluir uma vida na qual o labor intelectual foi a mais pura alegria e a liberdade pessoal o mais precioso bem sobre a terra.

Saúdo a todos os meus amigos. Que lhes seja dado ver a aurora desta longa noite. Eu, demasiadamente impaciente, vou-me antes.”<sup>295</sup>

Zweig era um escritor de muito sucesso, mas sofria muito por conta dos problemas ocasionados pela Segunda Guerra, como a anexação da Áustria pela Alemanha, obrigando-o a fugir do país que amava. No entanto, Zweig também sofria muito de depressão. Era um homem instável que nem sempre estava feliz. Suas constantes viagens pelo mundo denotavam um homem perdido, à procura de algo. No Brasil pensou encontrar um lugar tranquilo, um lugar onde pudesse ter paz, mas foi bastante criticado e acusado de comprar o seu visto no país em troca da escrita do livro “Brasil, país do futuro”. O rumo que o Brasil seguia a partir de janeiro de 1942, deixou-o ciente de que por mais que fugisse, a guerra e tudo de ruim que ela representava o seguiria, vendo como solução o fim de tudo isso com sua morte.

A polêmica em torno da declaração desse autor era de que sem o final da referida carta, dava a entender que o escritor não agüentou a pressão, por conta do avanço do nazismo, preferindo dar fim à sua vida a presenciar a sua vitória. Daí as acusações em torno daquele que fez a transcrição da carta, ou seja, Cláudio de Souza, acusado de traidor da pátria e do adeus de Stefan Zweig.<sup>296</sup>

<sup>295</sup> DINES, Alberto. Morte no Paraíso – A Tragédia de Stefan Zweig. 3ª edição ampliada, Rocco, Rio de Janeiro, 2004, p. 550.

<sup>296</sup> Sobre a história de Stefan Zweig nos baseamos em: DONA, Dominique. Stefan Zweig – Uma Biografia. Record, Rio de Janeiro, 1999; DINES, Alberto. Morte no Paraíso – A tragédia de Stefan

Na ocasião, a sua demora (torno de 15 dias) em dar uma satisfação à imprensa sobre o episódio, só contribuiu ainda mais para maiores acusações:

“...se o autor da tradução da despedida de Zweig, logo em seguida à publicação do documento ou mesmo logo em seguida à descoberta da mutilação nele operada houvesse declarado de publico ter havido nessa omissão apenas um lapso, equívoco ou descuido, creio que todos os comentadores do episódio acatariam com o seu silêncio a declaração, como o faria o autor deste...o autor daquele erro excepcional de tradução foi o primeiro a ser condenado com o seu silêncio de 15 dias diante das acusações dos fatos e das circunstâncias...”<sup>297</sup>

No entanto, o momento em que a sociedade passava, onde qualquer pretexto servia para acusar alguém de “traidor da pátria”, qualquer tentativa nesse sentido entendemos não ter sido diferente. Cláudio de Souza passou muito tempo tentando contornar aquela situação<sup>298</sup> e a imagem, inclusive que se passa ainda hoje, é carregada de estereótipos, a exemplo de Dines que o descreve como trapalhão, cínico, cujas explicações sobre o ocorrido são entendidas como “desculpa esfarrapada” e aproveitador da situação para “aparecer”.<sup>299</sup>

### 3.6 – O *front* interno e o carnaval

O ano de 1943 foi marcado por acontecimentos no Brasil inteiro de exaltações nacionalistas e campanhas contra o quinta coluna tendo à frente os estudantes, através da UNE, um papel muito importante na organização dos

---

Zweig. 3ª edição, Rocco, Rio de Janeiro, 2004. Em Pernambuco o único jornal que encontramos dando ampla cobertura ao caso da morte de Zweig foi o Jornal do Comercio. Edições 04/03/42; 05/03/42; 17/03/42; 20/03/42; 12/04/42. APEJE

<sup>297</sup> Artigo: Mau elemento. Osório Borba. Jornal do Comercio 20/03/1942 - APEJE

<sup>298</sup> Cláudio de Souza defendeu-se nos jornais das acusações. No Jornal do Comercio saiu um artigo: Defende-se da suspeita de ter traído o adeus de Stefan Zweig. 17/03/1942. APEJE.

<sup>299</sup> DINES, Alberto. Morte no Paraíso – A tragédia de Stefan Zweig. 3ª edição ampliada, Rocco, Rio de Janeiro, 2004, p. 485,486

comícios e passeatas.<sup>300</sup> O Brasil já tinha declarado guerra ao Eixo estando, desde o ano de 1942, passando por um processo de mobilização interna no sentido da preparação para o confronto. Observava-se que, em quase todo corpo social, havia manifestação de acusações e suspeitas em torno do tema em voga naquele momento: o nazi-fascismo. Hitler e Mussolini passam a ser ironizados e ridicularizados em piadas que se estendiam à população da Itália e Alemanha, levando, inclusive, algumas pessoas a se manifestarem, como uma leitora de Mário Melo que pediu: “*Sr. Mário Melo, por favor, não ridicularize mais o soldado italiano*”. Mas esse jornalista considerava que eles próprios é que estavam se ridicularizando, não sentindo piedade, principalmente ao relembrar os torpedeamentos dos navios brasileiros<sup>301</sup>. O Brasil na Segunda Guerra era uma realidade e não poderia existir, portanto, piedade para os inimigos da pátria.

No carnaval de 1943 vai aflorar mais ainda a irreverência com a imagem dos inimigos. As caricaturas de Hitler e Mussolini são constantemente utilizadas não deixando também de se referir ao quinta coluna como vemos nas marchinhas:

“Sai, quinta-coluna,  
 Por sua causa é que vou me alistar  
 Quando eu botar minha botina no mundo,  
 Quero ver, quinta-coluna,  
 Se vai me enfrentar. (bis)

Um cavalheiro brasileiro ou estrangeiro  
 Que só vive falando em Roma ou Berlim  
 Eu vou desconfiando  
 Que esse cara está bancando  
 O quinta-coluna para mim<sup>302</sup>

<sup>300</sup> Ver: FALCÃO, João. O Brasil e a 2ª Guerra – Testemunho e depoimento de um soldado convocado. Unb, Brasília, 1999, p. 109.

<sup>301</sup> Ontem, Hoje e Amanhã – Mario Melo, Jornal Pequeno 15/05/43 - APEJE

<sup>302</sup> Site oficial de MARTINS, Franklin. Conexão e política. Som na caixa <http://redeglobo.globo.com/franklinmartins/somnacaixa>. Este site contém outras músicas com temas relacionados ao envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Acesso dia 13/10/2004. Autoria dessa musica: Nássara e Erastones Frazão; cantores Joel e Gaúcho; gravadora: Odeon.

Observem que de todos os pejorativos incorporados à imagem do quinta coluna, como: mau elemento, traidor, espião, etc., a marchinha de Nássara e Erastones Frazao, de 1943, se apresentava, literalmente, como ultrapassando todas as manifestações contra esse corpo social, pois agora também passavam à idéia de culpabilidade até no alistamento militar e conseqüente envio dos pracinhas ao *front*. Como entender o direcionamento ou as acusações nesse sentido?

Conforme mencionamos, quando o Brasil declarou estado de beligerância contra os países do Eixo, já estava sendo desenvolvido com a população um trabalho de mobilização no sentido de um preparo para o enfrentamento na guerra. A indignação do povo diante do afundamento de alguns navios brasileiros corrobora para desenvolver na população o “espírito” de união e sacrifício em defesa do país. Manifestações de apoio ao presidente Vargas passam a ser constantes vindas de quase todos os segmentos, incluindo os estudantes de Direito, os industriais, os jornalistas, a colônia portuguesa, Sociedade de Medicina e os vários sindicatos.<sup>303</sup> Segundo Roney Cytrynowicz, esse trabalho de alinhamento da população na perspectiva de mobilização e constituição de um *front interno*, passando a idéia de enfrentamento do inimigo em nossos territórios, constituía-se numa estratégia do governo para assegurar ainda mais os ideais do Estado Novo que eram enfatizados através de idéias militares, povo em marcha, disciplina, bravura, lealdade, destreza, resistência muscular, coragem, organização, vigilância, sacrifício e união. Para esse autor, a guerra, a partir de

---

<sup>303</sup> A Repulsa de todas as classes à traiçoeira agressão eixista. Jornal do Commercio, 20/08/1942 - APEJE

1942, passou a fazer parte do jogo político interno do governo e das tramas cotidianas das cidades<sup>304</sup>.

Para desenvolver esse “espírito” de mobilização, o governo toma algumas iniciativas como o lançamento do pão de guerra ou o pão integral em setembro de 1942; campanha de vitaminas para o povo; hortas da vitória (deveriam ser plantadas no quintal das casas); campanha do leite; campanha do sapato; a produção de gasômetro para ônibus e automóveis privados.<sup>305</sup>

Nesse clima de “preparação” para a guerra, muitos não compreendiam essas atitudes e as palavras empregadas em alguns casos, servia para justificar o porquê desse temor. É o que aconteceu quando no dia 17/03/1942, ao toque do sinal, as luzes das cidades de Recife e Olinda ficaram apagadas por vinte minutos. No dia seguinte, o Diário de Pernambuco noticiou esse exercício como “black-out”. Para Mário Melo, foi por conta dessa palavra que o temor se apoderou dos mais ignorantes, notadamente os mais velhos que tinham pouca cultura e...*por mais que eu explicasse a uma que não haveria nada, apenas o apagamento de luzes..., ela argumentava que não era isso, que era uma coisa de nome estrangeiro, conforme lera nas folhas e que eu estava a querer enganá-la...* . Mário Melo vai culpar o jornalista, chamando-o de pernóstico, pois ao menosprezar a língua portuguesa nesse momento em que esperava-se mais manifestações nacionalistas por parte dos jornais e jornalistas, estava a incentivar o desassossego dos lares, principalmente naqueles que não conheciam língua estrangeira<sup>306</sup>.

---

<sup>304</sup> CYTRYNOWICZ, Roney. Guerra sem Guerra – A Mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. Edusp, São Paulo, 2000, p. 18-19

<sup>305</sup> Idem, p. 24

<sup>306</sup> Crônica da Cidade – Sejamos Brasileiros – Mário Melo Jornal do Commercio 18/03/1942 - APEJE

Com essa atitude, observamos uma tentativa de “desvio” quanto a possíveis responsabilidades, diante do clima de insatisfação e sentimento e que nesse caso era transferido para a “falta de nacionalismo” por parte do jornalista do Diário de Pernambuco. Percebam, portanto, como, para algumas pessoas, não chegava uma percepção clara do “efeito de mobilização”. Tal situação é combatida com a utilização dos jornais que propagavam diariamente as idéias do Estado Novo, convertendo o trabalho, a disciplina e união no tripé ideológico para controle da massa. Criando no imaginário o confronto inevitável, essa mobilização interna vai acontecer como se na prática o país já estivesse em guerra e o termo “batalha” passa a ser utilizado como um reforço nesse processo. Assim, veremos os operários serem transformados em “soldados da produção” como na “batalha da produção” e na “batalha da borracha”. Não obstante, ainda era preciso incentivar as delações dos inimigos da pátria, ou seja, o quinta coluna, sendo divulgado nos jornais, diariamente, pequenas notas com essas mensagens, sendo fácil identificar “os traidores” observando as pessoas que não estivessem de acordo com as determinações do governo:

“Trabalhar e ter precaução. Levar todos os gestos suspeitos ao conhecimento das autoridades. Confiar no governo e não se deixar levar pelo excesso. A quinta coluna é ainda uma realidade e pode procurar desorganizar o nosso trabalho que prepara a vitória. Quem procura depredar agora os bens dos súditos do eixo, que se tornaram bens nacionais, está, certamente de maneira consciente ou inconsciente, a serviço dos inimigos da pátria.”<sup>307</sup>

E ainda:

---

<sup>307</sup> Nota Jornal Pequeno 01/09/1942 – APEJE.

“Operários, funcionários públicos, servidores de todas as esferas: o nosso trabalho é aparentemente um trabalho de paz, mas ele tem de ser, de agora em diante, um esforço de guerra. Quem negligencia o seu trabalho faz o jogo do inimigo. Todos devem estar a postos. Todos devem cumprir o seu dever”.<sup>308</sup>

Essa mobilização se transformava num artifício para disciplinar a população mantendo-a sob controle. Os operários deveriam se concentrar tão somente no trabalho, sendo o menor deslize caracterizado como “fazendo o jogo do inimigo”, estando, portanto, traíndo o país. Deveria-se também confiar cegamente no governo, o que pressupõe não criticá-lo quanto a essas atitudes.

Mesmo sentindo-se os efeitos da escassez e da especulação, a idéia que se incorpora era a da necessidade do sacrifício pelo país, não devendo, portanto, *desorganizar o trabalho que preparava a vitória*. Talvez seja por essa razão que nos depoimentos de cidadãos paulistanos, colhidos por Cytrynowicz, à percepção que tiveram daqueles acontecimentos em suas memórias sejam relatadas com muita amenidade, até de forma bem humorada.<sup>309</sup> Não haveria de ser diferente, quando o entendimento do sacrifício seja compreendido como amor à pátria. Lembramos que o discurso proferido pelo governo tinha como pressuposto o alinhamento às suas idéias e fugir a isso era se arriscar a entrar na lista dos quinta coluna ou traidores do país. No entanto, se existe o sacrifício e se suporta as privações por amor à pátria, não se percebe a mesma coisa com relação às manifestações culturais. O carnaval foi um exemplo. No Rio de Janeiro, muitos sambas foram criados com o tema da guerra, ironizando o esforço da mobilização e satirizando Hitler e Mussolini, como mencionamos, mas o que agravava para o governo, era a associação que estavam fazendo nas músicas da imagem de Getúlio Vargas com aqueles líderes políticos. O que se observa é o governo tendo um

---

<sup>308</sup> Nota – Jornal Pequeno 10/09/1942 - APEJE

<sup>309</sup> CYTRYNOWICZ, Roney. Guerra sem guerra. A Mobilização e o cotidiano em São Paulo na Segunda Guerra Mundial. Edusp, São Paulo, 2000, p. 24

maior controle do carnaval.<sup>310</sup> No Recife, quando na tentativa de um movimento para a não realização do carnaval de 1943, alegando-se a importância de ser solidário para com os pracinhas que se dirigiam ao front, vai surgir uma reação dos defensores da folia carnavalesca. Para Mário Melo, folião ativo e um dos maiores defensores do carnaval, impedir a realização desse evento era trabalho de quinta coluna, que fingindo evocar o estado de guerra, defendiam o boicote ao carnaval, alegando que era com tristeza que se pagava a dívida para com os recrutados.<sup>311</sup>

O recrutamento dos soldados tornava aquele momento mais doloroso, principalmente para os pais, mas nos jornais propagava-se o ânimo, o dever da população civil<sup>312</sup> e o direito de servir<sup>313</sup>. Os universitários pernambucanos conclamavam em seu manifesto o apoio e atitude dos jovens para vestirem a farda do exército, orgulhando-se de não ter notícia de um só desertor, estando prontos para combater todas as formas de traição do quintacolonismo.<sup>314</sup>

Apesar da FEB (Força Expedicionária Brasileira) ter começado a se constituir em julho de 1943, somente em julho de 1944 vai ocorrer o envio efetivo das tropas. No entanto, desde dezembro de 1942, o governo já aventava a possibilidade de enviar tropas brasileiras ao front, mas o destino seria a África<sup>315</sup>. Portanto, os meses que correspondem ao recrutamento, são marcados de grande tensão e procurando dar resposta a essa situação, transferia-se a culpabilidade para quem estava em evidência no imaginário das pessoas: o quinta coluna, aumentando assim a sua lista de acusações. Dessa forma, aproveitando a situação,

---

<sup>310</sup> CYTRYNOWICZ, Roney. Guerra sem guerra – A Mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. Edusp, São Paulo, 2000, p. 29

<sup>311</sup> Ontem, hoje e amanhã – Mario Melo Jornal Pequeno 13/02/1943 - APEJE

<sup>312</sup> O dever da população civil – Jornal do Commercio 11/09/1942 - APEJE

<sup>313</sup> Direito de servir – Afonso Arinos de Melo Franco – Jornal do Commercio 09/09/1942 - APEJE

<sup>314</sup> A situação mundial e os universitários pernambucanos – Jornal Pequeno 01/08/1942 - APEJE

<sup>315</sup> CYTRYNOWICZ, Roney. Guerra sem guerra – A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. Edusp, São Paulo, 2000, p. 105

a música também vai explorar esse tema que banalizado, permitiu incorporar todas as culpas e pecados, isentando a responsabilidade do governo e até da própria população que manifestou apelo a Vargas para entrar no conflito após os vários afundamentos dos navios brasileiros.

Percebam, portanto, como a marchinha carnavalesca que mencionamos se apodera do termo quinta coluna e do recrutamento que estava em voga e faz uma associação que foge ao entendimento, mas que encontra sua lógica naquele momento histórico marcado por acusações em torno de pessoas que supunham estar traíndo o país, alimentando um constante estado de temor entre a população.

Segundo Cytrynowicz a entrada do Brasil na guerra teve o efeito de unir a sociedade em torno da nação criando a ilusão de unidade em torno do governo. Aparecia assim para a população como um momento de grande dramaticidade pondo à prova o serviço ao Estado e a pátria<sup>316</sup>. Era a representação de um teatro de guerra e de unidade em torno da figura do chefe e da nação e que não sobreviveu ao curso da história. Captando esse momento singular Prestes declarava:

“A roda da história tem girado excepcionalmente depressa nestes últimos anos, mesmo aqui em nossa terra, de maneira que o que ainda ontem devia ser entre nós...um segredo perigoso, tornou-se agora assunto de debate publico e já pode, sem duvida, ser discutido através destas cartas...os perigos que ameaçam nossa pátria e nosso povo...a luta contra a quinta coluna...”<sup>317</sup>

A declaração de Prestes é bastante eloqüente das mudanças ocorrida na política brasileira porque mostrava que até aos comunistas, amplamente combatidos pelo governo, principalmente após a Intentona Comunista de 35,

---

<sup>316</sup>CYTRYNOWICZ, Roney. Guerra sem guerra – A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. Edusp, São Paulo, 2000 p. 113

<sup>317</sup>FALCÃO, João. O Brasil na Segunda Guerra. Testemunho e depoimento de um soldado convocado. Unb, Brasília, 1999, 62

ocorriam à possibilidade de manifestar-se ante esses acontecimentos que anteriormente não se via tão explicitamente debatido na sociedade. Contudo, o seu discurso se coadunava com a linha política adotada pelos dirigentes comunistas no Brasil, posicionando-se agora ao lado do governo brasileiro na sua nova fase de país aliado dos Estados Unidos, lutando, como praticamente toda sociedade, naquele momento, contra o nazi-fascismo.<sup>318</sup>

### **3.7 – A utilização do cinema e teatro na luta contra o quinta coluna**

O discurso imagético foi amplamente explorado tanto pela Alemanha como pelos Estados Unidos, procurando representar, da mesma forma que na escrita jornalística, a face do bem e do mal, estando o cinema, veículo de propaganda bastante expressivo, sendo utilizado pelos lados opostos nesse combate. Nesse sentido, muitos filmes da década de 30 e 40 são também importantes fontes históricas, diante do potencial conteúdo de propaganda política que incorporaram, sendo, portanto, objeto de nossas reflexões.

Segundo Wagner Pinheiro Pereira existe certas diferenças na forma como os estudiosos do cinema e política encaram esse combate, pois enquanto muitos filmes produzidos na Alemanha nazista são considerados como propaganda explícita em favor do nazismo, os estudiosos sobre o cinema e política dos Estados Unidos procuram focar as produções cinematográficas enfatizando muito mais a carreira dos atores, diretores e gêneros cinematográficos<sup>319</sup> e quando se referem aos filmes com as temáticas do conflito da Segunda Guerra,

---

<sup>318</sup> FALCÃO, João. O Brasil na Segunda Guerra. Testemunho e depoimento de um soldado convocado. Unb, Brasília, 1999 p. 59

<sup>319</sup> Verificamos também esse direcionamento em FRIEDRICH, Otto. A Cidade das Redes – Hollywood nos anos 40. Companhia das Letras, 1988.

compreendem muito mais como filmes didáticos ou de instrução militar, por entenderem que o termo propaganda estaria mais identificado com os regimes totalitários e não democráticos. No entanto, para Pereira, da mesma forma que a Alemanha utilizou-se do cinema como potencial veículo de propaganda às suas idéias nazistas, os Estados Unidos também o fizeram com a defesa de suas idéias democráticas, utilizando em suas produções várias imagens: a do líder, do homem novo e do inimigo.<sup>320</sup>

No caso da Alemanha, a imagem do líder está presente nos filmes que retratam Hitler como o salvador do país e a imagem do Partido Nazista com “suas ações heróicas”, a exemplo das produções: *O Congresso do NSDAP em Nuremberg – 1927*; *Os Soldados Marrons de Hitler Chegam – 1930*; *A Batalha de Berlim – 1931*; *Viagem Triunfal de Hitler pela Alemanha – 1932*; *Hitler sobre a Alemanha – 1932*; *O Povo e o Fuhrer – 1932*; *Fala Adolf Hitler, Chanceler do Reich! – 1932*; *Desperta, Alemanha! – 1933*; *A Vitória da Fé – 1933* e o longa-metragem *O Triunfo da Vontade – 1935*.<sup>321</sup>

A imagem do homem novo, o alemão de sangue puro, nos filmes: *O SA Brand – 1933*; *O Joven Hitlerista Quex – 1933*; *Hans Westmar, um dentre muitos – 1933*; *A Floresta Eterna – 1936*; *O Soberano – 1937*.<sup>322</sup>

A imagem do inimigo é explorada nos temas que passam pelo judeu conspirador, a exemplo dos filmes: *Os Rothschilds – 1940*; *O Judeu Suss – 1940*; *O Judeu Eterno – 1940*; *O Fuhrer doa uma cidade aos judeus – 1944*, à imagem do russo comunista, como nos filmes: *Frísios em Perigo – 1935*/*Cidade Atacada*

---

<sup>320</sup> PEREIRA, Wagner Pinheiro. Guerra das Imagens – Cinema e política nos governos de Adolf Hitler e Franklin D.Roosevelt. (1933-1945). Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo p. 24 e 347

<sup>321</sup> Idem p.113-130

<sup>322</sup> Ibidem p. 142-158

pelos Vermelhos – 1941; G.P.U. – 1942, até a imagem do inglês imperialista como nos filmes *Tio Krüger – 1941; Titanic – 1943*.<sup>323</sup>

No caso dos Estados Unidos, a imagem de Roosevelt como o líder da democracia foi enaltecido no filme: *O Anjo Gabriel sobre a Casa Branca – 1933*.<sup>324</sup>

A imagem do homem novo norte-americano, dentro da perspectiva do New Deal, pode ser observada no filme de Walt Disney *Os Três Porquinhos – 1933; Irene, a Teimosa – 1936; O Galante Mr. Deeds – 1936; Cavaleiro sem Espada – 1939; Adorável Vagabundo – 1941*.<sup>325</sup>

O inimigo norte-americano é retratado na imagem do alemão nazista a exemplo dos filmes: *Confissões de um espião nazista – 1939; Correspondente Estrangeiro – 1940; O Sabotador – 1942; Os Filhos de Hitler – 1943; O homem com quem casei – 1940; o desenho animado O Novo Espírito – 1942; Alô Amigos! – 1943; O Grande Ditador – 1940; Casablanca – 1940; A Gangue de Hitler – 1944; Amanhã, o mundo! – 1944; o italiano fascista também é explorado como na produção *Sahara – 1943; e a imagem do japonês sanguinário: Pequeno Tóquio – 1942, o documentário Ameaça do Sol Nascente – 1942; Lembre-se de Pearl Habor – 1942; Nossos Mortos serão Vingados – 1942; Bataan – 1943; O Diário de Guadalcanal – 1943; Atrás do Sol Nascente – 1943; Trinta Segundos sobre Tóquio – 1944; Mais Forte que a Vida – 1944; Sangue Sobre o Sol – 1945; Aventuras na Birmânia – 1945*.<sup>326</sup>*

---

<sup>323</sup> PEREIRA, Wagner Pinheiro. Guerra das Imagens – Cinema e política nos governos de Adolf Hitler e Franklin D. Roosevelt (1933-1945). Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo p. 183-233

<sup>324</sup> Idem p. 131-141

<sup>325</sup> Ibidem p. 159-179

<sup>326</sup> PEREIRA, Wagner Pinheiro. Guerra das Imagens – Cinema e política nos governos de Adolf Hitler e Franklin D. Roosevelt (1933-1945). Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 2002, p. 239-289

Hollywood começou a produzir filmes com frequência, cuja temática estava relacionada ao conflito mundial então em curso, após o ataque a Pearl Habor e conseqüentemente a entrada dos Estados Unidos na guerra. Não existia, como ocorria na Alemanha, um controle da produção cinematográfica pelo Estado. No início do governo Roosevelt, os produtores vão gozar de certa autonomia. Existia um autopolicimento por meio da Associação dos Produtores e Distribuidores Cinematográficos e do Código de Produção (entidades então criadas para esse fim) e só posteriormente passando a ser controlado pelo governo através da Secretaria de Informação da Guerra e do Escritório do Coordenador de Assuntos Interamericanos.<sup>327</sup>

Segundo Otto Friedrich, Hollywood não tinha o menor desejo de se opor ao nazismo, pois faziam os filmes visando os lucros e um terço dele vinha do exterior. Mas também, segundo esse autor, essa timidez política de Hollywood não deixava de ser conseqüência do anti-semitismo muito intenso nos anos 40. Na MGM, existia até um produtor que se encarregava de retirar qualquer nome que soasse judeu. Em 1941, Mayer, dono da MGM, alegando que os Estados Unidos não estavam em guerra com ninguém, se queixava do filme *Rosa da Esperança* por ter uma mensagem antigermânica, pois em uma cena retratava um piloto alemão como fanático nazista e somente concordou com essa versão após o ataque de Pearl Habor. Contudo, não eram todas as produtoras que tinham tal postura. A Warner Brothers, por exemplo, tinha ódio aos nazistas, principalmente pelo fato de seu representante Joe Kauffman ter sido espancado e morto, levando ao fechamento de seu escritório em Berlim. No entanto, apesar de algumas produções ter acontecido antes do envolvimento dos Estados Unidos na guerra, a exemplo do

---

<sup>327</sup> Idem p. 29

filme *Confissões de um espião nazista*, a posição tomada pelo Código dos Produtores de Hollywood era de insistir para que a indústria cinematográfica não incentivasse o envolvimento dos Estados Unidos na guerra.<sup>328</sup> É nesse contexto que filme como *Correspondente Estrangeiro* de Hitchcock está relacionado à espionagem nazista sem mencionar que os alemães eram espiões.<sup>329</sup>

Para Friedrich, aqueles que defendiam a não entrada dos Estados Unidos na Guerra, os chamados isolacionistas, não eram inocentes. Representavam as características desagradáveis dos americanos como xenofobia, anglofobia, anti-semitismo e hostilidade generalizada contra os orientais, fazendo também o papel de propaganda da Alemanha nazista. Para se ter uma idéia, o senador Gerard Nye, de Dakota do Norte propôs uma resolução para investigar a propaganda pró-guerra em filmes e entre os 48 filmes investigados estava *Confissões de um espião nazista*. Essa época nos Estados Unidos dava margem também a estender a paranóia norte-americana em torno da questão do comunismo. Hollywood era considerado um “viveiro de comunistas”. Até Shirley Temple, com dez anos, foi acusada de subversiva.<sup>330</sup> Mas, quando os Estados Unidos declaram guerra ao Eixo, Hollywood não vai deixar de lucrar, começando a registrar títulos de filmes que englobavam o assunto da guerra e esses filmes atraíam cada vez mais o público. Dessa forma, principalmente a partir de 1942, serão produzidos muitos filmes desse gênero, sendo bastante apreciado no Brasil, consumidor em potencial dos filmes norte-americanos.

É justamente nesse período que em Pernambuco, a exibição de filmes com propaganda explícita contra os nazi-fascistas, terá um destaque especial,

---

<sup>328</sup> FRIEDRICH, Otto. A Cidade das Redes – Hollywood nos anos 40. Cia. das Letras, São Paulo, 1988, p. 57-58

<sup>329</sup> Idem p. 60-61

<sup>330</sup> FRIEDRICH, Otto. A Cidade das Redes – Hollywood nos anos 40. Cia. das Letras, São Paulo, 1988, p. 62-63

principalmente com temas relacionados à espionagem, fato este não de forma aleatória, mas proposital, pois na ocasião estava sendo desbaratada em todo o Brasil a rede de espionagem que envolvia os alemães e seus simpatizantes, levando o público a vislumbrar toda a trama e mistérios que rondavam essas atividades. Sigmund Kracauer já mencionava como os filmes de uma nação refletem a sua mentalidade<sup>331</sup> e sendo produtos humanos, suas escolhas reforçavam o conteúdo ideológico que se defende. Não resta dúvida que o momento histórico que se vivia naquela ocasião, e estando o cinema explorando temas que estavam ligados ao cotidiano do cidadão, como a guerra, a espionagem, a traição, etc., a população sentia-se atraída diante dos apelos cinematográficos e como menciona Pinheiro, tinham fascínio pela impressão de realidade que esses filmes transmitiam.<sup>332</sup>

Nesse sentido, o filme *Confissões de um espião Nazista*, apesar de ter sido produzido em 1939, causando muita agitação, principalmente com uma filmagem muito conturbada, devido às ameaças que seu produtor, o elenco e equipe técnica sofreram por parte dos nazistas, inclusive com protestos do governo alemão<sup>333</sup>, teve também grande repercussão em Recife quando estreou em junho de 1942. O filme era tido como uma acusação contra as subterrâneas e criminosas atividades do quinta-coluna e dos estrangeiros que ameaçavam escravizar a América.<sup>334</sup> O espião é retratado como aquele que tudo faz para obter as informações, utilizando a boa fé das pessoas consideradas ingênuas:

---

<sup>331</sup> KRACAUER, Sigmund. De Caligari a Hitler – Uma História Psicológica do Cinema Alemão. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1988, p. 9

<sup>332</sup> PEREIRA, Wagner Pinheiro. Guerra das Imagens – Cinema e política nos governos de Adolf Hitler e Franklin D. Roosevelt (1933-1945). Dissertação de Mestrado, USP, 2002, p. 11

<sup>333</sup> FRIEDRICH, Otto. A Cidade das Redes – Hollywood nos anos 40. Companhia das Letras, 1988, p. 60-61 e Jornal Pequeno 08/06/1942 - APEJE.

<sup>334</sup> Confissões de um espião nazista, Jornal do Commercio 31/05/1942 - APEJE

“Um navio sai ou entra no porto, um corpo de tropa ou um oficial é transferido desta para aquela localidade; é posto em serviço um novo tipo de canhão, de metralhadora, de avião; o efetivo das forças de terra, mar e ar, ou as reservas em homens e material das forças armadas são fixados – os olhos do espião nazista está atentos a tudo. Para obter informação ele se utiliza dos elementos ingênuos e da boa fé e emprega os recursos da traição. Não é somente, entretanto, o aspecto militar que lhe interessa, mas também outros, até a própria vida particular das figuras mais conhecidas e importantes. O espião está em toda parte. Na rua, nos ônibus, nos bondes, nos trens e nos navios...”<sup>335</sup>

Portanto, com esses filmes, a arte do cinema expunha com maestria esse mundo misterioso a um público que vislumbrava nas telas tudo aquilo que era retratado nos jornais à época sobre as atividades dos espiões e seus simpatizantes. Permitia assim perceber a representação da arte imitando a vida, sendo considerados filmes de máxima importância para despertar na população o repúdio aos inimigos e alertar os considerados ainda “desavisados”.



Fig. 10

Fonte: JC 24/05/1942 - APEJE



Fig. 11

Fonte: JC 01/06/1943 - APEJE

<sup>335</sup> Jornal do Commercio 24/05/1942 - APEJE



Fig. 12

Fonte: JC 01/06/1943 - APEJE



Fig. 13

Fonte: JC 09/05/1943 – APEJE

No entanto, é importante ressaltar que da mesma forma que existia a censura dos filmes nos Estados Unidos, conforme mencionamos, no Brasil também se fazia presente. Segundo Inimá Ferreira Simões, foi no ano de 1928, no governo de Washington Luís que surge a censura brasileira, sendo aperfeiçoada no ano de 1939 quando deixava mais claro o que deveria ser proibido nos filmes como: ofensa ao decoro público; cenas de violência ou que sugerissem a prática de crimes; divulgação ou indução aos maus costumes; ofender o regime, à ordem pública, às autoridades; conteúdos que prejudicassem as relações com outros povos; ofensas ao público e às religiões; imagens que ferissem os interesses nacionais; imagens que ferissem a dignidade das Forças Armadas.

Apesar desse corpo de regras que norteavam a censura, a autora chama a atenção para a ambigüidade do governo com relação a essa prática, pois os casos que mais provocaram polêmica foram os considerados pelo DIP e sua Divisão de Censura como defendendo os interesses da política de Getúlio Vargas. Dessa forma, nos anos 1930 foram proibidos filmes como *Sacco e Vanzetti* alegando conter “ofensas à justiça americana” e *O Caso Dreifuss* também por motivos semelhantes. No entanto, o filme alemão *Mocidade Heróica* que continha propaganda explícita do nacional-socialismo, foi exibido normalmente em 1935.

Segundo a autora, no período em que o Brasil ainda se encontrava neutro, a censura procurava não se indispor com nenhum lado, mas conforme já percebemos, o discurso da “neutralidade” não se fazia presente na prática. Documentários ou filmes americanos com propaganda antigermânica eram pouco exibidos, acontecendo casos constrangedores como o que ocorreu com o lançamento do filme *O Grande Ditador* de Charles Chaplin, totalmente vetado pela Censura Federal. Nesse filme Chaplin faz uma grande crítica ao nazismo ridicularizando a figura de Hitler. Para os censores, essa atitude com relação a esse filme se caracterizava como uma forma de se prevenir quanto a alguma relação que poderia surgir do público para com o governo brasileiro. Outro exemplo foi o filme *Por Quem os Sinos Dobram*. Baseado na novela de Hemingway, com Gary Cooper e Ingrid Bergman e tendo como tema a Guerra Civil Espanhola, esse filme teve suas legendas adaptadas no sentido de amenizar os diálogos e o combate ideológico que existiu naquele conflito.<sup>336</sup>

No início de 1942, com a decisão do governo Vargas em se aliar aos Estados Unidos, conforme mencionamos, os filmes cuja temática exploravam o combate às atividades nazistas passaram a ser uma constante nos cinemas pernambucanos. Os filmes que antes tiveram o veto do governo federal puderam ser apreciados pela população, já que o discurso e o momento político também mudaram. Dessa forma, em nossa pesquisa selecionamos alguns filmes que estavam em evidência dentro da temática da propaganda contra o nazi-fascismo, e que ajudaram a reforçar e uniformizar a imagem do inimigo alemão e desenvolver junto a sociedade à imagem do considerado maior de todos inimigos, aquele que

---

<sup>336</sup> SIMÕES, Inimá Ferreira. A Censura cinematográfica no Brasil. In CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org). *Minorias Silenciadas*. Edusp, São Paulo, p. 350-352

traía seu país apoiando as idéias e participando de ações ligadas ao nazi-fascismo: o quinta coluna.



Fig. 14

Fonte: JC 17/09/1942 - APEJE

Os filmes antinazistas procuravam explorar todos os aspectos que envolvessem o corpo social, desde o papel dos cidadãos, diante do nazi-fascismo, até a forma como as notícias da guerra chegavam à população. Nesse sentido, enredos que envolviam o arriscado trabalho de jornalistas nos campos de batalha para deixar a população ciente do que estava acontecendo no teatro bélico, dando as últimas notícias, será bastante explorado, a exemplo dos filmes *“Confirma ou Desminta”*, *“Correspondente Estrangeiro”* e *“Correspondente em Berlim”*. Neste último, o enredo estava relacionado à história de um correspondente naquela cidade que utilizava a astúcia para driblar a severa segurança da Gestapo e conseguir transmitir informações preciosas para as Américas utilizando código secreto.<sup>337</sup>

A imagem do inimigo perigoso e vingativo como se assim incorporasse poderes malignos é retratada no filme *“Espião Fascinadora”*, cuja figura estranha do inimigo vagueava pela cidade, à noite, e por onde passasse tudo

<sup>337</sup> Filme *Correspondente em Berlim*, Jornal do Commercio 18/07/1943.

voava pelos ares. Ninguém podia com ele, sendo a única mulher que conhecia seus segredos, obrigada a obedecê-lo.<sup>338</sup>

O tema relacionado à espionagem e o papel da Gestapo como peça fundamental nas práticas de atrocidades contra o corpo social estará em praticamente todos os filmes antinazistas, a exemplo do filme “...E as Luzes Brilharão Outra Vez”, no qual retratava Paris ocupada pela Gestapo, mostrando a fome e o terror que estavam submetidos o povo parisiense. No entanto, apesar de Paris encontrar-se dominada, o filme mostrava uma mensagem otimista, de resistência diante do avanço dos nazistas naquele país, servindo também de palco para grande romance sob a pressão tremenda e aniquiladora da Gestapo.<sup>339</sup> Já o filme “Fuga”, com Norma Shearer representava a autobiografia de uma escritora chamada Ethel Vance, nome verdadeiro, Grace Stone, que esteve na Alemanha hitlerista e conheceu de perto as atrocidades do nazismo, escrevendo esse romance, o qual foi bem aceito nos Estados Unidos, passando a ser explorado pela indústria cinematográfica.<sup>340</sup>

O filme “Tempestade d’alma” foi, porém, noticiado como o primeiro filme antinazista a ser exibido no cinema recifense. Causando muita impressão, o filme abordava o amor da filha de um cientista por um universitário e a perseguição desses por um antigo colega, que por obediência cega aos princípios nazistas, recebe a incumbência da Gestapo de empreender perseguição aos amantes, não levando em consideração a relação de amizade que tiveram anteriormente, assassinando-a.

---

<sup>338</sup> O filme Espião Fascinadora, Jornal do Commercio 30/05/1943 - APEJE

<sup>339</sup> Filme: ...E as luzes brilharão outra vez. Comentário do Jornal Pequeno de 13/07/42.

<sup>340</sup> Outro Libelo contra o nazismo: “Fuga”, filme com Norma Shearer, Jornal do Commercio 28/06/1942 - APEJE



Fig. 15

Fonte: JC 17/07/1943 – APEJE



Fig. 16

Fonte: JC 09/08/1942 – APEJE



Fig. 17

Fonte: JC 01/06/1943/APEJE



Fig. 18

Fonte: JC 28/08/1943/APEJE



Fig. 19

Fonte: JC 03/07/1943 APEJE



Explorando a questão de como o povo alemão reagia em seu país com o desenvolvimento do nazismo, temos o filme “Uma voz nas Trevas”, procurando mostrar que também o povo alemão vivia escravizado no seu próprio território, sendo infeliz da mesma forma como os povos que Hitler subjuguou na Europa. Passava assim, a mensagem de que o regime nazista não tinha a menor liberdade, sendo a mínima suspeita punida com a pena de morte ou as torturas que a Gestapo impunha àqueles alemães que não obedeciam ao fuhrer. No entanto, nada abafava a voz dos insatisfeitos, mesmo diante do terror e da insegurança que persistia na Alemanha.<sup>342</sup>

“Abandonados” também mostrava os métodos bárbaros empregados pelos nazistas, a miséria e a infelicidade por onde eles passavam. Esse filme, quando exibido no Recife, foi promovido pela Cia de Produtos Pilar, sendo direcionado, principalmente, para os estudantes de várias escolas estaduais e particulares, reservando-se varias seções para esse público.<sup>343</sup>

O filme “Os filhos de Hitler” se baseava no livro do professor Gregor Ziemer “Educando para a Morte”, cujos fatos teriam sido presenciados pelo autor na Alemanha hitlerista contando assim, como os meninos se transformavam em espíões e em soldados fanáticos, cujo ideal era morrer pelo fuhrer, dentro da filosofia nazista, a qual já comentamos anteriormente, e como as mulheres viviam naquele país, diante da missão que o nazismo lhe incumbia, ou seja, somente reproduzir. A educação enfim, que era dispensada aos seus filhos, era uma educação que os consideravam como uma raça superior, alimentando o ódio e levando-os à morte.<sup>344</sup>

---

<sup>342</sup> “Uma voz nas Trevas” o mais sensacional filme anti-nazista, Jornal do Commercio 19/07/1942 - APEJE

<sup>343</sup> Abandonados, Folha da Manhã 15/08/1943 - APEJE

<sup>344</sup> Filme: Os filhos de Hitler”, Jornal do Comercio 30/05/1943 – APEJE.

Já o filme “Casei-me com um nazista” conta a história de uma jovem norte-americana que ao se casar com um alemão vai sentir as conseqüências do nazismo, pois em viagem de passeio à Alemanha, com o início da guerra, vai presenciar a transformação que se opera em seu marido que passa a ser um fervoroso defensor do fuhrer e do nazismo, desprezando-a e resolvendo não mais voltar à América.<sup>345</sup>

Incluindo também na temática do melodrama, temos o filme: “Quatro Filhos”, no qual conta a história dos estragos da barbárie nazista no espírito do povo tcheco, acontecendo a desestruturação numa família quando se defende tais idéias, transformando-os inimigos.<sup>346</sup>

Os desenhos de Walt Disney também passam a explorar essa temática. “Vida de nazista” foi o primeiro desenho que incorporou a propaganda contra o nazismo. Nesse filme Donald tem um pesadelo sonhando que é um súdito nazista, trabalhando numa fabrica de bombas.



Fig. 23

Fonte: JC 21/11/1942 – APEJE



Fig. 24

Fonte: JC 26/07/1942 – APEJE

<sup>345</sup> Filme: Casei-me com um nazista, Jornal do Commercio 20/06/1943 - APEJE

<sup>346</sup> Filme: Os 4 filhos, Jornal do Commercio 21/11/1942 - APEJE



Fig. 25

Fonte: JC 04/06/1943 – APEJE



Fig. 26

Fonte: JC 20/06/1943 - APEJE

Parafrazeando o filme “Tempos Modernos” de Chaplin, o pato trabalhava de forma mecânica parafusando as cápsulas das bombas, tendo à frente um retrato de Hitler. Como Carlito, o pato Donald fica com os movimentos tão mecânicos que não consegue parar, sendo seus gestos muito mais nervosos, levando-o a uma verdadeira histeria.<sup>347</sup>

Ao passar os momentos de glória e sucessos conquistados pela Alemanha no início do conflito da Segunda Guerra, as dificuldades encontradas com o acirramento bélico passarão a ser visíveis e o cinema não deixa escapar esses acontecimentos. Antecipando o que viria acontecer com Hitler, uma vez que sofre tentativa de assassinato em 20 de julho de 1944, o cinema lança o filme: “O Homem que quis matar Hitler”, cujo enredo, diferente do que aconteceu na vida real, se baseava na história de um inglês, campeão de tiro ao alvo que teve a possibilidade de tirar a vida daquele ditador. Em 1944, porém, estando visível o

<sup>347</sup> Telas e Palcos: Vida de Nazista, Jornal do Commercio 07/10/1943 – APEJE.

fim de Hitler, o cinema vai antecipar sua morte com o filme “A Estranha Morte de Hitler”.<sup>348</sup>



Fig. 27

Fonte: JC 30/03/1943 – APEJE

Apesar de outros gêneros também estarem sendo exibidos, os filmes antinazistas passaram a ser uma constante nos cinemas recifenses quando o Brasil vai optar pelos Aliados, reforçando a propaganda contra os países do Eixo e principalmente contra o nazismo. Percebemos, no entanto, que esse combate não se limitava tão somente ao cinema. O teatro também passa a explorar a temática “quinta coluna”. Em Recife, a peça “A quinta coluna” será encenada em fevereiro de 1943, procurando passar a mensagem de que a trama da quinta coluna só se tornava possível por conta da fraqueza e indiferença dos despreocupados e desinteressados pelos aspectos e interesses da pátria, sendo assim, considerada como uma advertência para aqueles que se sentiam indiferentes naquele momento de grandes preocupações nacionais.<sup>349</sup>

<sup>348</sup> Filme: A Estranha morte de Hitler, Jornal Pequeno 27/02/1944 - APEJE

<sup>349</sup> Peça teatral: a quinta coluna – Jornal do Commercio 17/02/1943 – APEJE.

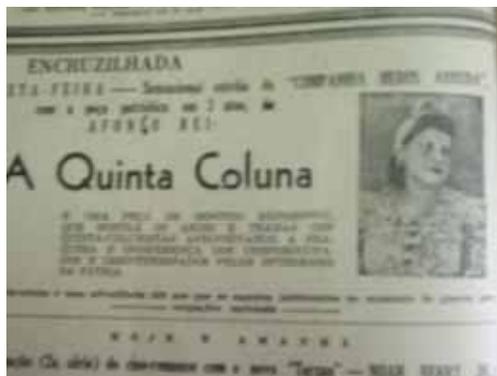


Fig. 28

Fonte: JC 17/02/1943 – APEJE.

Portanto, o cinema, o teatro, a publicidade e o jornal, foram recursos utilizados para transmitir à população pernambucana um discurso que se pautava na defesa de um alinhamento à política desenvolvida no Estado Novo e a criação da imagem do traidor do país, sendo denominado de quinta coluna e representado por todo aquele que não aceitasse as diretrizes do governo. Fugir às regras deixava margem à culpabilidade, podendo levar o cidadão a se enquadrar como um potencial inimigo da nação e como tal merecedor de todo castigo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O clima de euforia que marcou os anos iniciais da política de Adolf Hitler foi sentido não só por alemães que manifestavam seu entusiasmo com o progresso que seu país vinha alcançando, mas também por muitos brasileiros admiradores das idéias nazistas. Nossa pesquisa pretendeu mostrar que em Pernambuco essas idéias nazistas tiveram uma significativa propagação através dos meios de comunicação, no período anterior ao início da Segunda Guerra Mundial e mesmo na época em que o Brasil optou pela neutralidade. Conforme demonstramos, o jornal teve um papel fundamental na divulgação dessas idéias por meio de jornalistas que passaram a explorar um discurso defendendo a visão de mundo de Hitler na qual compreendia: a história como uma luta racial, o anti-semitismo radical, a certeza que a Alemanha só teria futuro com o seu espaço vital e a luta de vida ou morte contra o comunismo. O aflorar do anti-semitismo estava visível, principalmente nas polêmicas em torno do registro de estrangeiros determinado pelo governo Vargas dentro do programa de medidas nacionalistas quando alguns jornalistas procuram associar os judeus, além de parasita e explorador, também como criminosos cuja especialidade era o roubo e a fuga à lei e clamavam por sanções que banissem do convívio social esses “indesejáveis”.

A imagem da Alemanha como um país “modelo”, a importância e seriedade de seu líder – Hitler -, a união do povo alemão em torno da figura do chefe e de sua filosofia que pregava acima de tudo o sacrifício e a obediência pelo bem de todos e crescimento da nação são temas explorados e defendidos por alguns jornalistas que não escondiam suas opções políticas incentivadas pelas satisfações diante do avanço da Alemanha e crescimento no cenário europeu.

Muitos artigos veiculados nos jornais procuravam passar a imagem de uma Alemanha que renascia das cinzas, que tinha um povo forte, guerreiro e digno de muita admiração. Procurava-se criar no imaginário da população que aquele país estava simplesmente reparando um erro imposto pelo Tratado de Versalhes. Dessa forma, os discursos de Hitler são aplaudidos, suas reivindicações eram passíveis de entendimento e as palavras: paz, tolerância e respeito mútuo passam a serem propagadas junto com manifestações de admiração e enaltecimento aos alemães.

Na Alemanha, apesar da experiência fracassada com a República de Weimar, foi um período muito enriquecedor para as artes, tanto na música, na dança, no teatro ou na arquitetura. A vida e a arte andavam juntas. Quando Hitler assume em 1933 vai considerar aquela produção como “arte degenerada” e ao colocar em prática sua “verdadeira arte” será visto no futuro como o “arquiteto de cemitérios”. No entanto, os brasileiros deslumbrados com sua política estarão igualmente fascinados com as suas produções e também enxergarão arte e vida onde existia somente morte.

O Estado Novo possibilitou o desenvolvimento das idéias nazistas com uma neutralidade que para muitos, foi considerada “aparente” e uma política ambígua caracterizado pelo jogo duplo de Vargas para com os Estados Unidos e a Alemanha, bem como uma organização centrada num modelo antiliberal e autoritário, tendo em sua defesa muitos intelectuais e jornalistas que encontraram paralelo no Estado Novo e na figura de Getúlio Vargas, que inclusive tinha uma visão do intelectual como um homem não só de palavras, mas também de ação na defesa da ideologia do regime e no combate aos modelos considerados “alienígenas” como o comunismo e o liberalismo.

A publicidade foi um forte componente apelativo às idéias nazistas. Utilizando imagens e símbolos como representação e sedução tentava-se transmitir a idéia de beleza, saúde e felicidade para os seguidores da política nazi-fascista. Alguns produtos passam a associar sua imagem à representação dessas idéias, a exemplo do depurador sanguíneo de nome *Galenogal* que vai utilizar em sua propaganda a imagem do chefe fascista e da águia representativa do nazismo, procurando passar além da pureza racial, o apoio e o desejo de segui-lo no seu slogan: “*Se avanço, sigam-me! Se recuo, matem-me! Se tombo, vinguem-me! Se o sangue tornar-se impuro, tome Galenogal*”. A imagem de um casamento perfeito e filhos sadios também são incorporados à mensagem de pureza racial, sendo o mais criativo a publicidade em torno da marca de cigarros Nacionais da Fábrica Lafayette que para fazer propaganda do nazismo constrói com quatro carteiras desse cigarro a imagem da suástica ou a cruz de ferro. Para o governo essas manifestações não eram tidas como grande problema, sendo sua orientação para que deixassem acontecer livremente, desde que não atentassem contra as instituições brasileiras. Dessa forma, a utilização da propaganda em torno do ideário nazi-fascista foi possível utilizando-se para isso toda criatividade na arte do convencimento.

O cinema também teve um destaque especial, pois a Alemanha já vinha explorando esse potencial meio de divulgação às idéias nazistas. No Recife, o filme “Guerra Relâmpago” na qual fazia propaganda do poder ofensivo da Alemanha foi exibido no cinema Moderno em maio de 1941 causando grande impressão. O Clube Alemão também era um local onde muitas projeções aconteciam, mas abrangendo os alemães que aqui viviam, principalmente a comunidade alemã que residia em Paulista, não deixando também de comparecer

outras pessoas, convidados importantes da sociedade e admiradores da política nazista, portanto dignas de freqüentar aquele grupo tão seletivo.

Quando o Brasil vai se aliar aos Estados Unidos a partir de janeiro de 1942 há um novo direcionamento na forma como conduzem essas questões, quando passam agora a atacar as idéias nazistas e enaltecer o pan-americanismo ao mesmo tempo em que perseguiram os simpatizantes chamados nesse momento de quinta coluna, associando-os a traidores da pátria. Da mesma forma que os meios de comunicação foram utilizados para fazer propaganda das idéias nazistas no período em que o Brasil encontrava-se neutro no conflito da Segunda Guerra Mundial, também passam a ter um destaque especial nesse segundo momento caracterizando como um combate a essas idéias e utilizando-as como uma contra-propaganda.

No jornal, o destaque é para o jornalista Mário Melo, defensor de Getúlio Vargas e do pan-americanismo. Esse jornalista vai desenvolver uma grande perseguição aos simpatizantes das idéias nazistas divulgando uma identidade quinta colunista corroborando para o constante estado de suspeição que caracterizava a sociedade. Além da criação do perfil quinta coluna, utilizava-se também das próprias cartas de seus leitores para acusá-los de mau brasileiro ao mesmo tempo em que utilizava apologias religiosas na tentativa de explicar a necessidade de redimir-se desse “grande pecado” que era simpatizar com essas idéias e encontrar na numerologia – 666 – o lugar da Besta Fera que era o chefe do nazismo, Hitler.

Com relação às atividades ligadas ao nazismo, a exemplo da espionagem, começaram a ser divulgadas nos jornais com acusações de envolvimento de pernambucanos e suspeitas e investigações de participação de

famílias ilustres como coniventes nessas atividades, deixando também transparecer o combate nas relações de poder entre o público e o privado e mesmo dentro do próprio poder público, quando os próprios investigadores passam a serem investigados e acusados, denotando o conflito que vivenciava a sociedade naquele momento.

Para aqueles que foram acusados de participarem diretamente das atividades ligadas à espionagem alemã, suas defesas baseavam-se na tese da neutralidade do país, não se considerando traidores. Quando dos julgamentos, alguns foram absolvidos outros condenados, deixando entrever o quadro complexo que envolvia o papel do Tribunal Superior Nacional no julgamento dos processos.

No entanto, no clima de desconfianças que reinava a sociedade até a Igreja Católica passa a ser alvo de acusação de estar ligada com atividade nazista, notadamente os frades franciscanos vindos da Alemanha, mas tendo por parte do governo a compreensão de não envolver os grupos religiosos na tentativa de proteger o segmento clerical representante de algo tão caro aos brasileiros em um país de maioria católica.

No momento em que se divulgava o trabalho de espionagem nazista, o discurso imagético passa também a ser bastante explorado. No cinema temas ligados à imagem do inimigo alemão, principalmente relacionados à espionagem serão uma constante, contribuindo para que a população vislumbrasse nas telas a representação da arte imitando a vida e servindo também como um alerta para os que ainda se consideravam desavisados.

Enfim, pudemos perceber com nossa pesquisa que as idéias nazifascistas puderam ser propagadas em um primeiro momento, quando o Brasil

havia se declarado neutro no conflito da Segunda Guerra Mundial e mesmo antes do seu começo, sendo uma fase positiva para aqueles que simpatizavam com essas idéias, mas num segundo momento, quando se alia aos Estados Unidos, passam a serem perseguidos, estando os meios de comunicação sendo agora utilizados nesse sentido, corroborando para o constante estado de suspeição que existia no corpo social. O quinta coluna, sinônimo de traidor, torna-se uma arma para inibir a parcela da população que não estivessem em sintonia com as diretrizes do regime Vargas.

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

### **1. FONTES PRIMÁRIAS IMPRESSAS E MANUSCRITAS (citadas)**

#### **ARQUIVO DO DOPS – APEJE (Prontuários Funcionais)**

- Sejam os Coerentes – Jornal o Monitor (Garanhuns) 06/1940. Prontuário Funcional Alemanha 29653.

- Ofício 331 de 08/07/1940 da DOPS para o Capitão Batista. Prontuário Funcional n. 29653/ Alemanha.

- Rádio 87 de 19/07/1940 da DOPS para o Capitão Batista. Prontuário n. 29653/ Alemanha.

- Ofício s/n da 6ª Delegacia Regional de Caruaru para o Secretário de Segurança Pública do Recife – 14/06/1940. Prontuário Funcional n. 29653/Alemanha.

- Ofício 254 da Delegacia de Polícia de Gravatá para o Secretário de Segurança Pública do Recife – 12/06/1940. Prontuário Funcional n. 29653/Alemanha.

- Inquérito da DOPS sobre propaganda nazista com carteira de cigarros – 12/11/1941. Prontuário Funcional n. 29653/Alemanha.

- Radiograma do Capitão Batista Teixeira, Delegado da DOPS DF para Dr. Fábio Correia da DOPS Recife – 20/07/1940. Prontuário Funcional n. 29653/Alemanha.

- Clube Alemão – Prontuário Funcional n. 29094.

- Parte policial comunicando atividades no clube alemão – 05/01/1941. Prontuário Funcional n. 29094/Clube Alemão.

- Frederico Lundgren, uma grande vida (artigo do Jornal do Commercio de 21/04/1946). Prontuário Funcional n. 29226/Fabrica Paulista.

- Relatório do Investigador Pinheiro 01/1942. Prontuário Funcional n. 29240/Fabrica Paulista (Sindicâncias).
  
- Documento avulso s/data e investigador. Prontuário Funcional n. 29405 108 A - Fábrica Paulista 1941 a 1952.
  
- D. Ana Louise Lundgren Groschke (Artigo do Jornal do Commercio de 31/05/1949 e 04/06/1949). Prontuário Funcional n. 29226 Recortes de jornais – Fábrica Paulista.
  
- Relação das pessoas que recebiam propaganda nazista. Prontuário Funcional Embaixada alemã n 27707 e 29653 Alemanha.
  
- Ofício 236 da DOPS de 18/03/1943. Prontuário Funcional embaixada alemã n. 27707.
  
- Ofício 145 de Fábio Correia para o Secretário de Segurança Pública 02/03/1942. Prontuário Funcional n. 29653/Alemanha.
  
- Relatório sobre sindicância em Paulista 22/03/1942. Prontuário Funcional n. 29240 108 A (Sindicâncias).
  
- Depredadas e assaltadas as fábricas de Rio Tinto (artigo do Diário de Pernambuco de 21/08/1945). Prontuário Funcional n. 29251 Fábrica Paulista (Rio Tinto).
  
- Rebatendo Calúnias (artigo da Folha da Manhã de 04/09/1945), Prontuário Funcional n. 29251 Fábrica Paulista (Rio Tinto).
  
- Revoltam-se os operários da Fábrica de Rio Tinto (artigo do Jornal do Commercio de 21/08/1945). Prontuário Funcional n. 29251 Fábrica Paulista (Rio Tinto).
  
- Carta de “um brasileiro” para Agamenon Magalhães 25/02/1939. Prontuário Funcional n. 29240 Fábrica Paulista (sindicâncias).
  
- Pelo Tribunal de Segurança Nacional -nota de arquivamento do processo contra Lundgren e Cia – (Jornal do Commercio 29/12/1943). Prontuário Funcional n. 30311 Alemanha.

- Espião perigoso há três meses, hoje desfrutando de ampla liberdade! (artigo do jornal "O Radical" do Rio de Janeiro). Prontuário Funcional n. 30311 Alemanha.

- Inquérito policial sobre as atividades do engenheiro Lacerda de Almeida 16/11/1942. Prontuário Funcional n. 29653 Alemanha.

- Notas avulsas – LD (Jornal do Commercio 01/07/1942). Prontuário Funcional n. 30311 Alemanha.

- Piedade para o traidor da pátria (artigo da Folha da Manhã – João Duarte Filho 01/07/1942). Prontuário Funcional n. 30311 Alemanha.

- Julgamento de hábeas corpus n. 556 (Jornal do Brasil 22/05/1943). Prontuário Funcional n. 30311 Alemanha.

- Julgados os espões (artigo do Diário de Pernambuco 07/10/1943). Prontuário Funcional n. 30311 Alemanha.

- Inquérito policial sobre as atividades de Karl Heinz 16/11/1942. Prontuário Funcional n. 29653 Alemanha.

- Pelo Tribunal de Segurança nacional (condenação de Antonio Barreto – Jornal do Commercio 30/10/1943). Prontuário Funcional n. 30311 Alemanha.

- Resultado do julgamento de Rui Coutinho. (Jornal do Commercio 08/07/1943). Prontuário Funcional n. 30311 Alemanha.

- Telegrama de Lourival Fontes para Agamenon Magalhães, 17/06/1942. Prontuário Funcional n. 29653 Alemanha.

### **CPDOC/FGV/RIO DE JANEIRO**

- Telegrama de Vasco Leitão da Cunha para Agamenon Magalhães 24/01/1942. Pasta ADM Fundação Getúlio Vargas CPDOC.

- Telegramas entre Vasco Leitão da Cunha e Agamenon Magalhães. FGV AGM 42.06.13/1, 42.06.13/2 e 42.06.13/3

- Carta de Agamenon Magalhães para Góis Monteiro de 18/06/1942. FGV, AGM 42.06.18/1

## **2. SETOR DE PERIÓDICOS – APEJE Recife/PE**

### **Folha da Manhã**

- Pacifismo e Quinta Coluna – 11/05/1940 - José Campello
- Para sanear o paiz – 07/05/1938
- Abaixo a guerra! – 23/09/1938 – Heitor Muniz
- Hitler e o Continente americano – 12/03/1939 – Heitor Muniz
- 1º de maio assignala uma data festiva para uma das maiores firmas commerciaes do paiz – 01/05/1938
- Repercussão do ato de um traidor – 01/07/1942
- Brasil Neutro – 29/05/1940 - João Duarte Filho
- Abandonados – 15/08/1943

### **Jornal do Commercio**

- Notas Avulsas – 01/10/1937 – LD
- Sobre a política Ítalo-Germânica – 26/09/1937
- A Allemanha vista por um turista – Constance Drexel – 26/08/1939
- Notas Avulsas – 14/10/1937 – LD
- A devolução de suas colônias é talvez a única solução para o caso concreto da Allemanha – 06/10/1937
- O estrangeiro e a defesa nacional – 02/09/1937
- Fala um órgão nazista sobre o critério da nossa imprensa – 06/11/1938

- Ameaça Imperialista – 08/10/1937 - Armando F. Peixoto
- Por uma política de mútua cooperação – 19/08/1938
- As conseqüências do Acordo de Munich – 02/11/1938
- A repercussão do discurso de Hitler – 02/02/1939
- Os Estados totalitários se inspiram no pacto anti-communista – Battista Pellegrini (escritor italiano) - 07/08/1938
- O Nacional-Socialismo visto por um antigo nazi – 28/05/1939
- A guerra – realidade triste e dramática que está na visão de toda a gente – 05/09/1939
- A Palavra de Ordem do Brasil – 24/09/1939
- Pânico inteiramente injustificável – 26/10/1939
- À venda o livro “O Exército alemão” – 15/04/1942
- Radiocultura: O Museu folclórico de Berlim – 08/07/1938.
- Lista negra – 04/06/1942
- Notas Avulsas – 07/05/1941 – LD
- Avisos de empresas sobre sua nacionalidade 23/08/1942 e 26/08/1942.
- O Boato e seus nocivos efeitos – 13/09/1942
- Seção religiosa – Igreja Católica: O Caso dos Conventos dos Religiosos Franciscanos – 17/05/1942
- Diligência da Delegacia de Ordem e Policia Social para esclarecer denúncia sobre supostas atividades de religiosos estrangeiros neste Estado 16/06/1942.
- Cobertura da morte de Stefan Weig – Edições: 04/03/1942, 05/03/1942, 12/04/1942.
- Mau elemento – 20/03/1942 – Osório Borba.
- Cláudio de Souza: Defende-se da suspeita de ter traído o adeus de Stefan Weig – 17/03/1942
- Confissões de Um Espião Nazista – 08/06/1942, 31/05/1942 e 24/05/1942
- Correspondente em Berlim – 18/07/1943

- Espiã Fascinadora – 30/05/1943
- E as luzes brilharão outra vez – 13/07/1942
- Fuga – 28/06/1942
- Uma voz nas trevas – 19/07/1942
- Os filhos de Hitler - 30/05/1943
- Casei-me com um nazista – 20/06/1943
- Quatro filhos – 21/11/1942
- Vida de nazista – 07/10/1943
- O Homem que quis matar Hitler – 29/02/1944
- A Repulsa de todas as classes à traiçoeira agressão eixista - 20/08/1942
- Crônica da Cidade: Sejam os Brasileiros – Mário Melo – 18/03/1942
- O dever da população civil – 11/09/1942
- Direito de servir – Afonso A.M.Franco – 09/09/1942

### **Jornal Pequeno**

- Aniversário da morte de Hindenburg – 01/08/1936
- A Nova Alemanha em face da Inquietação Contemporânea – Entrevista com Dr. Carl Bender – 12/09/1936
- Carlos Von den Stein – 17/07/1936
- Carlos Von den Stein – 16/11/1936
- Benito Mussolini - Faz anos hoje o chefe do governo italiano – 30/07/1936
- As homenagens à guarnição do “Schleswig Holstein” – 03/12/1936
- Parada cívica e da produção - 08/09/1942
- Aviadores militares em visita a Alemanha – 10/01/1939
- A aviação no romance de um repórter pernambucano – 08/01/1942.

- Ontem, Hoje e Amanhã – Mário Melo (Artigos: 10/01/1942, 24/08/1942, 09/01/1942, 24/02/1942, 26/02/1942, 27/02/1942, 28/02/1942, 02/03/1942, 04/03/1942, 05/03/1942, 22/09/1942, 11/09/1942, 03/10/1942, 28/02/1944, 12/01/1942, 19/05/1942, 15/09/1942, 08/09/1942, 23/09/1942, 15/05/1943, 09/05/1942, 13/02/1943, 02/07/1939);
- A homenagem de Paulista às vítimas do nazi-fascismo – 24/09/1942
- Nota – 01/09/1942
- Nota - 10/09/1942
- A situação mundial e os universitários pernambucanos – 01/08/1942

### **Diário de Pernambuco**

- O espião julgado por Agamenon Magalhães – 12/05/1945.
- A arma secreta de Hitler era a 5ª coluna – 28/03/1942 – Coronel Palmer.
- No exercício de suas funções os padres não podem servir aos interesses do Eixo D.João Becker – 02/04/1942.
- Material de Propaganda nazista em poder de frades alemães na Paraíba 27/03/1942

### **3. SITES PESQUISADOS:**

- [www.ambev.com.br/empresa/historia de 1885 a 1930](http://www.ambev.com.br/empresa/historia_de_1885_a_1930). Acesso no dia 24/08/2004.
- [www.facepe](http://www.facepe.br). Toque de Mestre – praças recifenses são projetadas por Burtle Marx. Acesso dia 02/03/2004.
- Site oficial de MARTINS, Franklin. Conexão Política, Som na caixa: <http://redeglobo.globo.com/franklinmartins/somnacaixa> . Acesso dia 13/10/2004.

#### **4. REVISTAS**

- Nossa História Ano I no 11 setembro/2004, com o artigo: O medo veio do mar de Augusto César Machado Coutinho.

#### **5. LIVROS, ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES**

ARENDR, Hannah. Origens do Totalitarismo – Anti-semitismo, Imperialismo, Totalitarismo. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.

BARTHES, Roland. O Grau Zero da Escrita. Martins Fontes, São Paulo, 2000.

BASBAUM, Leôncio. Historia Sincera da República – de 1930 a 1960. Editora Alfa-Ômega, 6ª edição, São Paulo, 1991.

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política. Editora Brasiliense, São Paulo, 1996.

BONA, Dominique. Stefan Zweig – Uma Biografia. Editora Record, Rio de Janeiro/São Paulo, 1999.

BRETON, Philippe. A Manipulação da Palavra. Edições Loyola, São Paulo, 1999.

BURON, Thierry & GAUCHON, Pascal. Os Fascismos. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1980.

CAMPOS, Reynaldo Pompeu de. Repressão Judicial no Estado Novo – Esquerda e Direita no Banco dos Réus. Achiamé, Rio de Janeiro, 1981.

CANCELLI, Elizabeth. O Mundo da Violência – A Polícia da Era Vargas. Edunb, Brasília, 1993.

CAPELATO, Maria Helena. Propaganda Política e Controle dos Meios de Comunicação in PANDOLFI, Dulce (org.). Repensando o Estado Novo. FGV, 1999.

- \_\_\_\_\_ A Propaganda Política e a Construção dos Imaginários in FREITAS, Marcos Cezar (Org). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. Contexto, São Paulo, 2001.
- \_\_\_\_\_ O Estado Novo: O que trouxe de novo? In FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucília de A. Neves (Orgs). *O Brasil Republicano 2 – O Tempo do Nacional-estatismo*. Civ. Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-Semitismo na Era Vargas. – Fantasmas de Uma Geração (1930-1945)*. Editora Perspectiva, São Paulo, 2001.
- \_\_\_\_\_ (Org.) *Minorias Silenciadas: História da Censura no Brasil*. Edusp, São Paulo, 2002.
- \_\_\_\_\_ Sob a Máscara do Nacionalismo: Autoritarismo e anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945). Texto publicado no E.I.A.L. - Estudos Interdisciplinares de América Latina y el Caribe. Vol. 1 no 1, Enero-junio 1990. Nacionalismo em América Latina. <http://www.tau.ac.il/eial/1/1/#note3>. Acesso em 21/01/2004.
- \_\_\_\_\_ O Estado Novo, o Dops e a Ideologia da Segurança Nacional in PANDOLFI, Dulce (org). *Repensando o Estado Novo*. FGV, 1999
- CARONE, Edgar. *A Terceira República (1937-1945)*. Difel, 1982.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo – Ideologia e Organização de um Partido de Massa no Brasil (1932-1937)*. Edusc, São Paulo, 1999.
- CHARTIER, Roger. *A Historia Cultural - Entre Práticas e Representações*. Difel, 1988.
- COHEN, Ester. *O Governo Federal e o Partido Nazista no Brasil*. Dissertação de Mestrado, UFF, Rio de Janeiro, 1988.
- CORDEIRO, Philonila Maria Nogueira. *O Nazismo em Pernambuco*. Monografia de Especialização, FAITVISA, Vitória de Santo Antão, 2001.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra Sem Guerra – A Mobilização e o Cotidiano em São Paulo Durante a Segunda Guerra Mundial*. Geração Editorial/Edusp, São Paulo, 2000.

- DEHILOTTE, Pierre. Gestapo in SILVA, Hélio. 1939: Véspera de Guerra. Civilização Brasileira, 1974.
- DIEHL, Paula. Propaganda e Persuasão na Alemanha Nazista. Annablume, São Paulo, 1996.
- DINES, Alberto. Morte no Paraíso - A Tragédia de Stefan Zweig. Rocco, 3ª edição ampliada, Rio de Janeiro, 2004.
- DOMENACH, Jean-Marie. A Propaganda Política. Edição Ridendo Castigat Moraes, Fonte Digital [www.jahr.org](http://www.jahr.org), .Versão para eBook: eBooksBrasil.com, 2001.
- DRIJARD, André. Alemanha – Panorama Histórico e Cultural. Dom Quixote, Lisboa, 1971.
- ECKARDT, Wolf Von & GILMAN, Sander L. A Berlim de Bertolt Brecht – Um Álbum dos Anos 20. Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1996.
- EKSTEINS, Modris. A Sagração da Primavera. Rocco, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1991.
- ELIAS, Norbert. Os Alemães – A Luta Pelo Poder e a Evolução do Habitus nos Séculos XIX e XX. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1997.
- FALCÃO, João. O Brasil e a 2ª Guerra – Testemunho e Depoimento de Um Soldado Convocado. Editora Unb, Brasília, 1999.
- FELICE, Renzo de. Explicar o Fascismo. Edições 70, São Paulo, 1976.
- FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs). O Brasil Republicano: O Tempo do Nacional-estatismo – do Início da Década de 1930 ao Apogeu do Estado Novo. Livro 2, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.
- FERRO, Marc. Cinema e História. Paz e Terra, São Paulo, 1992.

- FILHO, Andrade Lima. China Gordo – Agamenon Magalhães e sua Época. Editora Universitária, 2ª edição, Recife, 1976.
- FONSECA, Homero. Perfil Parlamentar do século XX – Mário Melo. Assembléia Legislativa do Estado, Recife, 2001.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir – História da Violência nas Prisões. Editora Vozes, 26ª edição, Rio de Janeiro, 2002.
- FREITAS, Cezar de (Org.). Historiografia Brasileira em Perspectiva. USF/Contexto. São Paulo, 2001.
- FRIEDRICH, Otto. A Cidade das Redes – Hollywood nos Anos 40. Companhia das Letras, São Paulo, 1988.
- \_\_\_\_\_ Antes do Dilúvio – Um Retrato da Berlim nos anos 20. Editora Record, Rio de Janeiro/São Paulo, 1997.
- GAMBINI, Roberto. O Duplo Jogo de Getulio Vargas. Símbolo, São Paulo, 1977.
- GAY, Peter. A Cultura de Weimar. Paz e terra, Rio de Janeiro, 1978.
- GOULART, Silvana. Sob a Verdade Oficial – Ideologia, Propaganda e Censura no Estado Novo. Marco Zero/CNPQ, São Paulo, 1990.
- HEMINGWAY, Ernest. A Quinta Coluna. Civilização Brasileira, São Paulo, 1986.
- HENIG, Ruth. O Tratado de Versalhes. Editora Ática, São Paulo, 1991.
- HILTON, Stanley E. Suástica Sobre o Brasil – A História da Espionagem Alemã no Brasil (1939-1944). Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977.
- HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos – O Breve Século XX (1914-1991). Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

- JUNIOR, João Ribeiro. O que é Nazismo. Editora Brasiliense, 2ª edição, São Paulo, 1987.
- KERSHAW, Ian. Hitler – Um Perfil do Poder. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.
- KERR, Alfred. Die Welt in Deama. Colonia: Kiepenheuer & Witsch, 1964, in ECKARDT, Wolf Von & GILMAN, Sander L. A Berlim de Bertolt Brecht – Um Álbum dos Anos 20. Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1996.
- KORTNER, Fritz. Aller Täge Abend (1959) in GAY, Peter. A Cultura de Weimar. Paz e terra, Rio de Janeiro, 1978.
- KRACAUER, Sigfried. De Caligari a Hitler – Uma História Psicológica do Cinema Alemão. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1988.
- LENHARO, Alcir. Sacralização da Política. Editora Unicamp/Papirus, 2ª edição, São Paulo, 1989.
- \_\_\_\_\_. Nazismo “O Triunfo da Vontade”. Editora Ática, 5ª edição, São Paulo, 1995.
- LESSER, Jeffrey. O Brasil e a Questão Judaica – Imigração, diplomacia preconceito. Imago, Rio de Janeiro, 1995.
- LEVINE, Robert M. Pai dos Pobres? O Brasil e a Era Vargas. Companhia das Letras, São Paulo, 2001.
- LINS, Etelvino. Um depoimento político. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1977.
- LUKACS, John. O Hitler da História. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.
- MAGALHAES, Agamenon. Idéias e Lutas. Editora Raiz/Fundarpe, Recife, 1985.
- MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. Pangermanismo e nazismo – A trajetória alemã rumo ao Brasil. Fapesp, Ed. Unicamp, São Paulo, 1998.

MAIO, Marcos Chor & CYTRYNOWICZ, Roney. A Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938) in FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de A. Neves (Orgs). O Brasil Republicano 2 – O Tempo do Nacional-estatismo. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos Meios às Mediações – Comunicação, Cultura e Hegemonia. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

OLIVEIRA, J. Gonçalves de. Aníbal Fernandes – Jornalismo e Ação Civilizadora. Associação da Imprensa de Pernambuco, Recife, 1977.

OLIVEIRA, Lucia Lippi (Org.). Elite Intelectual e debate político nos anos 30. FGV, Rio de Janeiro, 1980.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Pernambuco de Agamenon Magalhães. Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, Recife, 1984.

\_\_\_\_\_ (Org.) Repensando o Estado Novo. FGV, Rio de Janeiro, 1999.

PARAÍSO, Rostand. Cadê Mário Melo...Editora Comunigraf, Recife, 1997.

PERAZZO, Priscila Ferreira. O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo. Arquivo do Estado, São Paulo, 1999.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. Guerra das Imagens – Cinema e Política nos governos de Adolf Hitler e Franklin D.Roosevelt (1933-1945). Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 2002.

REICH, Wilhelm. Psicologia de Massas do Fascismo. Martins Fontes, São Paulo, 1988.

REMARQUE, Erich Maria. Nada de Novo no Front. Victor Civita, São Paulo, 1981.

RICHARD, Lionel. A República de Weimar (1919-1933). Companhia das Letras, São Paulo, 1983.

- \_\_\_\_\_. Berlim, 1919-1933: A Encarnação Extrema da Modernidade. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.
- RIVAS, Leda. O Diário de Pernambuco e a Segunda Guerra Mundial. Dissertação de Mestrado. UFPE, Recife, 1988.
- ROSE, Ralf. A Sexualidade: provocações de um pioneiro. In RICHARD, Lionel (Org). Berlim, 1919-1933 – A encarnação extrema da modernidade. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.
- SCHEBERA, Jürgen. Explosão artística e contestação in RICHARD, Lionel (org). Berlim, 1919-1933 – A encarnação extrema da modernidade. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.
- SILVA, Giselda Brito. A Lógica da Suspeição Contra a Força do Sigma: Discursos e Polícia na Repressão aos Integralistas em Pernambuco. Tese de Doutorado, UFPE, Recife, 2002.
- SILVA, Hélio. 1939: Véspera da Guerra. Civilização Brasileira, São Paulo, 1974.
- SIMOES, Inimá Ferreira. A Censura cinematográfica no Brasil in CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org). Minorias Silenciadas. Edusp, São Paulo, 2002.
- SONTAG, Susan. Sob o Signo de Saturno. L&M, Rio de Janeiro, 1986.
- TAVARES, Cláudio. Mário Melo – Jornalista e Historiador Democrata. Associação da Imprensa de Pernambuco, Recife, 1978.
- THALMANN, Rita. A República de Weimar. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1988.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. Os Intelectuais e a Política Cultural do Estado Novo in FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de A Neves (Orgs). O Brasil Republicano – O Tempo do Nacional-estatismo. Civ. Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.
- VENTURA, Roberto. Estilo Tropical – História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 2000.